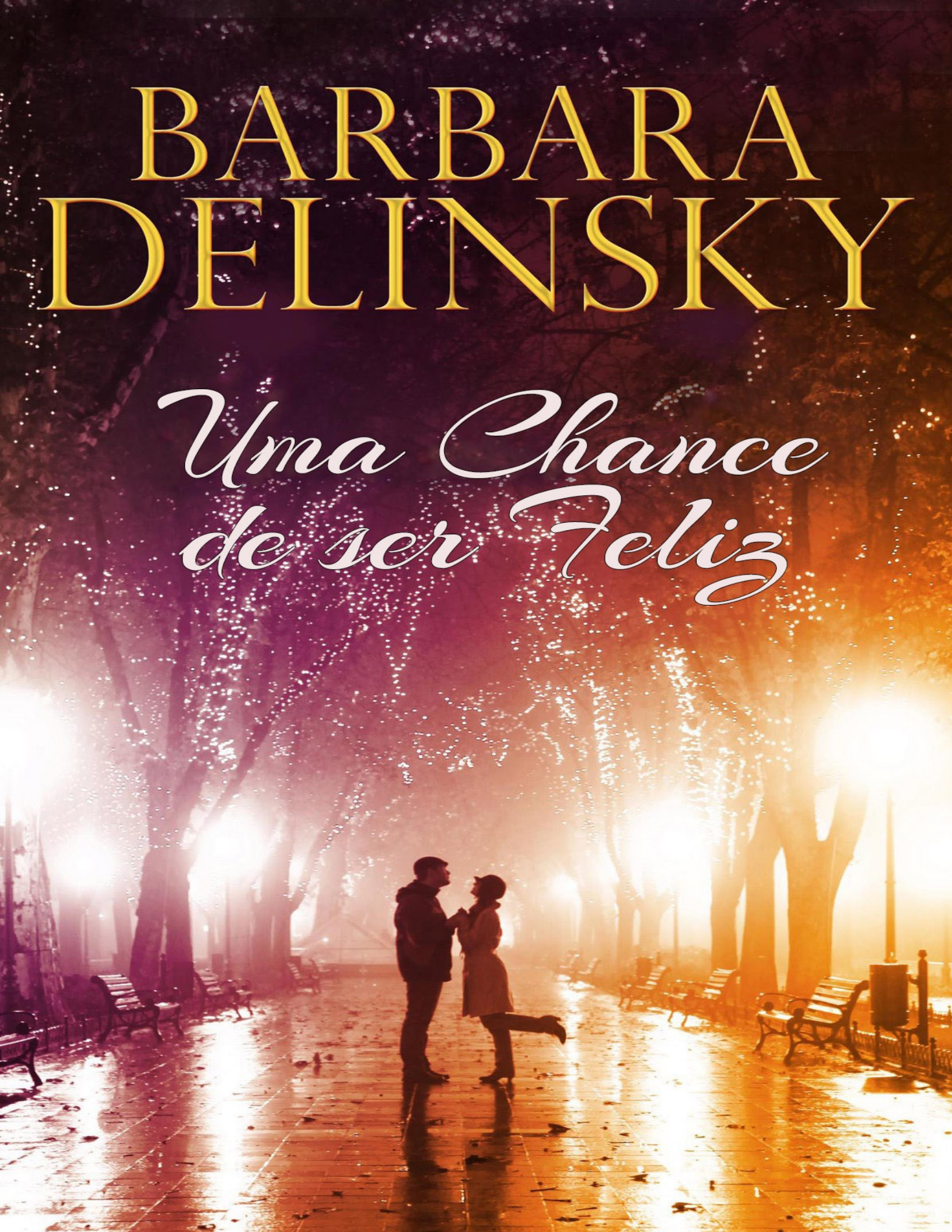




BARBARA DELINSKY

*Uma Chance
de ser Feliz*



UMA CHANCE DE SER FELIZ
Barbara Delinsky

SINOPSE

Para ele é só um jogo de sedução?

Liz Jerome é especialista em relações públicas e não costuma misturar o lado profissional com o pessoal. Mas quando é contratada para recuperar a imagem de uma das companhias de Donovan Grant, percebe que é difícil não se deixar seduzir por aquele homem. Donovan ameaça seu mundo seguro e isolado, fazendo com que ela deseje coisas que jamais poderia ter. Porém, um segredo doloroso não a deixa confiar nele. O passado ainda está muito vivo em sua memória, e Liz não vai correr o risco de se magoar outra vez.

Copyright © 1985 by Barbara Delinsky

CAPÍTULO I

Donovan Grant não tinha em absoluto a aparência que se esperava de um famoso homem de negócios. Usava suéter, jeans e mocassins em lugar do tradicional terno de três peças. Os cabelos castanhos, bem mais longos do que a moda exigia, caíam sobre a testa e sobre o colarinho da camisa xadrez que emergia da gola do suéter. Entretanto, o detalhe que mais a cativou foi a voz, mansa e educada, em contraposição ao tom de comando autoritário. Sentiu-se hipnotizada pelo fluir das palavras ditas aos executivos estrangeiros que tinham comparecido à palestra.

Elisabeth Jerome permanecia próxima à entrada do enorme aposento onde fora produzida a última coqueluche da nação: um jogo chamado *Quimera*. Ela procurou prestar atenção à exposição do assunto.

— Ao longo da história, as pessoas têm sido atraídas por jogos — dizia Donovan Grant. — É uma forma de relaxar, um desafio num plano menos ameaçador do que, vamos dizer, no trabalho ou mesmo num casamento. Jogos de tabuleiro como gamão e xadrez têm muitos séculos de idade. Mesmo jogos modernos, como *Monopólio*, já se tornaram tradicionais. Estão aí desde os anos cinqüenta.

— Mas o mercado está cheio de jogos novos. Por que o seu é diferente? — perguntou um dos visitantes, num inglês cheio de sotaque.

— É que o meu não requer mais do que um par de dados, algumas regras simples e a imaginação dos jogadores. Envolve fantasia e agrada ao intelecto. Desafia a mente independente, a mente que precisa de estímulos e de aventura em vez de acaso. No *Quimera*, os jogadores determinam a natureza e o alcance do jogo, um sentido de controle que pode estar faltando no cotidiano.

— Mas isso não se relaciona aos grandes negócios e ao mundo empresarial nos Estados Unidos — protestou um estrangeiro.

— Pois é aí que o senhor se engana — respondeu Donovan, voltando-se para o convidado. — A teoria que apóia o sucesso do *Quimera* também se aplica aos grandes negócios.

— Todos lemos seus livros, Sr. Donovan. Viemos para aprender suas teorias de estratégia econômica.

— Precisamente — disse Donovan, assumindo uma posição mais confortável à cabeceira da mesa de reuniões, que possuía um jogo *Quimera*

em frente a cada lugar. — Existe a antiga economia, tradicional, envolvendo processos de produção em massa e distribuição para grande consumo, e existe a nova economia, com mercados definidos e empregos distribuídos com muito mais eficiência. O *Quimera* emula a nova economia, forçando os jogadores a conseguir seu objetivo pelos meios mais eficientes. Num certo sentido, é uma experiência de aprendizado. Para vencer, o jogador deve ser mais engenhoso do que seu oponente. E este é o segredo do sucesso nos negócios, hoje em dia.

Os homens escutavam, progressivamente interessados. Em várias oportunidades, Donovan forneceu exemplos específicos, que envolviam inclusive a elaboração do próprio livro. Liz ficou tão fascinada quanto os outros no instante em que a sessão terminou. Os executivos avançaram para cumprimentar o homem responsável pela realização de inúmeros empreendimentos comerciais na década anterior. Ela, porém, permaneceu onde estava, até que o último dos grupos passasse e o gênio em pessoa se aproximasse.

— Você deve ser Elisabeth Jerome — disse ele, no mesmo tom calmo e controlado que usara na palestra.

Mais uma vez ela se encantou com a educação daquele homem, tão diferente dos chefes de empresa com os quais trabalhara no passado. Imaginou se seria tudo representação. Mas ele estendeu a mão e sorriu, relaxado.

— Isso mesmo — respondeu ela, retribuindo o aperto com energia. — Impressionante! Você usa a adversidade como vantagem. Estou contente por ter assistido à palestra.

— Para dizer a verdade, não planejei dessa forma. Eu a esperava só ao meio-dia.

— Consegui apanhar um vôo para Albany algumas horas antes do que havia programado — explicou Liz. Donovan a observava atentamente. Sem graça, ela dirigiu o olhar ao redor. — Seu motorista felizmente estava adiantado. Obrigada por enviá-lo. Por que escolheu Troy para construir suas instalações, quando todos os seus outros investimentos estão em Manhattan?

— Manhattan me deixa nervoso. Acho que no fundo sempre fui um garoto do interior.

Ela retribuiu o olhar profundo e, ao ver-lhe o sorriso, sentiu-se estranhamente vulnerável.

— Um garoto do interior? Mas os negócios são seu forte.

— Talvez — murmurou ele, oferecendo-lhe o braço. — Vamos até meu escritório. Deixe-me mostrar meus domínios...

Liz sabia que ele estava brincando, mas se sentia pouco à vontade. Donovan devia ter percebido a tensão, pois passou à frente.

O escritório era pouco mais do que uma versão em miniatura do aposento do qual haviam acabado de sair. As paredes, de tijolo aparente, estavam marcadas pelo tempo em alguns pontos. Um arquivo simples ficava contra a escrivaninha, na verdade uma porta antiga de pinho sobre dois cavaletes. A única concessão à modernidade era um computador.

Gesticulando em direção a uma cadeira, Donovan sentou-se na poltrona do outro lado da escrivaninha e rodou pelas tábuas de carvalho do assoalho até ficar próximo a ela. Inclinou-se para frente, apoiando os antebraços sobre os joelhos.

— Há quanto tempo trabalha com Karen Long? — indagou.

Liz cruzou as pernas e entrelaçou as mãos no colo. Rezou para que sua aparência fosse profissional. O terno acinzentado sempre complementava a pose. Entretanto, algo nos olhos dele a fazia sentir-se diferente.

— Há seis anos. Fui trabalhar com ela logo depois de terminar a faculdade.

— Você é formada em relações públicas?

— Sou — disse ela, sentindo que Donovan colocava em dúvida a sua capacidade profissional. — Posso assegurar que sou qualificada para lidar com seus problemas. Já tive outros, complicados e...

— Sei disso — interrompeu ele, sorrindo e recostando-se na cadeira. — Karen me deu um resumo dos clientes com os quais você já trabalhou. Calma, não pretendo morder ninguém.

— Sei disso. É só que... bem, você é muito... diferente.

— De que forma? — indagou ele, inclinando a cabeça.

— Não sei... acho que é seu jeito. Eu esperava um pouco mais de... formalidade.

— Karen não lhe falou sobre mim?

O tom da pergunta a deixara curiosa. Só mais tarde lhe ocorreu que aquele era o efeito que ele pretendia.

— Ela me contou sobre o Grupo Donovan e sobre seu problema. Já havia lido sobre isso nos jornais.

— Ela contou que conhecíamos um ao outro?

— Karen mencionou que eram amigos de longa data, mas não deu nenhum detalhe. Onde vocês se conheceram?

— Na faculdade. Nos anos sessenta. Ambos éramos revolucionários.

— Karen... uma revolucionária? Não posso acreditar.

Liz imaginou o qualificativo aplicado à sua chefe e amiga.

— Ela esteve a meu lado em várias demonstrações pela paz, agitando cartazes e mantendo a posição com tanta garra quanto o resto de nós — disse ele, balançando a cabeça. — Era uma visão e tanto, posso garantir. Cabelos pretos até a cintura, jeans desbotado, pés descalços e camisa solta, sem sutiã... Uau!

— Vocês dois foram namorados? Meu Deus... desculpe-me. Isso não é da minha conta.

— Tudo bem, eu provoquei. Ficamos juntos por algum tempo, mas não a vejo há anos. Como está Karen agora?

Foi a vez de Liz sorrir.

— O cabelo dela ainda é negro, mas está cortado bem mais curto. Agora usa vestidos de seda, sapatos italianos e acredito até que esteja usando... sutiã. Mas, se você não a via há tanto tempo, por que lhe telefonou ontem?

— Faz parte da minha filosofia, algo que estive tentando explicar agora há pouco. Para ser bem-sucedido é preciso identificar fraquezas e fortificá-las da forma mais eficiente possível. A companhia de Karen Reynolds é a melhor. Posso não ter mantido contato durante esses anos todos, mas conheço bem a reputação dela. Gosto mais quando você sorri.

— Como assim?

— Você sorriu um minuto atrás. Foi ótimo. Mas agora está franzindo a testa. Eu disse alguma coisa errada?

— Estou imaginando se você está desapontado por Karen ter me enviado.

— E por que motivo eu ficaria desapontado? — indagou ele, intrigado.

— Não sou Karen.

Apesar disso, ele sentia que havia algo familiar na figura daquela moça. Talvez fosse o cabelo castanho, arrumado de forma incomum para uma executiva. Os olhos eram ainda mais atraentes, transmitindo vivacidade e inteligência, oferecendo desafio.

— Você foi treinada por ela, que a recomendou a mim. Nunca esperei que Karen fosse lidar com o assunto pessoalmente. Na verdade, se ela tivesse sugerido essa possibilidade, eu ficaria desconfiado.

— Por quê?

— Porque preciso de toda a atenção. É essencial para que o trabalho seja bem-feito. Karen, como administradora, deve manter o controle de tantas coisas ao mesmo tempo que não poderia me atender como desejo. Você não tem tantos deveres administrativos assim.

Alguma coisa naquelas palavras fez com que Liz ficasse pouco à vontade. Ou talvez fossem os olhos. Eram intensos, exigentes de uma forma que nem a voz nem a pose casual sugeriam. Se ela fosse outra mulher, poderia ter sido tentada a adicionar mais significado ao comentário. Porém, tratava-se de Elisabeth Jerome. Uma profissional.

— Vamos falar do trabalho.

— Claro. Durante o almoço — disse ele, erguendo-a pela mão.

Liz não teve escolha senão segui-lo. Depois de acomodada no banco do passageiro do Audi esporte, comentou: — Belo carro... para um revolucionário.

Por mais que tentasse, não conseguia imaginá-lo como capitão de indústria. De qualquer forma, seria útil conhecer o homem.

— Revolucionários também crescem — comentou ele. — Também desenvolvemos gostos pela boa vida. Quer dizer, nossa personalidade não muda: ainda gostamos de ser diferentes. Mas precisamos aprender a temperar nossas necessidades e canalizá-las para onde mais importa.

— Isso quer dizer que parou de acreditar em passeatas?

— Não completamente. Se eu acreditasse muito numa causa e sentisse que uma demonstração pública fosse o melhor a fazer, estaria marchando. Mas agora tenho alternativas. Tenho mais influência e poder. É uma questão de trabalhar do interior do sistema para mudar o que acredito estar errado.

— É sobre isso sua consultoria?

— Está a par do assunto?

— Apenas no sentido mais amplo, com os recursos que colocaram à minha disposição no último minuto. Sei, naturalmente, que você está envolvido com comidas naturais, com um sistema de entregas e uma empresa aérea. Porém, de acordo com o que li, foi seu trabalho de consultoria que o tornou famoso. É seguidor de algum culto ou coisa parecida?

— Eu não chamaria assim. É que as pessoas estão sempre prontas a agarrar alguma coisa, ou alguém que lhes dê esperança. Recebo telefonemas o tempo inteiro, de pessoas com planos e idéias mirabolantes, querendo saber se as devem colocar em prática. Na maior parte das vezes aconselho que abandonem tudo, mas nem isso parece funcionar.

— Você está abusando da modéstia. Boa parte da consultoria que faz é realizada em larga escala. Foi chamado pelas maiores empresas do país para opinar sobre como administrar melhor seus interesses.

— Os interesses são monstruosidades, que é a causa principal do problema.

Crescimento sem planejamento adequado logo sai fora de controle. A mão direita não sabe o que a esquerda está fazendo. Não é preciso ser um gênio para ver que precisam perder gordura econômica. De onde você é, Elisabeth Jerome?

A súbita mudança de assunto, sem a correspondente alteração de tom, apanharam-na desprevenida. Mas não demorou a responder: — De Baltimore. Conte-me sobre seu interesse em comida natural.

— Faz muito tempo. Nos meus dias de... inconformista, eu sempre discutia contra a adição de produtos químicos à comida. Quando percebi que ia ter de trabalhar para viver, pareceu uma coisa natural comercializar produtos cultivados organicamente. Para dizer a verdade, meu sucesso se deve mais à sorte. Sorte, sentido de oportunidade e paciência. Entrei no campo cedo o bastante para descobrir minhas fontes e estabelecer uma operação eficiente antes que o público se voltasse para as comidas naturais. Eu estava pronto quando o mercado se formou e explodiu.

— Foi sorte ou visão?

Donovan deu de ombros.

— Gostaria de dizer que foi apenas visão, mas na época não estava pensando nos lucros. Ainda era hippie.

— Mas soube fazer as coisas certas.

— Acho que foi instinto, embora eu só tenha reconhecido isso muitos anos depois. Comecei com uma loja em Los Angeles e teria ficado satisfeito com isso na época, mesmo que só me desse o suficiente para sobreviver. Quando as coisas melhoraram, o desafio cresceu. Contratei mais agricultores e abri um segundo ponto de distribuição, depois um terceiro, e assim por diante. Foi como um jogo. Antes de perceber eu já me tornara empresário.

— E hoje em dia? Qual o tamanho do seu empreendimento?

— Tenho estações de processamento em seis Estados, mais de trinta e seis mil hectares de terra cultivada, cerca de mil empregados e uma rede de distribuição que se estende a doze países. Acho que é bem grande.

— Grande o suficiente para inspirar sabotagem? — indagou Liz, com ar pensativo.

Donovan ergueu a mão, num gesto que poderia ter sido brusco não fosse acompanhado de um sorriso.

— Ainda não. Não consigo discutir esse tipo de assunto com o estômago vazio. Quando você saiu de Baltimore, Elisabeth?

Ela teve vontade de pedir que ele a chamasse de Liz, mas não o fez. Algo

na forma como ele pronunciava seu nome completo lhe agradava de maneira inédita.

— Quando fui para a faculdade.

— Onde?

— Emery.

— Em Atlanta? Um lugar admirável.

— É mesmo.

— Formou-se onde?

— Na Universidade de Boston.

— Sempre quis trabalhar em Manhattan?

— Só depois que percebi que os melhores empregos eram de lá — respondeu ela. Depois olhou para fora e viu que deixavam a cidade. — Para onde estamos indo?

— Para minha casa. Faço os melhores hambúrgueres com queijo do mundo.

— Bem... acho que a gente podia ter comido alguma coisa na cidade — disse ela, pouco à vontade.

— Achei que seria melhor assim. Precisamos de isolamento para os assuntos que vamos discutir.

— Nós poderíamos ter ficado no escritório.

— Não. É impessoal demais.

— Este é um assunto impessoal.

— Espero que não! — afirmou ele, encarando-a.

Liz desviou o olhar, sem graça.

— Tudo bem — assegurou ele. — Só estou falando de trabalho. É que para mim esta é uma questão pessoal. Você é arredia. Recebe muitas cantadas?

— Não. É que gosto de me manter no terreno profissional.

— Nunca mistura negócios com prazer?

— Não.

— Nem um pouquinho? — insistiu ele em tom provocante.

— Não.

— Isso é uma vergonha. O que você faz para se divertir?

— O mesmo que as outras pessoas fazem.

— O quê, por exemplo?

— Ler. Comer fora. Ir ao teatro.

— Sozinha?

— Às vezes. Às vezes, não. Me fale mais sobre o Grupo Donovan. Alguma coisa além do serviço de entrega, da comida orgânica e da companhia aérea?

— Já jogou *Quimera*?

— Não. Uma vez fui comprar, mas tinha se esgotado. Houve uma falta do produto. Foi intencional?

— Na verdade, não. Mas serviu para aguçar o apetite do público. Nós na verdade não conseguimos prever a demanda inicial. Depois a produção aumentou e o problema foi resolvido. Darei um conjunto para você e alguns folhetos com cenários em potencial, antes que vá embora.

— Não é necessário. Posso comprar...

— Gostaria de dar-lhe um. Se quiser, considere um adiantamento do pagamento por seus serviços.

Outra vez Liz sentiu-se pouco à vontade com a forma como ele mencionara "serviços". Procurou controlar-se.

— Onde estamos agora?

— Na direção nordeste. Se continuarmos sempre assim, vamos acabar nos Montes Adirondacks. Já os explorou?

— Não. Mas ouvi dizer que são lindos.

— O parque é o maior do país. Seis milhões de acres no noroeste do Estado de Nova York. Também é considerado um dos mais belos. As áreas do lado nordeste são menos conhecidas, algumas completamente inexploradas. Por mais hostil que seja o ambiente, é lindo mesmo.

— Você já foi lá?

— Só conheço alguns trechos. Se viver o suficiente, acho que vou conhecer tudo. Quero dizer, falamos sobre o Parque Nacional, mas por aqui a natureza é tão bonita quanto lá. Quando se está sozinho, cercado pelos sons da mata...

— Então não são só as mulheres que o atraem?

— A natureza me atrai. Assim como os negócios. De uma forma diferente de uma mulher, claro — declarou Donovan, sorrindo.

— Claro.

— Onde eu estava mesmo?

— Dando uma aula de geografia.

— Ah, sim...

— Estávamos nos Adirondacks.

— Não falávamos nas mulheres?

— Um assunto irrelevante.

— Espere um pouco. Eu não diria que meu corpo é irrelevante. Aliás, poderíamos fazer uma comparação entre a geografia dos corpos...

— Os Adirondacks? — interrompeu Liz. — Já que se recusa a falar sobre

negócios, pelo menos podia me dar uma lição de geografia.

— Era exatamente o que eu tentava fazer.

— Os Adirondacks?

— Certo. Eles cobrem uma região de seis milhões de acres...

— Você já disse isso.

— É mesmo? Bem, onde eu estava antes de ser rudemente interrompido? — quis saber ele.

— Você não foi rudemente interrompido.

— Fui sim. E foi você quem levantou o outro assunto.

— Só quando você começou a falar sobre o Parque Nacional e sua extensão.

— Ótimo. Vamos continuar daí. A extensão do corpo humano... não passa de um território inexplorado, sustentado direta ou indiretamente pelo sol, cheio de reentrâncias e saliências aguardando exploração?

Liz levou as mãos ao rosto e apoiou a cabeça. O brilho nos cabelos dela o deixou fascinado.

— As áreas mais ao sul dos Adirondacks foram exploradas no século passado para extração de madeira. Felizmente a maior parte da floresta cresceu de novo, embora antigas estradas de madeireiros ainda existam. Algumas áreas de propriedades particulares estão no meio das terras do governo, mas até mesmo os donos costumam proteger a terra.

— Você por acaso mora numa dessas áreas?

— Não consegui comprar nenhuma. O pessoal não quer saber de vender. Veja, aqui está a entrada da minha casa — observou ele, olhando para o lado.

Se estivesse sozinha, Liz teria passado reto. Ele diminuiu a velocidade e fez a curva, entrando na trilha escondida em meio à vegetação. Pinheiros e ciprestes dividiam espaço com árvores cujas folhas já haviam iniciado a queda outonal.

— Isto aqui é natureza virgem de verdade! Mal posso acreditar que estejamos a uma hora de vôo de Manhattan.

— Detalhe que torna tão especial morar aqui.

— Vai à cidade todos os dias?

— Não. Tenho um escritório lá, mas minha base é aqui.

— E que base! — comentou ela, com certa inveja. — Onde fica a casa?

— Mais um quilômetro e chegamos.

— Meu Deus, como você faz quando neva?

— Preciso chamar um reboque. E este carro tem tração nas quatro rodas.

Lembro-me de uma ou duas ocasiões em que...

— Posso imaginar. Você fica completamente isolado aqui, não fica?

— Fico. E moro sozinho. Sem esposa. Nem namorada. Nem governanta.

— Está tentando me assustar?

— Não. Só estou passando a informação de que estou disponível.

— Mas eu não.

— Você não é casada.

— Não — admitiu ela, estendendo as mãos. — Mas temos um relacionamento comercial. Não pode ser nada além disso.

— Por que não? — indagou Donovan, com ar inocente.

— Porque não.

— Mas tem de haver um motivo.

— Simplesmente não.

— Não é um bom motivo.

— Onde fica a sua casa, afinal?

— Aqui.

Como se obedecendo ao comando dele, uma casa materializou-se no meio da floresta. Era feita de pedras e parecia uma relíquia dos dias antigos, com exceção das grandes janelas panorâmicas.

— É maravilhosa! — comentou Liz, esquecendo as rugas.

— Obrigado. Gosto dela.

Donovan estacionou e deu a volta ao carro para abrir a porta do passageiro. Estendeu a mão para ajudá-la a descer.

O interior da casa era delicioso, ainda que levemente desarrumado. Mesmo Donovan fez uma careta ao perceber o monte de jornais e revistas espalhados em volta do sofá.

— Desculpe a bagunça — disse, adiantando-se e recolhendo os papéis. — Não pensei que fosse ter convidados para o almoço.

Ela quase lhe perguntou o que planejava originalmente, mas resolveu não fazê-lo. Enquanto Donovan recolhia as coisas do chão e as levava para outra dependência, Liz olhou ao redor.

— Fique à vontade — disse ele, de outro lugar. — Vou colocar a carne no micro-ondas para descongelar. Só vai demorar um minuto.

A sala era grande, decorada com poucas peças, mas todas com personalidade, como as confortáveis poltronas estofadas em couro e os quadros nas paredes, que conferiam ao ambiente um ar decididamente familiar. As estantes altas estavam cheias de livros arrumados de forma errática. Uma

mesa baixa de vidro ficava sobre o tapete felpudo que se destacava no chão de madeira polida. Uma grande lareira, coberta de cinzas que atestavam o uso constante, erguia-se no centro de uma das paredes. Ao lado havia uma cesta de lenha.

Num mezanino aberto no andar superior havia outro sofá, uma televisão e um conjunto de som.

Livros e revistas também se encontravam nas dependências de cima, produzindo um ar acolhedor.

Os sons da cozinha chamaram-lhe a atenção. Ficou tentada a seguir o ruído, mas resolveu permanecer onde estava e procurou acomodar-se uma das poltronas. Dobrou as mãos no colo e examinou as cercanias. Seus olhos pousaram sobre as estantes, despertando curiosidade sobre o tipo de livros que ele lia. Ergueu-se e foi examinar os títulos. Alguns eram sobre negócios, mas a maior parte cobria outros tópicos. Havia vários livros sobre viagens, arte, alpinismo e filosofia. Havia ainda auto-ajuda e romances, muitos que Liz já lera.

— Está estudando minha coleção? — disse ele. — A gente pode aprender um bocado de coisas sobre um homem sabendo o que ele lê.

— Era o que eu estava imaginando. Cada informação ajuda, se pretendo representar você direito.

— Não pretende anunciar ao mundo que leio literatura escapista, pretende? — indagou ele, olhando as lombadas que a interessavam.

— Não acho que exista nada de errado com isso, embora eu tivesse preferido o livro que L'Amour escreveu antes desse.

— Você também lê? — perguntou ele, surpreso.

— Todo mundo lê.

— Mas pensei que só os homens preferissem livros de caubói.

— Mas que comentário preconceituoso! Principalmente vindo de um hippie... É chocante!

— Gosto de chocar as pessoas. Faz parte do jogo.

Liz sentiu-se pouco à vontade. Donovan estava perto demais. Sentiu vontade de correr e esconder-se.

— Que jogo?

— O jogo da vida. Do amor.

Ela não gostava de jogos, em especial os que lidavam com amor. Ou erotismo. Ou necessidade física. Ou como quer que Donovan escolhesse chamar. Afastou-se, apoiando-se contra as costas da cadeira onde se havia

sentado antes. Ele a acompanhou.

— Desculpe, não quis assustar você. Acho que tenho esta capacidade, não?

— Não estou assustada.

— Depois se sentiu ameaçada. Por quê?

— Não me sinto ameaçada — mentiu Liz.

— Bem, pode chamar como quiser, mas o fato é que está nervosa. Não compreendo. Você é uma mulher atraente. Certamente está acostumada à provocação dos homens.

— Não gosto de provocações. Olhe, talvez você devesse trabalhar com outra pessoa. Eu podia voltar e falar com Karen...

— Não quero trabalhar com outra pessoa. Quero trabalhar com você.

— Mas obviamente nós chegamos a um impasse...

— Acho que você chegou sozinha a esse impasse. Não estou vendo nenhum problema. Não pretendo seduzi-la. E não tinha nada sinistro em minha mente quando a trouxe. Talvez, se relaxar e encarar minhas brincadeiras com um pouco de humor, possa descobrir que sou um sujeito simpático.

— Você é simpático — protestou ela, encarando-o. — É que... não sei, não estou acostumada com provocações. Fico sem graça.

— Acho que posso lidar com isso. Você sabe cozinhar?

Liz franziu a testa, antes de perceber que ele estava mudando de assunto.

— Não sou nenhuma maravilha gastronômica. Mas sei me virar.

— Ótimo. Nesse caso não terei que me preocupar quando descobrir o que misturei com o hambúrguer... venha comigo.

Ela desejou não ter preconceitos, naquele instante. Teria de decidir se confiava ou não em Donovan. Inspirou profundamente e o seguiu. Afinal, tinha vinte e nove anos e era uma profissional independente. Foi seu instinto profissional que a fez ganhar coragem para mover-se.

Quando chegou à porta da cozinha, Donovan estava de costas para ela. Apanhara uma garrafa no armário, depois vários potes de tempero. Liz aproveitou para examinar os arredores, com prazer renovado. Não se tratava de uma cozinha antiga, mas com todos os eletrodomésticos modernos. Havia um micro-ondas, um forno à altura dos olhos e várias bancadas espaçosas de madeira. O final do aposento abria-se para uma sala de jantar. Assim como na sala de estar, ali também não havia cortinas para esconder a luz do sol que se derramava sobre a mesa laqueada e o assoalho de cerâmica.

— Tudo bem? — indagou ele, com uma ponta de insegurança.

— Tudo ótimo. Você deve ter feito uma bela reforma quando comprou este

lugar. Não esperava nada tão moderno assim.

— Achei que, sendo a comida natural e saudável que me trouxe até aqui, eu devia dar um bocadinho de atenção à cozinha.

— Desde quando hambúrgueres com queijo são chamados de comida saudável? — provocou ela.

— Não sou mais o maluco que eu era — respondeu Donovan, corando por um instante. — Além do mais, carne magra e queijo são a parte protéica da refeição. Isso significa que compro a melhor matéria-prima, sem conservantes ou aditivos químicos, e não sirvo doces como sobremesa. Podemos comer frutas frescas. Ou fatiar cenouras para acompanhar os hambúrgueres. Adoro cenoura crua. Não olhe para mim desse jeito. São boas *mesmo*.

— Para coelhos.

— Coelhos são animais muito saudáveis, sabia? Pare de me olhar desse jeito. Estou muito além da salvação. Tenho uma mente que funciona para um lado só.

— Pode ser, mas você muda de assunto com rapidez. Talvez, se a gente conversasse sobre o maníaco que envenenou seus campos...

— Ainda não — disse ele, erguendo a mão. — Primeiro comeremos.

— Acho que primeiro precisamos cozinhar, certo?

— Certo. Cozinhar — disse ele, apanhando uma tigela para misturar os ingredientes. — Sente-se e me conte sua vida.

— Já fiz isso.

— Onde você mora? Num apartamento? Na cidade ou fora?

— Se eu morasse fora da cidade não estaria verde de inveja agora. Tenho um apartamento na cidade.

— Você caminha até o trabalho?

Liz percebeu que ele colocava ingredientes à vontade.

— Quando o tempo está bom, sim. Se não, vou de ônibus.

— Como é seu horário de trabalho?

— É bastante irregular. Eu rendo melhor pela manhã, portanto procuro acordar cedo, embora o fato de ir jantar com clientes me ocupe até tarde. Quando viajo, perco a conta do dia.

— Gosta de viajar? — quis saber ele, ocupado em misturar com as mãos a carne moída aos temperos.

— Adoro. Gosto de conhecer pessoas diferentes em outras partes do país.

— Viajava com sua família quando era pequena?

— Viajava. Mas nunca com o tipo de liberdade que tenho agora.

— Não pode haver liberdade demais quando se está trabalhando.

— Alguns casos são mais complicados do que outros. Geralmente consigo algum tempo para conhecer o lugar, ou fazer compras.

— Gosta de fazer compras?

— Gosto de comprar presentes para as outras pessoas. Sempre tem algum conhecido com aniversário perto, ou outro tipo de desculpas para comprar alguma coisa. Gosto disso.

— Vinte e cinco de fevereiro. Três de outubro. Quatro de junho.

— O que disse?

Ele bateu uma bola de carne contra a bancada de mármore, achatando-a. Depois retirou-a e colocou-a diretamente na grelha.

— Vinte e cinco de fevereiro: meu aniversário. Três de outubro: o aniversário de incorporação do Grupo Donovan — respondeu, produzindo outro hambúrguer. — Quatro de julho: minha formatura na faculdade. Essa sim foi uma data marcante. Foi um milagre que eu tenha conseguido, que a universidade tenha engolido seu orgulho e me concedido o diploma. Não que eu estivesse fazendo prova ou algo parecido. Quando recebi a notícia estava distribuindo panfletos. Não me lembro exatamente qual era o protesto... discriminação sexual? Fluorização da água? Não me lembro. Ah, tem mais uma data. Vinte e três de novembro.

— O dia que acertaram Kennedy?

— O dia em que meu filho nasceu.

— Seu filho? Mas eu pensei que...

— Nunca chegamos a nos casar, eu e Ginny. David é um amor de criança. Infelizmente nós dois ultrapassamos nosso amor. Foi uma coisa rápida. Nos encontramos, tivemos um caso e nos separamos. Ela encontrou outra pessoa em pouco mais de um ano e se casou.

— E... David?

— O padrasto, Ron, adotou-o legalmente, e deu nome a ele. Ele e Ginny têm três filhos e David parece contente.

— Você o vê sempre?

— Agora que está mais velho, eu o encontro mais — respondeu Donovan, enxugando as mãos na toalha e apanhando na carteira uma fotografia do filho.

— É um belo rapaz — disse ela.

— Já é quase um homem. Vai fazer dezessete anos no mês que vem.

— Você deve ter muito orgulho dele.

— Para dizer a verdade, tenho, mas não sei se posso me sentir assim. Afinal, só contribuí com os genes.

— Você é pai dele — lembrou Liz.

— Mas não tive muito a ver com a criação.

— Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes?

— Na época, não — respondeu ele, apanhando a espátula e manipulando os hambúrgueres na grelha. — Eu estava ocupado comigo mesmo, de uma forma absolutamente egoísta. Depois passei essa fase, e agora tenho pena de não ter aproveitado a companhia de David, quando criança. Ele é um sujeito legal. Acho que eu devia ser grato a Ginny e Ron por o terem criado assim. Mas não sei por que estou falando sobre isso com você.

— Sou boa ouvinte.

— Não conto sobre David para a maior parte das pessoas. É... difícil admitir que fui tão irresponsável quando jovem.

— Você foi jovem, só isso.

— Ginny também foi, mas ela se tornou uma ótima mãe.

— Ela teve nove meses de prática até David nascer. Além disso, se ela casou logo depois e teve mais três crianças, deve ter desejado esse tipo de vida. Ela devia estar pronta na época. Você simplesmente... levou mais tempo.

— Por que é tão compreensiva?

A perplexidade dele a fez sorrir.

— Porque faz sentido. Se você se tivesse forçado a casar na época, provavelmente teria se sentido mal. Não seria feliz. Não teria conseguido tudo o que conseguiu. Além do mais, estou examinando o assunto do lado de fora. É mais fácil colocar as coisas em perspectiva quando a gente não se envolve pessoalmente.

— E você? Nunca quis filhos?

— Adoro crianças.

— Mas nunca teve vontade de ter filhos?

Era um dos desejos dela, porém o olfato de Liz detectou um assunto mais urgente.

— Acho que nosso almoço está queimando — observou, olhando para a grelha.

Girando, Donovan se pôs a salvar os hambúrgueres, virando-os e colocando uma fatia de queijo sobre cada um. Em pouco tempo serviu o que ela teria de admitir ser o melhor hambúrguer com queijo que já provara.

CAPÍTULO II

— Acho que Verônica deve lidar com o grupo de Donovan — disse Liz ao chegar ao escritório.

Karen Reynolds baixou a xícara de café e a observou por sobre os óculos de tartaruga.

— Por que Verônica?

— Ela trabalha com você há muito mais tempo do que eu. Tem mais experiência.

— Você é mais inteligente.

— Bem... que tal Julie? Ela, sim, é inteligente.

— Julie está ocupada com Jonathan Douglas.

— Também tenho outras coisas. Preciso providenciar a publicidade para a Eastern Leather e o relatório trimestral de Humbart. Além disso, tenho de marcar as reuniões sobre o...

— O que aconteceu, Liz?

— Encontrei com ele. Conversamos. Só acho que não sou a pessoa correta para tratar desse caso.

— Você é quem resolve os piores problemas que eu tenho. É a *melhor* para este caso.

— Que tal Donna? Ela resolve tão bem essas dificuldades quanto eu.

— Donna tem um marido e dois filhos, e suas horas são mais limitadas. Não comece a me enrolar. Sente-se e me conte qual é o problema — pediu Karen.

— O problema é Donovan Grant.

— Donovan é um problema? Não acredito. Sempre foi um sujeito decente e cordato.

— Acho que não vou poder trabalhar com ele.

Karen recostou-se em sua cadeira, apanhada de surpresa. Não costumava bancar o cupido, mas algo a fizera pensar que os dois formariam um belo casal. Serviu-se de um café, que Liz recusou com um gesto.

— Pois achei que vocês iriam se dar bem. O que aconteceu?

— Ele é um provocador.

— Donovan Grant? Tem certeza de que estamos falando sobre o mesmo homem? O Donovan que eu conheci tinha fala macia e era honesto.

Provocador? Não. Charmoso? Talvez — disse Karen, sorrindo. Em seguida sua expressão ficou curiosa. — Como ele está agora?

Pela primeira vez naquela manhã, Karen sorriu.

— Engraçado, ele perguntou a mesma coisa sobre você.

— Faz mais de dezessete anos que não o vejo, a não ser em fotografias, nas revistas e jornais. Ele está bem conservado?

— Não acho que tenha envelhecido.

— Ora, Liz, o tempo passa para todos. Como ele está? Quer sentar-se, por favor?

— Eu não o conheci antes, mas acho que está... simpático.

— Pare com isso. Ele sempre foi simpático. Como está a aparência dele?

— É alto e magro, mas sólido. Olhos castanhos, mais para um tom claro. Cabelos castanhos e compridos, mais claros perto da têmpora.

— Cabelos brancos? — indagou Karen, apreciando o fato de não ser a única para quem o tempo passava.

— Brancos? Não sei, acho que não. Ele tem um ar de menino.

— Vamos, o sujeito tem quarenta anos. Já deve ter cabelos brancos.

— Seja como for, não parece velho, apesar das linhas nos olhos. E das sardas...

— Aquelas sardas, como pude esquecer? Eu ficava maluca por aquelas sardas.

Liz recordou as mãos dele e a sensualidade do andar. Não queria pensar nessas coisas, que persistiam em sua mente. Tampouco falaria sobre elas a Karen.

— Então qual é problema? Você chegou a discutir a contaminação dos campos, não chegou?

— Claro. Muito do que ele disse eu já sabia pelos jornais. Os campos em questão produzem alface, na Califórnia. *Alface orgânica*.

— Que significa?

— Quer dizer, cultivada num solo composto, sem fertilizantes manufaturados, nem pesticidas nem herbicidas. Segundo Donovan, os únicos líquidos aspergidos sobre as plantas são de origem vegetal, como alho e urtiga. Alguém com certeza colocou o que não devia dentro dos pulverizadores.

— Ele tem alguma idéia sobre quem possa ter feito isso?

— Está tão em dúvida quanto a polícia. Tem estado em contato permanente com as famílias das duas mulheres que morreram, e liga diariamente para o

hospital de Sacramento, onde estão os outros pacientes em observação. É impossível saber o total de pessoas afetadas. Alguns sofriam casos fortes de indigestão, que se resolviam em um dia. Concordamos em que a melhor solução para ele era tornar pública a situação, discutir o problema e as medidas de segurança necessárias para se certificar de que isso não aconteça de novo.

— Medidas de segurança?

— Ele contratou guardas para fazer a segurança da plantação e comprou um radar especial para detectar qualquer substância lançada do ar. Provavelmente foi o que aconteceu: um avião de pulverização à noite espalhou o veneno em pó sobre a plantação. Havia nevoeiro, e ninguém iria escutar o ruído do motor voando baixo.

— Foi um milagre o aparelho não se espatifar no nevoeiro, voando baixo.

— Quem quer que tenha feito isso, tem coragem.

— E não existe nenhuma pista?

— Os investigadores procuraram nos registros dos aeroportos da área. Provavelmente foi um avião particular saindo de um campo particular. As autoridades estão aguardando informações de alguma outra fonte. Ou então...

— Ou então a gente nunca vai ficar sabendo.

— Isso — concordou Liz, a contragosto. — De um ponto de vista egoísta, seria muito melhor que pudéssemos apresentar um maníaco qualquer como responsável, se o caso fosse resolvido.

— É isso o que Donovan acha? Que foi um maníaco? — quis saber Karen.

— Você quer dizer, ao invés de acreditar que alguém tenha agido especificamente contra ele? Eu perguntei, mas ele diz que não tem inimigos. Sugeri que pudesse ser alguém com inveja do seu sucesso, mas Donovan não acredita nisso. De qualquer forma, se alguém for apanhado, a situação vai melhorar para todos nós.

Karen deu o gole final na xícara de café, com ar pensativo.

— Muito bem. Concordo em que a melhor solução no momento é tornar tudo público. O que você aconselha?

Liz estava tomada pelo profissionalismo e nem percebeu que se comprometia definitivamente com o caso.

— É preciso que sejam escritas cartas para todas as empresas do grupo, além de distribuidores e clientes. Porém a mídia mais eficiente devem ser a televisão e o rádio, e Donovan é perfeito para fazer esse comunicado, com aquela voz calma e controlada. Alguns artigos nos principais jornais devem

complementar essas declarações. Nesse ponto o problema se torna público. Se o medo levar a um boicote de toda a linha de produtos orgânicos, embora os itens contaminados tenham sido removidos das prateleiras... isso poderia provocar um dano irreparável para o futuro das empresas. É um pouco cedo para falar em números, mas as vendas estão fracas e muitas entregas foram suspensas. Por isso precisamos de um impacto forte, que não demore muito.

— Então comece a providenciar. Presumo que possa obter as informações de que precisa com alguém das empresas de Donovan. Não é longe daqui. Combinou alguma coisa com ele?

— Disse que passa mais tarde para me apanhar — respondeu Liz, depois de pensar um pouco. — E eu tinha imaginado arranjar uma substituta até então.

— Como assim, substituta? Este caso mal começou e você tem idéias tão boas... Este caso foi feito para você.

— Vou encontrar problemas.

Karen estudou o rosto de Liz por alguns instantes, antes de responder: — Donovan assusta você e isso não tem nada a ver com negócios.

— Não me sinto à vontade com ele.

— É normal a gente sentir uma certa ansiedade em relação a um novo cliente.

— Não é uma *certa* ansiedade. É uma *grande* ansiedade.

— Você vai ultrapassar isso quando começar a agir no caso.

— Não acho — disse Liz.

— Por que não?

— Porque ele é tão...

— Bonito? Você já trabalhou com outros homens bonitos.

— Não é isso, ele é tão... tão...

— Charmoso? Isso só torna as coisas mais agradáveis.

Liz procurou palavras para descrever o que sentia. Nunca se sentira ameaçada. Algo acontecia dentro dela quando estava perto de Donovan Grant, e que a deixava tensa.

— Não consigo relaxar quando estou com ele — afirmou por fim. — E com isso não sei se serei capaz de realizar o trabalho da melhor forma possível.

Karen não se deixou enganar em nenhum instante. Sabia julgar seus profissionais. Talvez Liz precisasse de um pouco de franqueza.

— Me diga uma coisa. Você gostou de Donovan? É isso que a preocupa?

— Claro que não.

— Claro que não... o quê? Você não gosta dele ou não é isso que a

incomoda?

— Nunca penso em *gostar* dos meus clientes. Você sabe disso.

— Até que não seria tão mal... com alguém como Donovan — sugeriu Karen, com um sorriso malicioso.

— Isso não é bom para os negócios.

— Não estou falando de negócios agora.

— Como pode fazer isso comigo? — perguntou Liz, implorando com o olhar.

Karen ergueu-se e caminhou até a amiga, passando o braço pelos ombros dela.

— Faço isso porque me *importo* com você. Porque acho que Donovan a perturbou. E porque sei como se sente.

— Nesse caso, talvez *você* deva trabalhar com ele.

Karen riu.

— Não posso dar a atenção que o caso merece. Se existe uma coisa que aprendi nesses doze anos em que construí meu negócio foi a delegar trabalho. Além do mais, já tive minha época com Donovan. Apreciamos um ao outro, depois nos separamos. Não é o tipo certo para mim. Ele é muito... suave. Sempre fui mais agressiva e ambiciosa.

— Como pode dizer uma coisa dessas depois de ver o que ele construiu? Tem de ser agressivo e ambicioso.

— Sei que Donovan é melhor do que isso. Pode parecer um pouco diferente agora, mais sofisticado, com mais experiências. Só que ainda é sensível e, pelo que andei escutando, um idealista. Ousaria dizer que, se as empresas se dissolvessem, ele se voltaria para outra coisa.

— Se isso é verdade, por que está tão preocupado com os danos que seus produtos causaram?

— Porque é sensível e brilhante. E este é um novo desafio para enfrentar... novas pessoas, novos empreendimentos. Por que acha que ele fica inventando novas divisões para o grupo comercial? Neste ano foi o *Quimera*. No ano que vem será algo diferente — afirmou Karen. — Não que ele perca interesse nas coisas antigas, mesmo porque os dados no relatório desmentem esse aspecto. Sempre foi muito dedicado a todas as causas que resolve abraçar. Entenda, era tão irresponsável quanto o resto de nós. Mas sempre tive um sentimento diferente em relação a Donovan, sobre o que existia por trás da fachada de revoltado. Acho que ele se tomou muito responsável. Acho que é a lealdade à comida orgânica que o faz querer lutar.

Liz pensava sobre responsabilidade e no que Donovan dissera sobre seu filho, imaginando se Karen estaria certa ao imaginar que ele finalmente encontrara a si mesmo.

— Eu iria me sentir muito melhor se você colocasse mais alguém neste caso.

Karen percebeu como sua mãe devia ter se sentido quando enviou a filha única para o acampamento de verão. Assim como a mãe, na época, esperava estar realmente fazendo o que havia de melhor para Liz.

— E eu jamais iria me perdoar se fizesse isso — respondeu Karen, acompanhando-a até a porta.

— Vamos fazer o seguinte: dê-se um pouco mais de tempo. Vamos começar o trabalho. Se as coisas se complicarem ou continuarem a incomodá-la, podemos conversar outra vez. É só lembrar que Donovan é um amigo especial e *sei* que você é a melhor profissional que tenho para o caso.

Liz percebeu, através da lisonja, que pelo menos por enquanto aquele assunto estava resolvido. Karen era sua chefe e, a despeito da amizade, Liz não pretendia pressionar muito. Sua posição na Reynolds valia muito para ser colocada em perigo por causa de um cliente.

A hora do almoço, entretanto, Liz teve outros pensamentos sobre o assunto. Com uma manhã surpreendentemente produtiva, começava a sentir-se confiante quando Donovan apareceu à porta de seu escritório e a desequilibrou outra vez.

— Oi. Tudo bem? — indagou ele, com expressão hesitante.

Por um instante ela ficou desconcertada.

— Assim fica melhor para você? Quer dizer, mais de acordo com sua concepção de trabalho, não é?

— Minha concepção? — repetiu ela, sem entender direito a cena.

Donovan estava trajando um terno bege de lã: calça, colete e paletó.

— O que você disse sobre formalidade e negócios, lembra-se? — disse ele, passando o dedo indicador pelo colarinho, como se não estivesse à vontade.

Isso não correspondia à verdade, pois ele se movia como se usasse aquele tipo de roupa todos os dias.

— Você está muito bem — conseguiu dizer Liz, por fim.

— O que está fazendo? — indagou ele, aproximando-se da escrivaninha.

— Um relatório trimestral para um cliente.

— Prefere que eu volte mais tarde?

— Não, claro que não — disse ela, juntando os papéis. — Você também é cliente, e marcamos uma reunião. Quer dar uma paradinha e cumprimentar a patroa?

— Já fiz isso. Foi bom encontrar Karen depois de tanto tempo. Você está ótima hoje, sabia?

— Obrigada. Vamos indo? Temos um bocado de coisas para fazer.

— Pensei em parar para almoçar antes de ir ao escritório.

— Não será necessário. Tenho certeza de que você tem muito o que fazer.

— Tenho tempo para almoçar — respondeu ele. — E estou com fome. Você não está?

Liz lançou-lhe um olhar cético: — Você está sempre com fome.

— Na hora das refeições, sim. Está vendo? Estou me esforçando!

— Esforçando?

— Estou me controlando. Aquele comentário sobre minha fome poderia ter com facilidade provocado uma resposta não muito inocente — explicou Donovan.

— De qualquer forma, provou seu ponto.

— Só estou querendo dizer que continuarei tentando não ofender.

— Você não me ofende.

— Mas digo coisas que a perturbam.

Liz inspirou profundamente para ganhar coragem.

— É porque sou sensível demais. Você tem um trabalho que precisa ser feito. Não tenho nenhum problema nessa área. Posso fazer o trabalho.

— Está dizendo que, se eu mantiver as coisas num nível estritamente profissional, fica tudo bem?

— Isso. Foi o que tentei dizer ontem.

Donovan parou por um instante, encarando-a, pensativo.

— Não podemos ser amigos?

Ela procurava uma resposta quando foi salva pelo telefone. Pediu licença e atendeu: — Elisabeth Jerome.

— Liz? Aqui é Cheryl. Acho que temos um problema.

Cheryl Obermeyer era a vice-presidente executiva e principal responsável pela administração da empresa da família. Englobando uma cadeia nacional de lojas de departamentos, passava por dificuldades financeiras. Liz, que dirigia os esforços de relações públicas da empresa nos últimos cinco anos, conhecia bem a situação.

— Algum problema com os direitos autorais?

A companhia pagara caro a um pintor famoso para criar uma pintura atraente para os caminhões, e o contrato dos direitos estava em elaboração.

— Não. Desta vez é Ray. Ele está ameaçando sair se não lhe dermos mais responsabilidades.

Ray Obermeyer era o irmão mais novo de Cheryl, vice-presidente com menos poderes do que a irmã.

— Por que assim de repente?

— Ele diz que não foi de repente, que está tentando há um ano. Tenho certeza de que foi a mulher dele... desculpe-me por falar assim, mas minha cunhada sempre foi uma alpinista social. Provavelmente fica cobrando meu irmão, perguntando sobre a carreira daqui a cinco ou dez anos. Ray acaba ficando nervoso.

— Não é um assunto para seu pai resolver? — indagou Liz, em voz baixa.

— Ele bem que tentou, mas não está conseguindo nada e estou ficando preocupada, porque é um desgaste de que meu pai não precisa. Ele já teve um ataque cardíaco. Ray está pressionando de verdade desta vez. Está colocando meu pai num beco sem saída. A mim também, aliás. Eu é que devia estar dirigindo tudo.

— Ray sabe e não deve gostar da situação.

— Mas o que devo fazer, Liz? Não posso dar mais responsabilidade a ele, que não consegue lidar nem com as poucas que tem. Se eu não fizer isso, Ray vai nos deixar, e isso tira a imagem de empresa de família.

Liz compreendia o problema. Estivera preocupada em construir esse tipo de imagem desde o início. Já fazia dez anos que trabalhava com eles.

— Talvez seja o momento de repensar essa imagem familiar — sugeriu.

— Ainda não. Ao menos não até que eu tente resolver esta história. Deve haver alguma forma de acalmar Ray. Por isso estou telefonando. Se você pudesse falar com ele...

— Eu? Mas esse é um assunto de família, Cheryl.

— Eu sei, mas você é tão íntima de nós todos e tem tanta diplomacia que eu pensei... não sei, tenho a impressão de que Ray escutaria seu conselho.

Liz não tinha tanta certeza. Desde o início percebera alguma coisa por detrás do exterior controlado de Ray Obermeyer.

— Acho que eu poderia piorar as coisas em vez de melhorá-las. Se ele achar que estou metendo o nariz onde não sou chamada, vai estragar o trabalho que tivemos.

— Se ele sair, todo o trabalho não vai servir para nada — argumentou

Cheryl.

— Mas não estou em posição de...

— Você conhece a empresa e todos nós. E é boa no que faz. Fala macio, é inteligente e tem tato. Se sugerisse a Ray que faria melhor em aprimorar o que já tem, para depois ficar em posição de reivindicar, acho que ele escutaria e pensaria com calma. Pode convencê-lo de que irá receber mais com o tempo, mas por enquanto está tomado pelas responsabilidades que tem. Você sabe agradar ao ego dele. Diga que é mais necessário onde está, porque ninguém faz melhor do que ele no momento.

— Os argumentos são todos seus. Porque você mesma não conversa com ele?

— Porque sou irmã dele e coincidentemente quem dirige tudo por aqui. Ray podia achar que estou com ciúme, ou não querendo levá-lo a sério. De você, os argumentos vão parecer apenas bom senso.

Liz fechou os olhos por um instante. Quando os abriu, deparou com Donovan.

— Escute, Cheryl, podemos falar mais tarde sobre esse assunto?

— Estou viajando para Los Angeles esta tarde. Não pretendo voltar até o início da próxima semana. Por favor, Liz? Faça isso por mim, sim? Enquanto estiver fora, vai ter a oportunidade ideal.

— Não sei, Cheryl. Não é bem meu lugar...

— Como amiga? Pelo menos é assim que eu a vejo, e foi nesta condição que liguei. Não pode me fazer esse favor?

O último argumento era quase uma covardia, porque Cheryl sabia o valor que Liz dava à amizade.

— Isso é chantagem.

— Eu sei. Você vai fazer?

— Está bem, vou fazer uma tentativa. Mas não prometo nada. Não está dentro da minha linha de trabalho.

— Isso é mentira. É exatamente o que você faz melhor: lidar com pessoas. Fazer com que os outros vejam vários aspectos de cada questão. Sei que ele vai escutar o que disser. Quando voltar, almoçamos juntas, certo?

— Combinado — respondeu Liz, desligando o telefone e voltando-se para Donovan. — Desculpe, mas ela vai viajar agora à tarde e não podia falar depois.

Ele não pareceu ligar para o tempo de espera.

— Está tudo bem?

— Espero que sim.

— Era uma cliente?

— E amiga — respondeu ela, sem pensar. Em seguida fez uma careta. — Ops, apanhada em flagrante! Está vendo? É o que eu venho tentando dizer. É um erro misturar negócios com prazer.

— Acha um erro ter amigos? — quis saber ele, com ar inocente.

— Claro que não. Mas...

— E se esses amigos forem as pessoas que você encontra no trabalho?

— Em teoria, tudo dá certo. Mas...

— Essa mulher... Cheryl? Você dá valor à amizade dela?

— Claro, mas...

— E se você não trabalhasse para ela, jamais a teria conhecido — interrompeu ele, com um sorriso. — Isso significa que existe esperança para o meu caso.

Apanhando-lhe o casaco, Donovan segurou-o para que Liz o vestisse. Aproveitou o gesto para apoiar as mãos nos ombros femininos. Ela sentiu a proximidade e o calor do corpo de Donovan, que usou um tom suave para perguntar: — Amigos?

Liz assentiu, aceitando o braço que ele oferecia. Nem pensou em recusar o almoço, pois Donovan era um cliente novo, além de amigo pessoal de Karen. Não podia correr o risco de ofendê-lo. Depois, a verdade era que *valorizava* a amizade, e a companhia de Donovan Grant era interessante, agradável.

Ele tomou-lhe a mão e começaram a caminhar pela calçada.

— Você se importa em andar, Elisabeth? Meu escritório não é longe daqui, e há um ótimo restaurante no caminho.

— De maneira alguma — respondeu ela, sem remover a mão, aproveitando a sensação de proteção. — O dia está bonito.

— Tem razão. Você diz que sempre vem a pé para o trabalho. Não tem medo de andar à noite? Nova York não é a cidade mais segura do mundo, no escuro.

— Ninguém repara em mim. Sinto-me em segurança.

— Você é uma bela mulher... na selva de asfalto. Eu diria que chama a atenção. Naturalmente, não usa jóias brilhantes, como diamantes ou correntes de ouro para tentar os ladrões. Por que a testa franzida? Eu também não uso jóias.

A expressão de preocupação dela não se relacionava a jóias, mas Liz não precisava admitir isso.

— Não usa?

— Está bem, minha abotoadura é de *ouro*. Mas foi um presente de minha mãe, quando eu tinha dezesseis anos. Além do mais, preciso de alguma coisa para fechar os punhos da camisa social.

— Quando fez dezesseis anos? Puxa, sua mãe deve ter sido vidente.

— Talvez mais uma sonhadora, ao menos por algum tempo. Ela acabara de desistir da idéia de que eu me tornasse alguém decente na vida.

— É, mas você conseguiu e ela deve estar no sétimo céu.

— No sétimo, não. Só no céu.

— Sinto muito, Donovan.

— Eu também — respondeu ele com um sorriso. — Ela merecia algum tipo de gratidão depois de tudo o que eu a fiz passar. Gostaria de ter tido tempo para fazer alguma coisa por ela. Não que precisasse de dinheiro, porque meu pai ganhava bem. Ainda ganha. É cirurgião ortopédico.

— É mesmo? Onde?

— Em St. Louis.

— Foi onde você cresceu?

— Foi.

— Tem irmãos ou irmãs?

— Um de cada. Os dois são muito esforçados, sempre foram. Ao invés de competir com eles, resolvi ser diferente. Parece que detonei minha chance.

— Isso o incomoda? Quero dizer, poderia ser um fator que o impelisse a competir, agora...

— Não me incomoda e não é um fator de competição — disse ele, abrindo a porta do restaurante.

— Estamos em campos diferentes. Minha irmã é médica como meu pai e meu irmão trabalha com imóveis. Eles detestam me ver nas festas de família com minhas calças de camponês e colete típico.

— Você não faz isso!

— Bem, talvez de vez em quando. Só para lembrar que sou eu mesmo.

— Não consigo imaginar *ninguém* esquecendo que você é você mesmo.

— Se é um elogio, obrigado — disse Donovan, parando em frente à chapelaria. — Quer deixar o casaco aqui?

— Não, obrigada. Vou ficar com ele.

— Assim se sente mais protegida? — brincou Donovan.

— Assim me sinto mais quente. Já estive aqui. A casa não economiza nada em ar-condicionado. Mesmo na primavera.

Os olhos dele se estreitaram e sua expressão tornou-se preocupada.

— Prefere outro lugar?

Como antes, Liz achou charmosa aquela preocupação.

— Não, está ótimo — disse com um sorriso. — E a comida é ótima.

— Que bom — disse ele, fazendo um sinal para o *maître*.

Foram conduzidos até uma mesa de canto, onde as cadeiras foram puxadas para que se sentassem. Donovan agradeceu e olhou ao redor.

— Eles sempre lotam no almoço — comentou Liz.

— Você vem sempre aqui?

— Na verdade, não. Mas todas as vezes em que vim, estava cheio. Aliás, estou surpresa que nos tenham permitido sentar tão depressa. Aquelas pessoas esperando deviam estar em grupos maiores.

— Dei um incentivo ao *maître*.

— Você o quê? Eu não vi nada...

— É que eu parei aqui a caminho do escritório e... reservei uma mesa.

— Mas eles não aceitam reservas!

— Qualquer um aceita reservas com o incentivo apropriado — respondeu ele. — Não gosto de ficar parado na multidão. Queria ter você só para mim.

— Donovan, você prometeu... — começou ela, interrompendo-se ao deparar com seu sorriso. — Você parece o gato da *Alice no País das Maravilhas*, sabia? É sempre assim?

— Não.

— Então alguma coisa deve estar acontecendo. Não me diga que a polícia conseguiu alguma pista sobre o pulverizador maluco?

— Antes fosse.

— Ah, sim. Karen concordou com tudo o que discutimos ontem — informou Liz, em tom profissional.

— Eu sei. Não que fosse importar muito. É você que está cuidando do meu caso, e, se nós dois concordamos num curso de ação, é isso que interessa.

— Mesmo assim é bom ter a aprovação dela.

— Não preciso. Confio em você. Você confia em mim?

Liz o encarou.

— Não.

— Foi o que pensei — disse Donovan, sem se dar por achado. — Vamos ter de trabalhar um pouco mais esse ponto.

Liz dedicou-se a examinar o menu.

— Já sabe o que vai pedir? — indagou ela.

— Já — respondeu Donovan, sem desviar os olhos. — *Croissant club*.

— Então já comeu aqui?

— Já. Mas tenho certeza de que você não estava presente. Eu teria notado.

— Donovan... — avisou ela.

— O que vai comer?

— O suflê do dia.

— Sem saber qual é?

— Gosto de surpresas — declarou ela.

— E se tiver espinafre?

— Gosto de espinafre.

— E alcaparras? — insistiu ele, que devia detestar alcaparras.

Liz pensou por um instante antes de responder.

— Nunca comi um suflê que tivesse alcaparras. Acho que seria interessante.

— Então você é uma aventureira?

— Comi seu hambúrguer com queijo, esqueceu?

— Gosto dos seus olhos. Especialmente quando eles brilham como... oh, desculpe. Não precisa me olhar desse jeito. Não lhe quero nenhum mal. É verdade, gosto dos seus olhos.

Liz também gostava dos olhos dele. A atenção de Donovan despertava-lhe algo, e, se não tomasse cuidado, acreditaria *mesmo* no que ele dizia.

Naquele instante a garçonete chegou e Donovan fez os pedidos. Assim que ficaram outra vez sozinhos, relaxou na cadeira.

— Então, começamos esta tarde?

— Gostaria de saber tudo o que for possível sobre o Grupo Donovan. Qualquer material escrito pode ajudar, assim como falar com você e seu pessoal.

— Está surpresa por eu ter passado à frente deles para lidar com esse problema?

— Não. Acontece o tempo todo. Publicidade e relações públicas podem não se excluir, mas são campos separados. Para começar, meus contatos são diferentes do que os de seu departamento de publicidade. Em outro aspecto, não me aproximo de alguém da imprensa financeira para pedir espaço. Isso derrotaria nosso propósito e diminuiria a legitimidade de nossa causa. Ah, sim, eu gostaria de me encontrar com seu pessoal de vendas e marketing.

— Posso providenciar isso. E depois?

— Depois vou digerir tudo e produzir um plano de ataque específico. Seria

ótimo se eu pudesse dar uma olhadela na cobertura da mídia que já teve no passado... jornais, revistas, esse tipo de coisa.

— Certo. Se bem que até agora foi tudo muito direto. Nunca precisamos depender de publicidade para a venda porque nossos produtos se vendem sozinhos. Este é um dos motivos pelos quais meu departamento de relações públicas é tão pequeno. Quando falei com Karen ao telefone, ela mencionou vários outros casos que você resolveu. Gosta de crises?

— Eu não iria tão longe. Mas existe uma certa excitação nos casos de crise, como você chama, por causa da urgência da situação. Lembra-se do acidente num dos Hotéis Driscoll, alguns anos atrás, onde quatorze pessoas foram mortas quando o telhado do restaurante caiu?

Donovan assentiu, com um gesto e um sorriso. Liz continuou sua narrativa: — Logo depois do acidente houve um dilúvio de cancelamentos, que ameaçaram a operação de toda a cadeia de hotéis. Os Driscoll nos chamaram e trabalhamos sem parar por um mês. Enviamos cartas tranquilizando a todos os envolvidos com os hotéis. Usamos a mídia, assim como vamos fazer no seu caso, e focalizamos principalmente a causa do acidente, as subseqüentes verificações por toda a rede de hotéis. Basicamente fomos capazes de deter, e depois inverter, o pânico provocado pelo acidente.

— A campanha foi um sucesso.

— Foi mesmo. Percebemos os resultados quase de imediato, o que foi recompensador e excitante. Se quer saber a verdade, os casos considerados de crise são mais fáceis de resolver.

— Em que sentido?

— No sentido de que precisamos fazer algo do nada. Em seu caso, por exemplo, iniciamos com um evento que tem tudo para ser notícia, de forma que a mídia vai adorar a oportunidade de entrevistar você. No caso de, vamos dizer, uma publicação educacional, é preciso inventar alguma coisa para melhorar o interesse do público. Existem ainda os relatórios trimestrais, como aquele em que eu trabalhava pela manhã. É algo perto do impossível aparecer com alguma coisa que capte o olho dos milhares de acionistas, que de outra forma atiram o relatório no lixo. Podemos gastar semanas procurando o argumento certo antes de chegar ao que realmente desejamos.

— A organização de Karen é cooperativa?

— Quer saber se trabalhamos juntas? Sim. Cooperamos umas com as outras. Esta é a melhor parte. Algumas empresas de relações públicas em Nova York possuem cerca de duzentos empregados, cada um numa divisão em

particular, enquanto somos apenas vinte pessoas na Reynolds Associates. Temos uma reunião semanal, às vezes em grupos menores. Precisamos interagir em contatos diferentes e portanto conseguir exposição para muitos casos diferentes.

— E são todas mulheres.

— Cada uma de nós — respondeu Liz, com orgulho.

— Esse foi um ponto que a atraiu?

Liz fez uma pausa, avaliando a crítica contida na observação. Como se percebesse, ele sorriu.

— Ei, está tudo bem. Não tenho nada contra aquelas saias todas. Ao contrário, respeito as mulheres. As mentes são mais criativas e geralmente mais organizadas do que as dos homens. Eu só estava curioso sobre os seus próprios sentimentos.

A verdade era que Liz percebera que esse fato a deixara mais à vontade desde a entrevista inicial. Mas não pretendia admitir isso para Donovan.

— Karen e eu nos demos bem desde o início. Eu a admiro pelo que construiu e compartilho a visão dela sobre relações públicas. Com a lista de clientes que me apresentou, não pude recusar a oferta.

— Certo, mas você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Se quer saber, tivemos algumas experiências engraçadas com homens. Um deles andou de sala em sala procurando os "associados", quando tudo o que via eram "secretárias". Depois houve aquela vez em que fomos contratadas por uma fábrica de roupas de baixo masculina e quatro de nós entraram numa sala para ouvir um grupo de homens falar sobre cuecas durante horas. Na verdade, não anunciamos o fato de que não existem homens trabalhando na empresa. É muito lisonjeiro quando somos contratadas pelos homens sem a compreensão do que fizeram.

— Mas executam bem o trabalho.

— Pode apostar que sim. Como *você* sabe que somos todas mulheres?

— Conhecendo Karen, tive um palpite. Ela era feminista na época. Acho que este foi um dos motivos pelos quais não trabalhamos juntos.

— Você não acredita em feminismo?

— Acredito. Só acho que foi longe demais em alguns pontos. Muitas mulheres desistiram de seu lado suave para adquirir agressividade profissional.

— Ah, em sua idade você gostaria de ter uma mulher em casa, à sua espera, vestida como uma boneca e contando os minutos até que o marido passe pela

porta? — provocou ela.

— De jeito nenhum. Eu não respeitaria uma mulher que não fizesse nada com o próprio tempo além de ficar esperando por mim. Honestamente, não desejo esse tipo de responsabilidade.

— Então o que deseja?

— Uma mulher que tenha uma carreira, mas que compreenda que isso não representa a essência da existência humana. Uma mulher que goste de partilhar comigo o tempo de descanso, dando importância a isso. Que tenha vontade de dividir comigo as responsabilidades de uma casa e de uma família, porque isso permite que façamos mais do que se estivéssemos sozinhos.

— Você é um idealista, Donovan. O que diz parece ótimo em teoria, mas as estatísticas mostram que geralmente é a mulher que acaba ficando com a maior parte das tarefas domésticas.

— Eu cozinho. Lavo roupa. Muito bem, contrato uma pessoa para fazer a limpeza, mas vivi sozinho tempo suficiente para saber que desejo mais do que uma casa escura e sem vida. Talvez eu seja um sonhador. Ainda não consegui encontrar uma mulher como essa. Que tal você, Elisabeth?

— Que tal eu, o quê?

— Quer partilhar minha casa escura e solitária?

CAPÍTULO III

Por um instante Liz mal pôde respirar, tamanho o salto que sua imaginação deu. Poderia jurar que estava sendo beijada. Os olhos de Donovan como que saboreavam seus lábios. Ficara com a impressão de ter recebido uma proposta de casamento. Porém sabia que ele gostava de provocar.

- Detesto casas escuras e solitárias.
 - Se você morasse lá, não seria escura e solitária — argumentou ele.
 - Mas eu já tenho um lugar para morar.
 - Pode se mudar.
 - Tenho um contrato de dois anos — informou ela, com voz controlada.
 - Posso resolver isso.
 - Mas não quero mudar meu contrato. Estou contente com ele.
 - Isso quer dizer... que você não é o tipo de mulher que estou procurando?
 - Finalmente estou conseguindo me comunicar.
 - Por que será que pensei que fosse?
 - Não me pergunte. Nunca cheguei a compreender a mente masculina.
 - Nunca? Então nunca houve um homem especial em sua vida?
 - Não.
 - Por que não?
 - Porque eu estava ocupada construindo minha carreira — declarou Liz.
 - Ah, então *você é* uma delas — provocou ele, sorrindo.
- Liz estava orgulhosa pela forma como lidava com a situação, sem se alterar.
- Acho que você poderia dizer isso.

A garçonete trouxe o suflê, colocando-o à frente de Liz. Depois do gelo inicial quebrado, o restante da refeição transcorreu de forma amena, os temas variando de restaurantes a estações de inverno. Ela sorriu quando Donovan disse que iria ensiná-la a esquiar, pensando que talvez Karen tivesse razão. Superadas as barreiras iniciais, ele era uma pessoa agradável. Um cliente fácil de lidar.

Depois do final do almoço, caminharam até o escritório, sem dar as mãos. Enquanto andavam, ele contava a história do Grupo Donovan e sua instalação em Park Avenue, para onde se dirigiam. Entraram no prédio e tomaram o elevador até uma atraente sala de recepção num andar elevado, cuja vista da cidade era panorâmica. Liz foi levada de sala em sala e apresentada a todos os empregados.

Os funcionários pareciam gostar de Donovan. Liz reparou nos sorrisos quando ele aparecia e na comunicação direta e despida de relutância quando era apresentada. Foi recebida calorosamente. Donovan preparou o caminho e deixou-a com o chefe do departamento de vendas. Em poucos minutos Liz envolveu-se em intensa troca de informações, anotando os dados importantes.

Depois visitou o departamento de marketing e o de propaganda. A sala de conferências foi colocada à sua disposição, e, quando as reuniões terminaram, ela possuía todo o material impresso à disposição.

Durante a tarde, ficou sabendo que o grupo possuía divisões que vendiam equipamento para acampar e para academias. Como se isso não fosse o bastante para manter Donovan Grant ocupado, descobriu que ele dava cursos de administração para os altos escalões de grandes empresas de todo o país.

Como o próprio Donovan sugerira, a publicidade que o grupo recebia até então era direta. Tratava-se de um fato positivo e até brilhante em algumas ocasiões, mas em nenhum momento Donovan havia centralizado toda a atenção.

Aquela modéstia se adaptava bem aos propósitos de Liz. O fato de ele ter se mantido à margem no passado seria um ponto a favor quando procurassem a mídia. Usariam um novo rosto, uma nova voz, sem desgaste público algum.

— Você está parecendo muito contente consigo mesma...

— Oh, desculpe. Não o vi entrar.

— É que você parece envolvida com o motivo do seu sorriso. Presumo que seja o que está lendo?

— Estou impressionada. Sua organização vai muito bem. Merece a reputação que tem — afirmou Liz, depois de baixar os olhos para os relatórios.

— Eu me sentiria péssimo se não praticasse exatamente o que acredito.

— Não acho. Acho que você acredita no que pratica. Não sabia que estava também no setor de roupas esportivas.

— A motivação para isso foi egoísta. Gosto de esportes — afirmou ele, sentando-se na quina da mesa.

— Você corre?

— Várias vezes por semana.

— Sei também que esquia.

— Também mergulho, sempre que possível, e gosto de descer corredeiras, além de saltar de pára-quedas, de vez em quando.

— Você gosta de abusar da sorte.

— Isso é verdade. Que tal ir jantar?

— Nossa! Não imaginei que fosse tão tarde — observou ela, começando a reunir a papelada que estivera consultando.

— Não é tarde. É a hora perfeita para jantar.

— Preciso correr.

— Você também corre?

— Quando estou atrasada, corro — disse ela, colocando o computador portátil na bolsa. — Preciso ir andando.

— Tem planos para hoje à noite?

— Tenho.

— Um encontro?

— Não.

Ele tocou-lhe o braço.

— Você não precisa trabalhar à noite. Ao menos para mim.

— Eu não estava planejando trabalhar.

— O quê, então?

Os dedos começaram a deslizar pela superfície da pele, do cotovelo até o ombro. Liz teve vontade de afastar-se, mas não conseguiu. Foi como se o simples toque a imobilizasse.

— Não... — sussurrou.

— O que vai fazer esta noite?

— Preciso bancar a babá.

— Vai tomar conta de uma criança?

— É para uma amiga.

Ele tocou-lhe a ponta do queixo, erguendo-lhe o rosto para que o encarasse.

— Para uma amiga?

— É.

Passou o braço ao redor da cintura fina. Os olhos castanhos estudaram o rosto nos mínimos detalhes, embaraçando-a.

— E não tem tempo para tomar um lanche no caminho?

Liz sacudiu a cabeça e engoliu em seco quando os lábios dele roçaram seu rosto.

— Não... — murmurou outra vez.

No entanto não foi capaz de mover a cabeça para longe, ou afastar-se do calor daquele corpo. Não conseguiu resistir aos beijos quase virtuais que dominavam sua pele, tentando-a com uma sensação que jamais conhecera.

Um som escapou da garganta de Liz, que tentou virar o corpo apenas para

ficar presa entre a mesa e as coxas dele. Sentiu a mão que apoiava a parte baixa de suas costas e a outra que passou a acariciar o ombro.

A princípio Donovan não disse coisa alguma, simplesmente continuou a examinar-lhe o rosto.

A mão deslizou pela blusa de seda, fazendo um ruído que reverberou por todo o corpo feminino.

— Você é tão macia...

Ela balançou a cabeça, lentamente daquela vez. Sentia-se assustada, pois as mãos de Donovan estavam próximas aos seios, que ansiavam pelo toque.

— Eu sabia que seria dessa forma — disse ele.

— Que forma?

— Enlouquecedora...

— Não.

— Mas está tremendo.

— Você está me assustando.

— Não. Você está assustando a si mesma e sem necessidade.

— Não estou — disse ela, pousando as mãos sobre as dele para que parassem de mover-se.

— É inevitável, Elisabeth. Por que luta contra isso?

— Nada é inevitável.

— *Isto é*. Gostamos um do outro. Meu coração está batendo tão forte quanto o seu — Donovan argumentou, movendo a mão mais para baixo e envolvendo-lhe o seio.

Liz lutou para não deixar escapar um suspiro.

— Já disse. Você está me assustando. Não gosto desse tipo de brincadeira.

— Por isso seus seios estão mais cheios? Você está reagindo a mim.

— Não...

— Não há nada de errado com o amor. É bonito. Quando eu a toco aqui...

Dois dedos tocaram o mamilo e uma onda de reações espalhou-se pelo corpo dela. A intensidade e a novidade do toque lhe deram forças para tentar afastar-se, mas só conseguiu alterar a posição.

— Eu nunca a machucaria. É por isso que está assustada?

Liz respirava pesadamente, os braços cruzados sobre os seios, como se assim os impedisse de sentir prazer.

— Não quero.

— Você precisa tomar conta de uma criança.

Ela assentiu, com um gesto de cabeça.

— Então me dê um beijo e eu a deixo ir.

— Não.

— Não está curiosa? Ainda não beijei você.

— Beijou, sim.

— Não na boca. Não com você respondendo dessa forma. Não pretendo deixar que vá embora antes de me beijar.

— Por favor, não faça isso comigo. Faça suas brincadeiras com alguém capaz de lidar com elas.

— Mas eu acho que você é perfeitamente capaz de lidar com elas. Por isso a estou desafiando — Donovan falou, com voz suave e sedutora.

— Mas eu *não quero*.

— Só um beijo.

Ela pressionou os lábios com força.

— Covarde — provocou ele.

Liz fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Vamos, Elisabeth...

— Liz. Todo mundo me chama de Liz.

— Não sou todo mundo. Vou chamar você de Elisabeth.

Ela começou a gemer, porém o ruído foi abafado pelos lábios masculinos, auxiliados pelas mãos entre os cabelos, para evitar que se separassem. Havia certa possessividade nos gestos de Donovan, depois refinamento. Os movimentos da língua a provocaram até que ela correspondesse sem perceber. Ficara chocada com a forma como tivera essa visão perturbadora do paraíso.

Naquele instante, porém, Liz estava enfraquecida demais para lutar e ainda mais perturbada para reagir. Quando finalmente se separaram, os dois tinham as faces vermelhas e a pulsação acelerada.

— Pronto. *Agora* podemos ir — disse ele.

Tentando ignorar o tremor em suas pernas, Liz estendeu a mão para os relatórios. Donovan passou-lhe o casaco e permaneceu com os papéis na mão. Depois de vestir-se, ela pediu os documentos.

— Pode deixar que eu levo até lá embaixo. Seguro até arranjar um táxi — disse Donovan.

— Não precisa, obrigada.

— Mesmo assim. É um prazer.

Determinada a sair da sala e do prédio o mais rápido possível, Liz partiu antes, parando só em frente ao elevador e permanecendo ali sem olhar para ele. Na rua, chamou um táxi, embora em circunstâncias normais tivesse

caminhado. Só depois de sentar-se no banco traseiro do veículo foi que estendeu as mãos para apanhar os papéis. Donovan curvou-se.

— Amanhã de manhã vou para Nova Orleans, mas volto depois de amanhã. Telefono quando chegar, está bem?

— Ótimo. Eu passo os documentos e minhas notas para quem for cuidar do seu caso.

— *Você* vai cuidar do meu caso.

— Nem pensar.

— Não pretendo aceitar outra pessoa.

Liz o fitou com raiva.

— Está querendo dizer que vai procurar outra empresa se eu não tratar de seu caso?

— Exatamente.

— Isso é criancice.

— Está vendo? Somos muito parecidos — afirmou ele, entregando os papéis e fechando a porta.

Liz ainda pensava numa resposta adequada quando o motorista partiu.

— Desculpe, Karen, mas você vai *ter de* colocar outra pessoa no meu lugar para tratar do caso de Donovan Grant.

— Ele me disse mesmo que você queria sair.

— *Ele* disse?

— Telefonou ontem à noite. Conversamos bastante.

— E contou como me atacou?

— Bem... não foi essa exatamente a palavra que ele usou.

Liz começou a irritar-se, pois pressentia que Donovan contara o que acontecera.

— O que ele contou?

— Disse que a beijou e você não gostou.

— Ele é muito perspicaz.

— Disse também que você ficou assustada.

— Pode apostar que fiquei. Estupro social não é mais agradável do que outro qualquer.

— Você conhece... outro tipo de estupro?

— Não, nunca fui estuprada — disse Liz, depois de perceber preocupação sincera no olhar de Karen.

— Desculpe, só fiquei pensando.

— Como explicação à minha resistência a Donovan?

— Para dizer a verdade, eu pensei nos homens em geral. Nos seis anos que a conheço, não a vi sair com nenhum homem mais de uma ou duas vezes, e mesmo assim foram poucos encontros, se a gente comparar com as outras garotas que trabalham aqui. Quando tentei arrumar um encontro, você não quis. Eu... acho que é natural que se procure um motivo.

— Pois não precisa procurar. Os homens não me atraem, só isso. Não acho que falte nada em minha vida sem eles — explicou Liz.

— Como pode sentir falta do que não conhece?

— Isso funciona de duas formas. Por que eu deveria procurar problemas se está tudo bem?

— Não precisa necessariamente trazer problemas.

Liz acomodou-se na cadeira e cruzou as mãos.

— Muito bem, Karen. Por que *você* não tem um companheiro?

— Eu *já* tenho um companheiro. O meu trabalho. Não preciso arranjar um marido e um filho para me preocupar. Só que não estou falando sobre casamento nem compromisso sério. Estou falando sobre namorar. Sair com homens. Sempre faço isso. E gosto.

— Mas você não fica namorando por aí. Sei que só tem visto David Brewer nos últimos seis meses.

Karen encolheu levemente os ombros e inclinou a cabeça.

— Acontece que David se adapta muito bem. Não é possessivo nem exigente. E sabe que eu não quero nem ouvir falar em casamento. Só que o assunto aqui não sou eu... é você.

Liz suspirou. Karen não podia saber que ela ficara andando de um lado para outro boa parte da noite, tomara três aspirinas para melhorar a dor de cabeça e agora tinha os músculos doloridos. A quantidade de café não contribuíra em nada para acalmá-la.

— Só quero que me tire desse caso, Karen. Nunca pedi nada parecido, e sei que arrisco abalar nossa amizade. Donovan era... *é* amigo seu, e peço desculpas. Mas não posso trabalhar com esse homem.

— Ele disse que queria você.

— Ou ninguém mais? Foi isso?

— Foi. Ele disse que entrega o caso para outra empresa — afirmou Karen.

— Donovan está blefando. Não teria coragem de fazer uma coisa dessas. Ele adora jogos e esse jogo novo está vendendo como água.

— Você parece bem certa de que ele não vai fazer nada.

— Estou mesmo. Na primeira vez em que o encontrei, disseme que havia escolhido nossa empresa porque a achava a melhor. Procurar sempre o melhor faz parte da filosofia dele — argumentou Liz. — Escute, Donovan viaja hoje. Se você fosse passar para outra pessoa, basta que ela converse comigo, para discutir as notas, os relatórios e os outros documentos. A transferência pode ser feita hoje, e, quando Donovan voltar, vai se encontrar com Verônica ou Julie... e vai esquecer completamente de mim.

— Duvido muito... — começou Karen, interrompida pela entrada súbita de sua secretária.

— Eu disse que era preciso esperar, mas ele insistiu — desculpou-se a moça, olhando para as duas mulheres.

Ambas olharam para a porta, esperando ver ali o sorriso de Donovan, quando outro homem entrou no escritório. Era mais jovem, alto e tinha a tez pálida.

— Jamie! — espantou-se Liz, colocando-se em pé. — O que está fazendo aqui?

— Eu tinha de ver você. Precisamos conversar — afirmou ele, com ar de urgência.

Há seis meses que ela não via Jamie, e foi tomada completamente de surpresa pela súbita aparição. Ele morava a milhares de quilômetros dali.

— Claro. Karen... este é meu irmão caçula, Jamie. Jamie, Karen Reynolds, minha chefe.

Ela usara a palavra "caçula" como forma de desculpas pela entrada tempestuosa do irmão. Pareceu funcionar, pois Karen sorriu e acenou a cabeça. Depois de corresponder, Jamie voltou sua atenção para Liz outra vez.

— Podemos ir a algum lugar?

— Podemos terminar esse assunto mais tarde? — indagou ela, olhando para a patroa.

Karen deu um sorriso compreensivo e acenou para que os dois saíssem. Liz aguardou até que estivessem caminhando pelo corredor para falar: — O que aconteceu de errado?

— Tudo está errado.

— Aconteceu alguma coisa em especial.

— Aconteceu — admitiu Jamie. — Onde fica seu escritório?

— Bem em frente — indicou ela, sem perguntar mais nada até que os dois estivessem sentados em sua sala, a portas fechadas. — Muito bem. Fale claro e procure explicar tudo. Por que está aqui em Nova York?

— Estou encrencado.

Até ali, nenhuma novidade, embora Liz sempre esperasse que com a maturidade e ajuda profissional, Jamie começasse a controlar a si mesmo.

— O que aconteceu?

— É que andei saindo com uma garota...

— Anne?

— Não, outra. O nome dela é Susan. Outro dia a gente começou a discutir e... acho que bati nela.

Liz fechou os olhos por um longo intervalo, depois relaxou no encosto de sua poltrona. Suspirou. O dia começara mal e tendia a ficar pior.

— Você acha que bateu nela? Foi isso?

— É... acho que sim. Bati umas duas vezes.

— E ela, ficou machucada?

— Não muito.

— Precisou ir para um hospital?

— Precisou.

— Oh, Jamie! Por quê?

— Quebrei-lhe o nariz.

— Por que bateu nela?

— Porque Susan ficou me provocando. Estava fazendo com que eu me sentisse um idiota e não preciso agüentar esse tipo de coisa de ninguém.

— Mas bater não resolve nada.

Ele apenas resmungou:

— Agora você me diz isso. Ela está apresentando queixa.

— Procurou a polícia? Você foi fichado?

— Não. Estava no avião antes que eles me pegassem. Susan ligou para avisar que a polícia estava a caminho.

Liz colocou a mão na cabeça, que começara a doer outra vez.

— Você falou com o Dr. Branowitz?

— Não.

— Quando o viu pela última vez?

— Sexta-feira. Tenho consulta marcada para amanhã.

— Acho que devemos ligar para ele.

— Para quê? Ele é só um psiquiatra, não faz milagres.

— Mas deve conhecer algum advogado em San Francisco. Jamie, você precisa voltar. Existe uma chance de que fique em liberdade condicional, porque ainda está em tratamento psiquiátrico. E tem ficha limpa.

Felizmente o sistema judiciário não se interessava em saber quantas escolas o tinham expulsado, nem por quanto tempo ficara em seus vários empregos.

Jamie deu de ombros.

— Não sei. Eu andava com vontade mesmo de sair de San Francisco. Estou lá há quatro anos. Gostaria de experimentar alguma coisa nova.

— Está ótimo, por mim. Depois que resolver esse problema com Susan.

— Ela não precisa saber onde estou.

— E o mandado de prisão contra você? Vai deixar como está?

O irmão deu de ombros, mas não disse nada.

— Você precisa ser mais realista. Tem um emprego decente...

— E péssimo.

— Pensei que gostasse. Está trabalhando num dos melhores escritórios de arquitetura de San Francisco.

— E estou no cargo mais baixo. Tem alguma idéia da distância do meu posto até o topo?

— Não se preocupe com o topo. O certo é se preocupar com o degrau acima. Roma não foi feita em um dia.

— Pelo amor de Deus, sermão, não!

— Então *escute* o que estou dizendo, Jamie. Você está no cargo mais baixo porque ainda não deu tempo a si mesmo para subir. Esse é o terceiro emprego que tem em três anos. Muito bem, essa companhia é maior e tem mais burocracia. Pode ser difícil chegar até os cargos mais importantes, mas deve haver um bocado de pessoas com as quais você poderia se dar bem.

— São todos esnobes.

— Não podem ser. Contrataram você.

Ele voltou-se, disposto a responder, e deparou com o sorriso dela. Aquilo o desarmou.

— É, acho que sim.

— Muito bem. Isso é uma coisa a seu favor. A despeito de seu histórico em outras firmas, essa percebeu o potencial de seu trabalho. Você precisa dar uma chance a eles, Jamie. E San Francisco é uma ótima cidade para se morar. Você tem um bom apartamento e ainda o Dr. Branowitz.

— Não sei se está adiantando. Veja o que aconteceu.

Liz procurou aparentar menos preocupação do que sentia. O fato de o irmão perder o controle a ponto de agredir outra pessoa era exatamente o que ela mais temia.

— Muito bem, você perdeu o controle. Mas é a primeira vez, não é?

Jamie pareceu hesitar.

— Bem...

— Não foi a primeira vez?

— Foi.

— Então é uma coisa que você pode trabalhar com o Dr. Branowitz.

— E se eu fizer de novo? Eu não tinha intenção de bater em Susan. Não planejei. Simplesmente aconteceu. Talvez eu seja como *ele*.

— Você não é! — protestou Liz, erguendo-se e abraçando o irmão. — Você não é como papai. Você é sensível, consciente e tem um futuro à sua frente. Outro motivo é que já sabe como é estar do outro lado, e não vai fazer o papel que mais detesta. Por outro lado, conta com a ajuda do Dr. Branowitz. E, para terminar, tem apenas vinte anos. Papai tinha quarenta e cinco quando se virou contra nós, e a essa altura já possuía péssimas experiências.

— Ainda assim, pode ser genético.

— Desculpe, mas eu me recuso a acreditar que você seja uma pessoa ruim — disse ela, encarando-o. — Se quiser ir em frente e culpar os genes, ou um péssimo exemplo, ou o que escolher, é uma opção sua. Mas não significa que seja verdadeira. Pode encarar sua vida como uma maravilha ou uma...

— Vamos, Lizzie, diga — incentivou ele.

— Uma porcaria — finalizou ela, corando.

— É bom a gente se expressar. As coisas precisam sair de dentro. Se ficar com raiva, precisa de uma válvula de escape — disse ele, em tom suave.

— Talvez você esteja vendo *demais* o seu médico. Além do mais, tenho uma válvula de escape: dor de cabeça.

— Desculpe. Eu não tinha a intenção de jogar este assunto em cima de você...

— Foi o que fez, mas está tudo bem. Afinal, para que servem as irmãs mais velhas? E, se quer saber, eu já estava com dor de cabeça antes de você aparecer.

— Um mau dia.

— Péssimo!

— Mas o trabalho vai bem?

— Vai. Vou continuar mandando seus cheques. Está pagando o médico direitinho, não está?

— Claro.

— E o aluguel? A última coisa que precisa agora é de uma ordem de despejo.

— Está tudo em dia.

— Certo — disse Liz, inspirando profundamente. — Então precisamos lidar apenas com o... problema atual. Como escapou do trabalho hoje? E *quando* pegou o vôo, afinal?

— Não consegui dormir direito a noite passada. De manhã, liguei para um dos colegas e avisei que *você* tinha ficado doente.

— Eu?

— É. Preciso me certificar de que você está bem. Afinal, é a única irmã que tenho...

— E não me deixa esquecer disso. Acha que a polícia irá procurá-lo no trabalho?

— Espero que não.

— Qual é o telefone de Branowitz?

— Estou exausto, com o vôo e tudo o mais. Não podemos ligar para ele mais tarde? — indagou Jamie.

— Vamos telefonar agora. E começar a tratar do assunto. Ainda é cedo. Ele pode entrar em contato com a polícia antes que passem em seu escritório... se já não passaram. Quando falou com Susan pelo telefone a última vez?

— Quando cheguei em casa, ontem. Talvez eu esteja seguro.

— O número de Branowitz? — indagou ela, anotando num papel a resposta.

Se tivesse mais traquejo ao ligar para psiquiatras, saberia que seria atendida por um serviço de recados. Frustrou-se ao ouvir a secretária eletrônica, deixando um recado com seu número de telefone. Em seguida, voltou-se para o irmão.

— Quanto tempo ele demora para responder?

— Quinze minutos, talvez uma hora. Ou seis. Quem pode saber? Você fez com que parecesse assunto de vida ou morte, portanto ele deve telefonar logo.

— É um assunto de vida ou morte... Bem, é uma maneira de falar. Existe uma acusação de agressão contra você. Quero dizer, se quiser encarar as coisas pelo lado pessimista, poderia ir para a cadeia. Teria uma ficha criminal. E duvido que o escritório reaja bem a esse tipo de coisa.

— Não vai acontecer o pior. Sei que vai me ajudar. Por isso vim para cá.

Ela não precisava ser lembrada disso. Sempre que se metia em enrascadas, Jamie a procurava. Cada vez que fugia da escola, na formatura, quando teve um problema de última hora por discutir com um dos professores, Liz tivera de interferir, assim como nas propostas do primeiro emprego. Embora Jamie contasse com o dinheiro que ela enviava, sabia que precisava de apoio

emocional. Também sabia que a irmã sempre estaria ali para salvá-lo.

— Bem, acho que podemos esperar o telefonema.

— Eu bem que podia dormir um pouco.

"Eu também", pensou ela.

— Deite um pouco aqui. Depois que a gente falar com o Dr. Branowitz, você pode ir para minha casa.

Passou-se quase uma hora e durante o tempo todo Liz tentou concentrar-se no relatório trimestral em que estivera trabalhando na manhã anterior. Porém sua mente continuava centrada no irmão.

O Dr. Branowitz ficou grato pela chamada e compreendeu a situação. Perguntou se teriam expedido mandado de prisão e prometeu ligar para a polícia a fim de certificar-se. Indicou também um advogado específico para o caso, que representaria Jamie. Liz prometeu embarcar o irmão no vôo noturno para San Francisco. Depois de fornecer seus números telefônicos ao médico e obter uma promessa de aviso de progressos, ela desligou e apanhou na bolsa as chaves do apartamento. Pensou melhor e apanhou o casaco.

Por mais que o amasse, não confiava em Jamie o suficiente para saber que não iria fugir de lá também. Decidiu ficar com ele até colocá-lo no avião. Seria mais seguro. Além do mais, podia passar um dia longe do trabalho. Especialmente aquele dia, quando a dor de cabeça parecia sua companheira constante.

Deixou recado com a secretária e foi com o irmão para casa. Embora tentasse estabelecer contato, querendo saber o que mais ocorria na vida dele além de Susan, não conseguiu nada. Como sempre, foi Jamie quem acabou fazendo as perguntas. Havia muito tempo Liz decidira que ele expressava um tipo de dependência e entregara-lhe o comando de sua vida. Ela se satisfazia com isso, já que o irmão se sentia melhor.

Enquanto Jamie dormia em sua cama, Liz descansou no sofá. Tomara mais algumas aspirinas e colocara um pano macio e úmido na testa. Quando o médico ligou, sentia-se melhor, e se animou com as novidades. O advogado, que concordara em encontrar Jamie na manhã seguinte, bem cedo, já entrara em contato com a polícia. Segundo as informações, antes que fosse lavrada uma queixa formal, havia necessidade de uma audiência para determinar se havia causa para isso. Aconteceria em uma semana, e o advogado estava confiante em poder ajudar.

Liz agradeceu profusamente, depois afundou outra vez no sofá, sentindo-se exausta. Tentou dormir, mas sua mente recusava-se a descansar. Imagens do

passado teimavam em assombrá-la. Percebeu que não teria paz até que Jamie voltasse para San Francisco. Por mais que o pensamento fosse egoísta, não poderia morar perto do irmão. A presença de Jamie era uma lembrança constante do passado e da responsabilidade que Liz acreditava sentir em relação a ele. Sempre cuidaria dele, enviando dinheiro e consolando-o. Mas sempre se sentia aliviada quando Jamie partia. Aliviava sua culpa.

Desistindo de dormir, Liz telefonou para o aeroporto a fim de fazer a reserva do voo para San Francisco. Depois colocou um guisado de carne no fogo. Como não haviam almoçado, fariam uma refeição no meio da tarde e haveria tempo de sobra para ir até o aeroporto. Quando estava a ponto de acordar o irmão, escutou o ruído do chuveiro. Poucos minutos depois ele aparecia na cozinha, refrescado.

— Você precisa de lâminas novas. Usei a última e já estava bem cega — observou ao entrar.

— Bom dia para você também.

— Não é de manhã.

— Quer um pouco de suco? — indagou ela, obtendo um gesto de recusa. — A comida fica pronta daqui a pouco. — Aguardou que ele perguntasse sobre o telefonema do Dr. Branowitz, mas Jamie não o fez. Então relatou a conversa, sem a menor demonstração de entusiasmo por parte do irmão. — Pensei que fosse gostar. Pelo menos não está a ponto de ser preso.

— Você marcou um voo para hoje à noite.

— Precisa ir, Jamie. Sabe disso.

— Eu estava pensando em passar o final de semana aqui. Segunda-feira é tempo suficiente para enfrentar o que me espera por lá.

— Segunda-feira é tarde demais. Mesmo sexta-feira já é tarde. Você devia ter falado com o advogado hoje.

— Você não quer que eu fique aqui.

— Isso não é verdade. Sabe que o amo.

— Talvez eu estrague as coisas para você.

— Claro que não.

— Talvez você tenha um encontro no final de semana.

— Errado de novo. Não costumo ter "encontros no final de semana".

— Tem razão. Tinha esquecido. Minha irmã, a "Virgem Maria".

— Por que está fazendo isso? — quis saber Liz, magoada. — Procuro não agir assim com você.

— Eu sei, você está sempre certa, e eu errado.

— Não foi isso que eu quis dizer. Somos irmãos e só temos um ao outro. Não acha que seria melhor demonstrar um pouco mais de respeito?

— Você me respeita?

— Claro que sim.

— Apesar do que tem de agüentar? — insistiu Jamie.

— Apesar disso. Sei o que você é capaz de fazer se se aplicar. Vivo dizendo isso.

— É que às vezes eu mesmo não acredito em mim.

— Esse é outro ponto que você precisa trabalhar com o Dr. Branowitz.

— Dr. Branowitz, Dr. Branowitz... a conversa sempre acaba nele, já reparou?

— Acredito nele.

— Mais do que acredita em mim, pelo jeito.

Com um suspiro, Liz passou o braço pela cintura do irmão e a pressionou.

— Eu acredito em você, mas parece que é o bom doutor quem vai ajudá-lo a ter fé em si mesmo.

CAPÍTULO IV

Quando Jamie finalmente concordou em voltar a San Francisco, anunciou que não tinha dinheiro para a passagem. Seu saldo estava mais próximo do zero do que nunca, e Liz não teve coragem de perguntar onde ele gastara o salário. Deixou-o vigiando o guisado enquanto ia até o banco. Quando voltou, Jamie tinha mudado de idéia outra vez, o que provocou nova discussão.

Já passava das nove e meia quando ela retornou do aeroporto. A dor de cabeça ameaçava assumir proporções insuportáveis, acompanhada de enjoos e sensibilidade à luz. Só desejava trancar-se num quarto escuro e permanecer em silêncio.

Quando o telefone tocou, pouco depois das dez, ela logo pensou que o avião de Jamie se atrasara. Preparou-se para o pior. Mas era Donovan.

— Oh! Pensei que...

— Só queria dizer boa-noite.

— Onde você está?

— Em Nova Orleans. Acordei você, não foi? Desculpe. Nem imaginei que estaria dormindo às nove horas.

— Acho que são dez, aqui — disse ela, raciocinando com dificuldade.

Uma pausa do outro lado.

— Puxa, desculpe-me. Eu estava tão ansioso para ligar que nem parei para calcular direito a diferença de horário. Faz tempo que não preciso mudar o relógio — Donovan falou, por fim. — Liz... você está bem?

— Não muito — respondeu ela, usando de sinceridade em resposta ao tom de preocupação.

— Qual o problema?

— Estou com uma enorme dor de cabeça.

— Tomou algum medicamento?

— Sim. Não existe muito mais que eu possa fazer.

— Talvez devesse chamar um médico.

— Por causa de uma dor de cabeça? Não seja bobo.

— Está com febre?

— Acho que não.

— Devia descobrir.

— Não tenho termômetro. Além disso, não deve ser muita coisa. A aspirina

que tomei deve cuidar de tudo... se eu conseguir dormir.

— Entendi a indireta.

— Não foi isso que eu quis dizer — protestou ela rapidamente. — É só que não dormi direito a noite passada e estou aqui com os olhos fechados, mas mesmo assim não consigo relaxar.

— Experimente um pouco de leite morno.

— Acho que não consigo beber nada.

— Que tal um banho quente?

— Com certeza não vou conseguir beber um banho quente.

Quando ele riu, do outro lado, Liz sorriu na escuridão. Não compreendia por que conversar com aquele homem a fazia sentir-se bem.

— Assim é melhor. Agora vou desligar, para você descansar. Vamos jantar juntos amanhã à noite?

— Isso não é justo.

— O que não é justo?

— Tentar se aproveitar do meu cérebro enquanto está todo atrapalhado. Mesmo assim, não vai funcionar.

— Não vai jantar comigo?

— Não. Vou a um chá de bebê com uma amiga.

— Que tal sábado à noite?

— Não posso.

— Não vai me dizer que você vai ao chá de bar do noivo...

— Não conheço o noivo e jamais misturo bebidas.

— Tem um compromisso, então?

— Sim, e muito sério. Com minha cama. Pretendo dormir até dissolver o efeito de tudo o que você me fez esta semana.

Donovan percebeu o traço de humor na voz dela.

— Vamos lá, Liz. A gente pode jantar cedo e *depois* você vai para a cama.

— Não, Donovan. Muito obrigada, mas não.

— É definitivo?

— É.

— Sem jantar?

— Sem jantar.

— Sabe que você não faz bem para o meu ego? — comentou ele, suspirando.

— Desculpe-me.

— Acho que só diz isso da boca para fora. Devia reconsiderar.

- Eu me sinto péssima por fazer isso com você. Agora posso dormir?
- Está bem. Cuide-se, por favor. Se não acordar bem, fique na cama.
- Está certo.
- E chame um médico.
- Está bem.
- E quando eu voltar, vou bancar a enfermeira.
- Não.
- Boa noite, amor.
- Boa noite, Donovan.

Pela manhã, a dor de cabeça reduzira-se a uma sensação desagradável. Liz foi para o escritório, determinada a enterrar suas preocupações no trabalho, e foi exatamente o que fez. Além de realizar o que deixara parado no dia anterior, encontrou-se com Ray Obermeyer para almoçar e fez o melhor possível no sentido de expor-lhe os argumentos da irmã. Ao retomar, fez progressos significativos no relatório trimestral que vinha elaborando há dias.

Quando uma de suas colegas, recentemente casada e em má fase com o marido, entrou chorando em sua sala, Liz passou um bom tempo acalmando a amiga. Quando outra entrou, em frenesi porque a confeitaria errara a ordem das camadas do bolo para o chá de bebê, Liz telefonou para a confeitaria, depois para outra, que aceitou a encomenda dentro do prazo disponível.

Em algum lugar ao longo do caminho, resolveu não desistir do trabalho para Donovan Grant.

Não tinha certeza sobre o que acontecera e não se importava em analisar por que mudara sua forma de pensar. Elaborou o rascunho de várias cartas destinadas a organizações e indivíduos associados ao Grupo Donovan, e quando Karen entrou para vê-la, ao final da tarde, o nome dele não foi mencionado.

— Se existir alguma coisa que eu possa fazer para ajudar no problema com Jamie, é só dizer — ofereceu Karen, depois de ouvir Liz explicar em linhas gerais o problema.

— Muito obrigada, mas acho que está tudo bem encaminhado. O advogado me ligou agora há pouco, e disse que pode conseguir que a garota desista da acusação. Na pior das hipóteses, se o caso avançar na justiça, ele vai cumprir em liberdade a sentença, porque é primário. O importante é que Jamie já voltou ao trabalho.

— Certo. Só não se esqueça de que estou aqui, se precisar de ajuda. Tenho

contatos em várias esferas, e que sempre podem ser úteis.

— Obrigada. Vou me lembrar disso.

O chá de bebê, com bolo de última hora e todos os outros acessórios, foi um grande sucesso. Liz chegou tarde em casa e por isso dormiu boa parte da manhã de sábado. Acordou para fazer uma limpeza no apartamento, depois tomou um banho, vestiu-se e saiu para o teatro com vários amigos. A peça revelou ser tão boa quanto haviam esperado, conforme comentaram ao jantar, logo depois. Quando Liz voltou ao apartamento, sentiu-se relaxada o suficiente para ler até tarde.

O som da campainha enchendo a manhã de domingo a acordou completamente. Era muito cedo e ela quase teve de segurar as pálpebras para conseguir manter os olhos abertos. Cambaleou até a porta, aproximando o olho do visor. Nesse instante acordou de vez.

— Vá embora, Donovan. Estou dormindo.

A voz soou abafada através da porta.

— Você teve a noite inteira para dormir e eu trouxe o café da manhã. Vamos, abra... O café já derramou dentro do saquinho e está queimando minha mão.

Liz começou a pensar, certa de que, se o ignorasse, ele iria embora. O único problema era que *não* conseguia ignorá-lo. Endireitando a postura, tirou a corrente, libertando a tranca de segurança. Girou a chave e abriu a porta.

Sem nem ao menos cumprimentá-la, Donovan dirigiu-se para a cozinha. Liz seguiu-o devagar.

— Puxa, que bagunça! — disse ele, enquanto ela se aproximava da pia.

O saco ensopado jazia na bancada, cheio de respingos, assim como as mãos masculinas, que tateavam à procura de um pano.

— No armário embaixo da pia — informou Liz.

Ele rasgou duas toalhas de papel para limpar o café derramado e enxugar as mãos. Só então abriu o outro saco de papel, colocando o conteúdo na bancada.

— Sonhos, queijo cremoso, pãezinhos, patê e suco de laranja. Talvez não tenha sobrado muito café.

— Eu podia ter feito café. Não é uma tarefa muito difícil.

— Sei disso. Mas não tinha certeza se... — começou ele, baixando os olhos. — Se seria bem-vindo.

Só então Donovan se deu conta de que ela nada usava além de camisola. Vendo-lhe a expressão, Liz correu para o quarto, retornando com um longo

roupão cor-de-rosa.

Ele apanhara dois pratos e dispunha os alimentos sobre a mesa.

— Você estava ótima.

— De camisola?

— Perfeitamente decente. Não precisava ficar tão abalada. Sente-se aqui — convidou Donovan, puxando a cadeira. — Quer dizer... pensando bem, é melhor colocar a cafeteira para funcionar primeiro, porque não consegui salvar o café.

Sem dizer uma palavra, Liz caminhou até a cafeteira elétrica e colocou os ingredientes. Quando voltou, viu que ele espalhara o requeijão e o patê sobre o pãozinho.

— E se eu não gostasse de requeijão cremoso ou de patê? — perguntou ela, ainda em pé.

— Aí eu diria que, como você é aventureira, valia a pena experimentar. Venha — convidou Donovan, com seu pedaço de pão na mão. — As regras da boa educação mandam que não se coma antes do anfitrião. Sente-se.

— Engraçado, está me parecendo que você é o anfitrião. O que está fazendo aqui?

— Vim tomar café na sua companhia.

— Eu disse que não pretendia sair com você.

— Sei muito bem. Você disse que não queria jantar, por isso vim tomar o café da manhã. Não falou nada sobre isso.

— Pensei que tivesse ficado subentendido — disse ela, estendendo a mão para pegar um pedaço de pão.

No mesmo instante, Donovan consumiu metade do seu, com uma mordida enorme.

— Hum... esta combinação é imbatível. Pão, requeijão e patê puros não são gostosos, mas quando a gente mistura um com o outro, fica delicioso — comentou, com expressão de êxtase.

— Não mude de assunto. Eu queria passar o final de semana sozinha. *Preciso* relaxar.

— Mas dividir o café da manhã é divertido.

— Quem disse que eu queria?

— Pensei que fôssemos amigos.

— Somos, mas...

— Sou um amigo que está tomando conta de você por enquanto. E estou lhe pedindo para comer.

— Não preciso que tomem conta de mim. Pela primeira vez desde que entrara, a confiança de Donovan pareceu abalada.

— Você estava com uma voz péssima anteontem à noite. Está se sentindo melhor?

Liz encarou-o, desejando ser agressiva, mas descobrindo ser impossível.

— Estou me sentindo melhor.

— Ótimo. Então coma. Quero saber o que tem feito desde que viajei.

Ela mastigou, com prazer crescente.

— Sabe que você tem razão? É delicioso mesmo.

Donovan sorriu e tomou um longo gole de suco.

— Foi tudo bem em Nova Orleans? — quis saber Liz.

— Foi. Há uma companhia por lá procurando um comprador, e fui dar uma espiada. Para salvá-los.

— A companhia está em dificuldades? Encontraram um tubarão que quer os despojos? Compre as ações e, depois que subirem, vendem e vão embora com o lucro, em vez de recuperar a empresa?

— Ah, então você entende disso.

— Está na minha linha de trabalho. Pretende comprar para evitar isso?

— Possivelmente. Não que a companhia tenha certeza da tentativa. Mas pode existir alguém mal-intencionado por trás das compras de ações e a diretoria quer se prevenir contra isso. A companhia é um grande distribuidor no sul. Seria uma coisa nova para o grupo.

— É um bom investimento?

— Isso é o que preciso descobrir... rápido. A administração não é ruim, pelo que vi. E o volume de negócios é grande. Mas meus contadores precisam examinar os livros antes de continuarmos.

— Se a fusão for efetuada, será outra divisão do Grupo Donovan?

— Exatamente. Uma diversificação. Acho que poderia ser uma boa alteração.

Ela mordeu seu pãozinho, mas um pouco de requeijão lhe escorreu pelo queixo. Donovan esticou o dedo e recolheu com delicadeza o creme, levando-o à própria boca. Liz corou.

— Agora é sua vez. Conte como foi o chá-de-bebê.

— Não existe nada de especial num chá-de-bebê. Por outro lado, foi divertido — disse ela, sorrindo. — Jill, que vai ter a criança, estava ótima. Trabalhava como secretária de Karen até dois meses atrás. Vai ser mãe daqui a duas semanas.

— Aposto como você gostaria de ter um filho.

— Por que diz isso?

— Pela forma como ficou animada ao contar sobre Jill.

— Estou feliz por ela. Isso não quer dizer que eu gostaria de estar em seu lugar — defendeu-se Liz. Depois sorriu. — Bem, um pouquinho, talvez. Mas ela não pretende investir muito em sua própria carreira. Foi uma decisão fácil.

— Mas você admite que gostaria de ter um filho?

Liz ergueu-se para apanhar o bule de café. Não era à toa que evitava pensamentos como lar e família. Porém ele insistia em trazer tudo de volta, com suas perguntas.

— Não.

— Por que não?

— Porque... estou ocupada com outras coisas.

— É uma questão de escolha, não é? Se quisesse estar menos ocupada com outras coisas, ficaria — argumentou ele.

— Mas escolho não ficar. Gosto do meu trabalho. Gosto da minha vida assim como é. Com leite, sem açúcar?

— Você lembrou.

— Como podia esquecer? Você quase criou um caso porque eu coloquei duas pedras de açúcar.

— Eu só estava brincando.

— Sei disso. Estou aprendendo.

— Ótimo. O que mais tem feito além de ir a chás-de-bebês?

— Trabalhei. Fiz o rascunho de algumas cartas preliminares para enviar e gostaria que desse uma olhadela. Só que estão no escritório. Não esperava vê-lo antes de amanhã de manhã.

— Tudo bem. Você tinha razão. O final de semana não foi feito para trabalhar. Vejo tudo isso amanhã mesmo.

— Acho que podíamos começar alguma coisa nessa semana. Cada dia que passa é um dia perdido. Podíamos telefonar para alguns contatos da imprensa, e tenho uma lista de vários outros. Assim que as cartas forem enviadas, devíamos começar com os jornais e a mídia eletrônica.

— Parece bom.

— Você está muito à vontade com isso.

— Não deveria estar?

— Bem, é uma situação de crise. Uma de suas divisões... a primeira... está em perigo e pode fechar. Presumi que estivesse ansioso em iniciar uma

campanha que evitasse tudo isso.

Ele deu de ombros.

— Não existe vantagem alguma em fazer as coisas do dia para a noite, porque para fazer direito precisamos de planejamento. Além do mais, contratei *você* para isso e sei que vai salvar meu bebê.

— Sabe, é?

— Sei. Então... aonde mais foi, desde que viajei?

— Aonde mais? Quantas horas imagina que tenha um final de semana?

— Não acredito que nos três dias em que fiquei fora você só tenha ido a chás-de-bebê e ao trabalho.

— Tem razão. Também limpei a casa e estive com alguns amigos ontem à tarde.

— E dormiu.

— Isso.

— O que produziu a dor de cabeça de anteontem? Espero não ter sido eu.

Se ele não estivesse genuinamente preocupado, talvez Liz tivesse ficado quieta, mas a verdade foi que se descobriu falando de Jamie e dos problemas todos.

Donovan escutou, fazendo perguntas de vez em quando e fornecendo apoio. Como fizera com Karen, Liz resumiu a crise mais recente. Não pretendia contar a história da família inteira. Infelizmente, era o que Donovan desejava.

— Você nunca disse nada sobre sua família. Esta é a primeira vez. Seus pais ainda estão vivos?

— Meu pai, sim. Minha mãe morreu há dois anos.

— E seu pai, ainda está em Baltimore? — indagou Donovan, fazendo com que ela erguesse com rapidez a cabeça. — Você disse que era de Baltimore...

— É mesmo, tinha esquecido. Ele ainda mora em Baltimore.

— O que faz?

— Vende seguros.

— Baltimore não é muito longe. Deve ser bom vê-lo sempre.

— Nunca o vejo. Não temos nada em comum.

— Como assim?

— Bem, sabe como é... temos opiniões diferentes sobre muitas coisas.

— Sei como é. Mas mesmo assim as diferenças tendem a desaparecer com a idade.

— No meu caso não foi o que aconteceu.

— E quanto a Jamie? Sem ser nas emergências de final de semana, você

sempre o vê?

— Ele mora longe. É muito caro ficar atravessando o país de avião.

— Você pode pagar.

— Bem, mesmo assim é difícil. Mas eu telefono uma vez por semana.

— Vocês três se juntam nos feriados, não? — insistiu Donovan.

— Na verdade, não.

— Como faz no dia de Ação de Graças, no Natal?

— Geralmente saio com amigos — respondeu ela, com um sorriso forçado.

— Por que será que estou me sentindo num interrogatório?

— Só fiquei curioso porque achei estranho. Eu a tinha imaginado cercada pela família e por amigos. Você é comunicativa e fácil de conviver.

— Vindo de você, é um elogio, pois já viu meu lado ruim — disse Liz.

— Não... ruim, nunca. Talvez esteja se protegendo. Agora parece estar mais à vontade... de robe, num domingo, tomando café depois de sair da cama.

— Ainda não entendeu? Só estou fazendo isso para mostrar como sou feia de manhã, com o cabelo desarrumado, e minha pele...

— Está brincando? Quem disse isso?

— Tenho olhos e sou capaz de enxergar.

— Também tenho e estou vendo uma coisa muito diferente. Uma mulher delicada e mais desejável do que nunca, por ter saído da cama.

Liz tentou levantar e passar por ele, mas Donovan a impediu, segurando-lhe o braço. Avançou assim mesmo, foi puxada e caiu no colo masculino.

— Não acredita em mim, não é?

— Nem por um minuto. Agora me deixe levantar, sim?

— Não antes de mostrar a você até que ponto fui afetado — respondeu ele, passando com firmeza o braço pela cintura fina. Quando os lábios tocaram-lhe a nuca, Liz começou a remexer-se para levantar. — Fique quieta. Você cheira tão bem...

— É... o amaciante que eu ponho na roupa... Donovan, me solte!

Ao invés de responder, ele começou a beijar-lhe o pescoço. Liz fechou os olhos e tentou recuperar o controle. Contudo percebeu que seria uma luta inglória contra o odor suavemente cítrico que exalava do cabelo dele e o calor dos lábios, contra o contato com os músculos fortes que a aprisionavam de um jeito tão agradável.

Um gemido de protesto escapou de sua garganta poucos instantes antes que se beijassem. A forma erótica e cúmplice como as línguas se misturaram não indicou nenhuma resistência por parte dela. Antes que se desse conta, Liz

puxava-lhe os ombros, agarrando a lã do suéter como se estivesse a ponto de afogar-se.

Donovan a beijou várias vezes, parando o suficiente para respirar. Ela já não podia afastar-se, incapaz de interromper o contato que lhe parecia essencial como o sangue que pulsava forte em seu corpo.

A boca masculina deixava seus lábios, passeando pelo pescoço e pelo colo, enquanto as mãos acariciavam as curvas dos quadris. Quando os lábios se aproximaram dos seios, Liz gemeu e enterrou as mãos nos cabelos dele.

Por um instante perguntou-se quem estaria recebendo e quem estaria dando. Era como se Donovan oferecesse uma coisa sem a qual ela não pudesse mais viver. No momento, porém, preferia acreditar que era diferente, especial... e desejável.

Os dedos exploravam, um a um, os botões do robe, baixando os lábios para a pele descoberta cada vez que o tecido se afastava. Chegou a atingir os seios quando ela compreendeu o que estava acontecendo.

— Não... — balbuciou Liz quando as abas do robe foram afastadas. — Não faça isso...

Percebeu que a luta interna era tanta que estava a ponto de chorar. O tom de sua voz era de súplica, mas sabia que não seria o bastante. Ficou tomada pelo terror, sentindo que uma súbita lucidez se instalava.

— Não!

Daquela vez o grito foi acompanhado do movimento das mãos, que afastaram o corpo. Quando Donovan olhou para cima, surpreso, ela fechou o roupão.

— Eu... não estou entendendo — começou, rouco.

— Você não pode fazer isso — murmurou Liz.

— Mas... quer dizer, você parecia... eu...

Ela balançou a cabeça, tentando livrar-se dos pensamentos que a atormentavam. Em vão.

— Elisabeth?

Em resposta, ela cambaleou para a própria cadeira. Não teria conseguido ir para o quarto, pois não confiava em suas pernas. Permaneceu sentada, tremendo, olhando para baixo.

Donovan ergueu a mão e passou-a uma vez por entre os cabelos femininos. Depois fechou os olhos por um instante. Quando os abriu, parecia controlado.

— Por que não se veste? Podemos ir até minha casa e passear um pouco na floresta — sugeriu com voz suave.

— Não acho que eu deva — respondeu ela, sem erguer os olhos.

— Por que não? Era isso que eu tinha em mente quando vim até sua casa tão cedo.

— É seu esconderijo nos finais de semana. Por que não está lá agora?

— Porque vim para cá.

— Como chegou até aqui, por falar nisso? — quis saber Liz.

— Vim guiando.

— Eu sei, não foi o que perguntei. Como descobriu meu endereço?

— Do mesmo jeito como fiz para lhe telefonar: consultei a lista telefônica.

E. Jerome. Era o único nome com abreviatura. Só achei Edwards, Edgars e Emersons...

— Onde você arrumou Innis?

— Como?

— Seu nome do meio. Innis faz parte de seu dossiê. Onde arrumou?

— Era o nome de solteira de minha mãe. Ela não queria que desaparecesse, principalmente porque o único irmão teve quatro filhas.

— Certo... — respondeu ela, baixando os olhos.

— Que tal? De qualquer jeito, preciso voltar para a cidade à noite. Podíamos relaxar durante o dia. O sol está brilhando. Talvez não tenhamos muitos dias como este.

— Eu sei. O que eu não sei é...

— Não pretendo tentar nada. Prometo. Só queria passar um tempo com você. Uma coisa totalmente inocente. Como irmão e irmã, se quiser.

A urgência que ela pressentira era similar, de alguma forma, ao que escutava. Não podia resistir à necessidade que Donovan demonstrava. Talvez fosse tudo de que precisava na vida: sentir-se necessária. Gostava quando os amigos lhe traziam seus problemas. E Donovan... queria ser seu amigo, não queria?

— Irmão e irmã? — indagou.

— Irmão e irmã. Prometo.

— Eu não devia fazer isso — disse Liz, erguendo-se.

— Pode ir se vestir. Eu limpo tudo por aqui. Se não sairmos logo, vamos perder a melhor parte do dia.

Chegaram à casa pouco depois do meio-dia. Como Donovan anunciara, os bosques estavam lindos com as cores de outono.

— A gente sente falta disso na cidade — comentou ele, descendo do carro.

— Vou abrir a casa e a gente sai para explorar um pouco por aí.

Liz deu a volta à casa, passando por vários pinheiros e abetos, desviando ocasionalmente de algumas raízes gigantescas. O som de água correndo sobre pedras a atraiu, e logo encontrou o riacho que passava pelo quintal da casa e sumia na floresta. Era um lugar pacífico e adorável.

Abaixando-se, pôs os dedos na água cristalina, apreciando o calor dos raios solares. Foi nessa posição que Donovan a encontrou, alguns minutos depois.

— Que tal?

— Maravilhoso. Um refúgio de verdade.

— Esse regato não congela até a metade do inverno — informou ele. — E, mesmo gelado, fica com uma beleza diferente. Bem cedinho, em alguns dias, a gente consegue ver uma corça que vem beber água aqui.

— Quando eu estava caminhando, tive a impressão de ter visto um esquilo.

— Provavelmente viu mesmo. Temos muitos por aqui. E coelhos, além de guaxinins... até mesmo uma raposa aparece, de vez em quando.

— Uma raposa? — espantou-se Liz.

— Ela não faz nada. Foge muito antes que a gente chegue perto. O perigo aqui são os gambás. Você sai no próprio quintal para admirar a lua e um bichinho branco e preto se mete no seu caminho. A gente não sabe se corre ou fica parado, enquanto tenta desesperadamente lembrar o que é que tira o odor do líquido que ele espirra.

— Você já foi atingido?

— Uma vez.

— Nesse caso, pode me dizer o que a gente passa para tirar o cheiro?

— A melhor coisa é levar as roupas para a lixeira mais próxima — respondeu ele, sorrindo. — Ou fazer com elas uma fogueira no quintal. E, claro, banho e água de colônia por vários dias.

Donovan lhe ofereceu o braço e ambos tomaram uma trilha que levava ao bosque. Havia muita vegetação no interior, dominado por grandes coníferas, cuja fragrância se sentia no ar fresco. O sussurrar das folhas e o suave murmurar do riacho ocultavam pequenos sons de animais. O olho treinado de Donovan os descobria.

Em pouco tempo chegaram a uma clareira, cujo centro era coberto de grama. Depois de retirar os casacos pelo calor da caminhada, os dois dirigiram-se a uma respeitável árvore, que lançava uma sombra acolhedora. Sentaram-se ali e permaneceram apreciando a paz do ambiente. Quando

Donovan falou, foi como se retornasse de uma viagem no tempo e no espaço.

— Quando eu era criança, meus pais costumavam nos levar até nossa cabana nas montanhas. No começo, eu achava monótono, porque queria *fazer* coisas. Quando completei quinze anos, reclamava contra o que chamava de dinheiro gasto à toa para manter um lugar daqueles, pois a gente podia ir a qualquer parque nacional, se quisesse ar puro — contou ele. Depois riu. — Acho que não entendi qual era o objetivo.

— Qual era?

— Reunir todos nós. Quebrar a rotina da vida diária. Nos lembrar que éramos uma família e que mesmo no mato, a quilômetros da civilização moderna, tínhamos um ao outro. Gostaria de ter entendido esse ponto mais cedo.

— Talvez tenha entendido.

— Como assim?

— Talvez tenha sido essa a idéia contra a qual você se rebelou: a de depender dos outros. Estava tentando formar uma identidade própria, e o lembrete de que fazia parte de um grupo maior, nesse caso sua família, era difícil de aceitar.

— Bem, gostaria de ter aceitado. Perdi um bocado de calor humano por não entender essa mensagem de meus pais.

— A maior parte das crianças age assim — comentou Liz.

— E você? Agiu assim?

— Acho que agi. Por outro lado, minha situação era completamente diferente.

— Como assim?

— Com minha mãe morta e tudo o mais, acabei não tendo uma vida muito em família.

— Seu pai não costumava sair com vocês?

— Não muito. Ele estava sempre ocupando, trabalhando. O dobro de trabalho, dizia, porque não podia viajar por nossa causa.

— Que idade tinham?

— Quando minha mãe morreu? Eu tinha dez anos e Jamie, seis.

— Deve ter sido difícil para os dois.

— Foi mesmo. Mas ela ficou doente por um bom tempo. A morte foi uma bênção.

— É ruim pensar na morte como uma bênção — disse ele, fitando um ponto perdido na distância. — Isso me assusta muitas vezes, porque existe tanta

coisa que ainda não fiz...

— Mas você é bem-sucedido.

— Profissionalmente, sim. Pessoalmente é outra história. Como seu pai se virou com vocês, quando sua mãe morreu?

— Não muito bem.

— Como assim?

— Ele sempre foi um tanto cínico. A morte de minha mãe só piorou as coisas.

— Quem tomava conta de vocês?

— Tínhamos uma governanta. Quando minha mãe, doente, já não podia cuidar da casa, contratou uma governanta. Mas meu pai ficou insuportável ao final da doença.

— Não era uma situação boa para duas crianças precisando de segurança — opinou Donovan.

— Não, não era.

— Nunca faziam as coisas em família? Você mencionou viagens...

— Ah, sim. Meu pai tinha certas prioridades e uma delas era viajar. Ele nos levava em viagens de negócios quando coincidiam com as férias escolares.

— Não era divertido, era?

— Não muito. Bem, talvez eu não devesse ser tão rígida assim. Conhecemos vários lugares.

— Com guias pagos, enquanto seu pai trabalhava?

Liz olhou para ele com ar de surpresa.

— Não era tão mal assim. A maior parte dos guias era muito mais divertida do que meu pai. Ao menos a gente entendia tudo.

— Certo, mas não era o mesmo que seu pai. Emocionalmente, quero dizer. Deve ter magoado.

— Muitas coisas magoam. A gente precisa aprender a se concentrar nas que não magoam.

— Por isso você é diferente de seu pai — afirmou ele.

— Essa é uma das razões... Acontece que ele era bem chauvinista. Não consegue entender o trabalho que faço, além de dizer que estou tomando o trabalho de algum homem com família para criar.

— O que você responde? — quis saber Donovan, rindo.

— Não digo nada. Não pretendo mudar a forma como ele pensa, nem acho que seja possível. Seria uma perda de tempo e esforço. Acontece que também tenho outras coisas para fazer.

— Ele procura entrar em contato com você, de vez em quando?

— Não.

— Deve ser um homem solitário.

— Isso eu não sei.

— Tem outros familiares? Tios, tias?

— Do lado de meu pai, ninguém. Bem, para dizer a verdade, ele tinha uma irmã, mas nunca a vimos. Do lado de minha mãe, perdemos contato depois da morte dela. Que família, hein?

— Eu podia ter tido tudo o que você não teve, mas não quis. Joguei fora — afirmou ele. — Quando se pensa nisso, é patético.

— Não acho patético. Além do mais, você não jogou fora. Simplesmente... declinou.

— É, mas perdi um bocado de coisas nesse processo.

— Vai ganhar outra vez, e voltará cheio de significado, com o valor que agora você sabe que tem.

— Algumas coisas não se pode ter de volta. Minha mãe se foi. Meu pai está ficando velho. Minha irmã e meu irmão têm as próprias famílias e as próprias vidas. E David... bem, tudo isso já passou.

Liz pousou a mão no ombro dele.

— Onde está o velho otimismo, Donovan?

— É que você me trouxe algumas recordações, me fez pensar. Sabe conversar. Escuta e responde. Tem o tipo de personalidade que todos escolhem para confidente. Você tem algum?

— Sou a dama de aço, não sabia? Não preciso de confidentes. De qualquer maneira, hoje acho que lhe contei mais do que devia — afirmou ela, perplexa ao constatar quanto revelara.

— Melhor colocar o casaco — aconselhou Donovan. — Já está arrepiada de frio.

Ambos se levantaram e ele começou a falar sobre outras coisas. Afastaram-se da árvore e refizeram o caminho até a casa. Depois de entrar, Donovan fez questão de acender a lareira, dizendo que o fogo era bom para a alma. Liz sentiu-se relaxada e feliz.

Ele manteve a palavra, portando-se de forma fraternal, quer dizer, sem intenções sexuais mas cheio de delicadezas. Liz permitiu. Era o mínimo que poderia fazer para diminuir as tristezas daquele homem.

Jantaram à frente do fogo, conversando sobre trivialidades, e ela ficou surpresa com a quantidade de pontos de vista que compartilhavam.

O dia terminou antes do que seria desejável. Donovan levou-a para a cidade enquanto Liz cochilava no banco. Sentia-se tonta quando ele a acompanhou até o apartamento. Escutou a própria voz convidando-o para um café antes de adormecer no sofá.

Quando acordou, o "irmão" que a acompanhara durante o dia se fora, substituído pelo homem que fora provocado o dia inteiro.

CAPÍTULO V

Liz abriu os olhos para encontrar a si mesma aninhada nos braços de Donovan. A cabeça dele repousava contra seu pescoço, onde os lábios se moviam devagar. Suspirou baixinho e deixou-se ficar por um instante naquela luxúria suave, como se estivesse ainda sonhando com seu príncipe encantado, o homem que tinha vindo a este planeta sem outro propósito senão protegê-la.

No sonho, acariciava-lhe os cabelos, abundantes, macios e vibrantes ao seu toque. Sentiu a mão em seu queixo, puxando-a devagar para os lábios. O contato que fora tão novo já tinha certa familiaridade. Correspondeu como seu corpo desejava, abandonando-se às sensações arrebatadoras. Suas mãos acariciaram a superfície musculosa das costas.

Uma pequena parte em seu interior tentou interromper a fantasia, mas não teve a menor chance contra o erotismo que se espalhava pelo corpo. Arrepios de prazer correram pela pele de Liz.

Tonta pelas sensações que brincavam com seus sentidos, não resistiu quando ele a deitou. Arqueou as costas, para aumentar o contato. Quando a boca finalmente libertou a sua, descendo em direção ao pescoço, percebeu que sua respiração parecia ter o dobro do ritmo normal. Não conseguia raciocinar. A mão masculina, sem ser percebida, deslizou por sob a camisa, até que ela sentisse um calor intenso no seio, protegido apenas pelo tecido fino do sutiã. Toda a pele se aqueceu e o corpo de Liz correspondeu ao carinho.

Ouviu ao longe outra vez a pequena parte que se rebelava contra o que acontecia, porém não foi difícil ignorar o aviso. Aquelas sensações encontravam-se adormecidas havia vários anos e ao retornar, avassaladoras, demonstravam quão agradável era a intensidade do prazer. Quando as pontas dos dedos chegaram aos mamilos, foi como se um choque elétrico lhe provocasse tonturas, como se sua parte física se resumisse à excitação dos bicos enrijecidos.

A boca de Donovan retornou a seus lábios e as mãos abandonaram os seios para descer aos quadris, na direção das coxas. As carícias ali realizadas nunca haviam sido tão intensas. O gemido profundo de Donovan teve a propriedade de despertar mais a voz no interior de Liz.

Quando o corpo masculino se colou ao seu, ela sentiu um calor intenso envolver todo o seu corpo. Apenas os sentidos comandavam seus atos. Então

ele baixou uma das mãos para o jeans que Liz usava, abrindo o botão de pressão.

O som deu a impressão de ecoar pelo interior do cérebro feminino, fazendo com que a bolha protetora estourasse de repente.

— Meu Deus! — exclamou ela, baixando as mãos para segurar-lhe os pulsos. — Donovan! Pare com isso...

O rosto incrédulo se voltou para baixo.

— Como?

— Por favor... — insistiu ela, soluçando. — Eu não posso. Por favor...

— Claro que pode — disse ele, baixando a cabeça para beijá-la.

Liz cerrou os olhos e virou o rosto. O corpo que correspondia a cada estímulo tornou-se rígido. Donovan ergueu a cabeça e observou-a, intrigado e preocupado. Depois afastou-se devagar.

Sentou-se e sacudiu a cabeça. Quando falou, sua voz parecia calma e controlada: — Muito bem, Liz, diga por quê. Explique por que uma mulher na nossa época não pode fazer amor com um homem que a excite.

Ela enrodilhcou-se no canto mais distante do sofá, os braços cruzados, cobrindo o botão aberto da calça. Olhava para baixo.

— Fale, Elisabeth. Você me deve uma explicação. Será que ninguém a ensinou que não pode deixar um homem neste estado e depois desistir?

Ela continuou imóvel. Donovan, frustrado, passou a mão pelos cabelos e suspirou.

— Por que me pediu para parar, Elisabeth?

— Porque... porque eu não queria... ir até o fim.

— Pois pode ter certeza de que me enganou direitinho. Muito bem, ao menos concordamos que não foi um caso de rejeição física. E você disse que não existe outro homem em sua vida. Por acaso alguém a magoou no passado? Tive a impressão, um minuto atrás, de que estava apavorada. Sofreu alguma violência?

Liz rapidamente negou com um gesto de cabeça, incapaz de falar e muito menos de fitá-lo. Ele chegara próximo à verdade, mas não da forma como imaginava.

— *Existiu* alguém? — Outra vez um gesto negativo. — Alguma vez? — Pela terceira vez, ainda sem olhar para ele, Liz balançou a cabeça. Donovan deu a impressão de que iria segurar o fôlego, deixando escapar o ar à medida que a compreensão atingia sua mente. — Você é virgem.

Ela limitou-se a fechar os olhos.

— Elisabeth? Me diga, por favor. Preciso saber. Sou eu? Você? A situação?

— Sou eu — murmurou ela, baixinho.

— Você é virgem.

Lentamente, ela assentiu.

— Puxa, Liz... eu devia ter percebido. Mas é que você tem quase trinta anos, mora sozinha em Nova York e pensei que... — Puxou a cabeça dela em direção ao peito, acariciando-lhe os cabelos. — Faz idéia de quão maravilhoso isso é? Em como me faz sentir, sabendo que serei o primeiro?

— Você não vai ser.

Com a dissolução de seu sonho, ela enxergara a luz. As palavras de Donovan a ajudaram. Era virgem, e isso, para ele, significava pouco mais do que um desafio extra.

— Isso não faz sentido.

— Para mim, faz.

— Você é uma mulher jovem e apaixonada.

— E o que isso tem a ver com o assunto?

— Não entendo — confessou ele, por fim. — Imaginei que nos déssemos bem tanto intelectual quanto fisicamente...

— Não é bem assim. *Você* se dá bem com quase todo mundo. Eu, não.

— O que quer dizer com isso?

— Quer dizer que não sou boa para você. Pode ter qualquer mulher, Donovan. É só escolher entre as mais belas do mundo, ou as mais inteligentes... ou as duas coisas juntas. Não precisa de mim. Para você, não passo de um... brinquedo.

— Não é assim — protestou ele.

Liz ergueu-se do sofá e caminhou em direção à porta.

— Você pode conseguir coisa bem melhor do que eu, Donovan.

— É isso que acha? Que loucura, menina. Tem idéia de quanto tempo faz que estou procurando a mulher ideal?

— E como não conseguiu encontrar ninguém, resolveu passar seu tempo comigo.

— Não foi isso que eu quis dizer, Elisabeth. Você fica tirando conclusões, a maioria delas errada. E não estou *passando o tempo* com você. Não existe nada de temporário nas coisas que penso.

— Isso só tornaria meu inferno mais quente — riu ela.

— Você não acredita que estou falando sério... Por que acha tão difícil acreditar que a desejo?

— Claro que acredito que me deseja — respondeu ela, os olhos fuzilando.
— Acha que sou tão estúpida a ponto de não perceber quando um homem fica excitado?

— Esqueça o sexo. Estou falando num sentido muito mais amplo.

— Não consigo esquecer o sexo, Donovan. Atinge todas as outras coisas.

— Mas não precisa ser assim — argumentou ele, com voz suave. — Não que eu veja como um problema. Acho que somos ótimos juntos. Toquei seu corpo e a beijei. Senti que você também queria, pela forma como correspondeu. Seu corpo é perfeito para o meu. Se me deixar, posso mostrar. Podemos ir até seu quarto e...

— Não — interrompeu ela, colocando as mãos nos ouvidos para não escutar o resto. — Olhe para mim, Donovan! Não sou nada. Sou simples e sem atrativos...

— Você já veio com essa conversa antes, mas está completamente errada. É cheia de atrativos, mas não se dá conta. É uma mulher bonita de dentro para fora.

— Isso sim, é uma mentira.

— Não minto, Liz. Se quiser continuar se recusando a enxergar o que estou dizendo... muito bem, você não é a Miss Estados Unidos. E, já que falamos no assunto, também não sou o Mister Estados Unidos. Só que existem coisas dentro de seu coração... coisas que a fazem brilhar por inteiro. Sensibilidade, generosidade... calor humano.

— Meu cabelo não tem brilho, meus olhos são afundados e meu nariz não combina com o rosto. E meu corpo... Meu Deus, eu não saberia nem onde começar.

— Pois eu saberia — afirmou ele. — Quer dizer, senti muita intimidade com seu corpo quando encostou no meu. As curvas são todas nos lugares certos e pulsam como deviam. Você me excita de uma forma que ninguém nunca conseguiu. A beleza não pode existir só na superfície, Liz. Vem de dentro. Ao menos a beleza verdadeira vem de dentro. Foi isso que vi em você.

Ela suspirou.

— Não preciso de elogios. Me considero realista. Agora, é melhor ir embora. Foi um dia maravilhoso, mas estou exausta e preciso chegar cedo ao escritório amanhã.

— Quer dizer que vai esquecer tudo e fingir que nunca aconteceu nada?

— Já esqueci — declarou Liz.

Donovan a encarou intensamente, depois ergueu-se.

— Muito bem. Ainda tenho um pouco de orgulho. Vamos fazer do seu jeito. Se é trabalho o que você quer, que seja. Passo no seu escritório amanhã à tarde para dar uma olhadela nas cartas que escreveu.

— Tenho uma reunião à uma hora. Você vai ter de passar depois das duas e meia — disse ela.

— Nesse caso, vejo você às três horas. Durma bem, Liz.

Ela ficou olhando enquanto Donovan virou as costas e saiu. Então, desabou no sofá e começou a chorar.

Por volta das três horas da tarde, Liz vestia sua personalidade comercial. Havia separado as cartas, um tipo para acionistas, outro para investidores, um para empregados, um para distribuidores, cada carta com seu estilo. Donovan leu todas cuidadosamente, fez algumas sugestões e aprovou tudo. Examinou a lista de mídias possíveis que ela preparara e perguntou sobre uma ou duas, mas não encontrou defeito algum nos planos já elaborados.

Se ele parecia mais sério, Liz disse a si mesma que devia ser grata por isso. Deixara as coisas avançar demais, por sua própria culpa. Nunca devia ter consentido em passar o domingo com ele.

Jamais abrigara ilusões de amar ou ser amada por homem algum. Entretanto, Donovan fazia coisas estranhas com sua cabeça e seu corpo.

Por um lado, sentia falta do brilho dos olhos dele e das brincadeiras, sempre carregadas de conotação sexual. Por outro lado, sabia que assim seria melhor. Era mais profissional. Conduzia a um aumento de produtividade. Era dessa forma que as coisas deviam ser com um cliente, e assim seriam com Donovan Grant.

A semana passou com rapidez. Liz completou o relatório trimestral. Entrara em entendimentos com o *Women's Journal*, para publicidade. Conversou com Cheryl Obermeyer e ficara sabendo que Ray de fato se acalmara e parecia satisfeito, apegando-se às suas responsabilidades atuais.

As cartas para o pessoal do grupo começaram a ser escritas e enviadas, num verdadeiro ataque de exposição da imagem de Donovan à mídia. Liz encontrou, em cinco reuniões diferentes, as pessoas-chave nas organizações, sem mencionar as séries de telefonemas para outros contatos. Ao final da semana, foi capaz de apresentar a Donovan uma lista de entrevistas e aparições públicas que elaborou para as duas semanas seguintes, com algumas ainda a agendar.

De sua parte, Donovan foi bastante acessível. Quando ela telefonava,

aparecia. Quando falava, ele ouvia. Foi instruído de várias formas para lidar com o pessoal da mídia, Liz fazendo as perguntas que os repórteres fariam, depois ajudando-o a analisar e a melhorar as respostas.

Ao final de cada reunião, o comportamento de Donovan era exemplar. Sempre o cavalheiro perfeito, sem incorrer mais em trajes esportivos ou qualquer coisa fora do ambiente de negócios. Na verdade, o comportamento era justificado pelo que ela dizia e fazia. Desistira dela como brinquedo sexual, obviamente. Afinal, a atração não era tão forte quanto afirmara.

Naturalmente, Liz não sabia nada sobre o encontro que Donovan tivera com Karen.

— Preciso de sua ajuda — dissera ele, ao entrar no escritório da velha amiga. — Alguma coisa não vai bem, mas não sei dizer o que é.

— Nem parece você, Donovan. Não costuma ficar assim, tão... perplexo.

— Estou falando muito sério, portanto pode tirar o sorriso do rosto, amiga. Tenho um problema grave e a culpa é sua.

— Minha?

— Foi você quem me apresentou Elisabeth Jerome.

— O que aconteceu? Está descontente com o trabalho dela? — indagou Karen, franzindo a testa.

— Não, claro que não. Ela é ótima no que faz. Tem visão e trabalha bastante.

— Então?

— É ela. Pessoalmente. Não consigo chegar até ela — afirmou Donovan.

Sabendo que o problema não estava relacionado ao trabalho, Karen recostou-se na cadeira.

— Você está mesmo diferente, Donovan. Nunca o vi com problemas nessa área.

— Não chegou a existir problema algum, se está me entendendo. Nós nos damos perfeitamente na hora de trabalhar, e mesmo quando saímos só para nos divertir. Eu a levei até minha cabana, domingo passado, e nos divertimos muito.

— Mas não conseguiu levar Liz para a cama.

— Não que seja só essa a minha intenção, mas parece existir um grande problema nessa área.

— Não sei... Acho que você está perdendo o charme com a idade.

— Não estou perdendo o charme e pare de rir de mim. Você pode estar achando graça, mas eu, não.

— Está certo. Já me disseram que é um problema comum. Talvez seja parte da crise de meia-idade... — começou ela, interrompendo o sorriso. — Está bem, vamos deixar a brincadeira de lado. É sério, não é?

— Muito. Estou maravilhado com Liz. Por outro lado, você sabia que seria assim, não sabia? Por isso nos colocou juntos.

— Eu não "coloquei" os dois juntos. Simplesmente a designei para tratar do seu caso.

— Certo, pois ela ficou com o meu caso e eu fiquei com este problema. Você a conhece bem, Karen?

— Tão bem quanto as outras, acho, o que não significa muito. Ela é muito reservada quando chega a hora de falar sobre si mesma, principalmente sentimentos.

— Disse que não teve outro homem em sua vida — afirmou Donovan.

— Pode acreditar. Tentei arranjar alguém outras vezes, mas nada deu certo.

— Tem alguma idéia sobre o motivo?

— Ela dizia não estar interessada. Argumentava sentir-se feliz com a vida que leva, e que não precisa de nenhuma complicação. Quase acreditei. Ela de fato adora o trabalho e conhece muitas pessoas, que são atraídas porque...

— Porque Liz é uma grande ouvinte — completou ele. — Sei disso. Tem um talento nato. Os instintos dela sobre as emoções das pessoas estão certos e Liz tem toda a paciência do mundo quando se trata de relacionamentos sociais e profissionais. Só que não tem relacionamentos com homens.

— Ao menos não do tipo sexual.

— Isso quer dizer que ela tem amigos homens?

— Não tenho certeza sobre isso. Liz se dá bem com clientes, mas, se algum se tornou seu amigo ou se havia algum amigo homem antes disso, não sei dizer. Mas sei que você a ameaça de alguma maneira. Depois de vê-lo pela primeira vez, ela pediu para que eu colocasse outra pessoa no caso.

— Pediu, é?

— Foi. Mas em compensação não apresentou nenhum motivo válido, ou ao menos que eu achasse profissionalmente válido — informou Karen. — Fiquei com a impressão de que Liz estava assustada.

— Mas... por que comigo?

— Ora, Donovan, pare com isso. Sabe tão bem quanto eu o porquê. Você a afeta de uma forma que ninguém afetou antes.

— Não existe motivo para que Liz se sinta aterrorizada, mas é assim que se sente. Ví nos olhos dela uma espécie de pavor.

— Eu lhe perguntei uma vez... — começou Karen, hesitante.

— Perguntou o quê?

— Acho que não devia trair a confiança dela.

— Karen, estou apaixonado pela moça. Estou pedindo que me ajude a compreendê-la. Ela deve ter algum problema que não a deixa relaxar. E não estou falando apenas de sexo.

O desespero na voz dele foi o ponto que fez com que Karen decidisse colaborar.

— Perguntei a ela se fora estuprada.

— E...

— Ela disse que não.

— Acha que falou a verdade? As mulheres sempre sentem certa culpa em relação a isso. Parecem acreditar que de alguma forma começaram a situação.

— Não. Acredito que ela tenha dito a verdade. Mas concordo com você. Alguma coisa grave aconteceu.

— Tem alguma idéia sobre o que seja?

— Eu poderia especular, mas não tenho certeza se acho honesto em relação a ela.

— Seria honesto em relação a mim — argumentou ele. — Pode especular.

— Deve existir alguma coisa no passado, que talvez envolva o irmão. Sabe alguma coisa sobre ele?

— Jamie? Liz me falou sobre isso na semana passada.

— Ele sempre foi uma fonte de preocupação. Liz se sente responsável. O rapaz sempre se mete em encrencas e eu me pergunto qual seria a causa para isso. Geralmente, quando a gente vê um jovem arranjando problemas, existe uma razão.

— Sei que a casa dela não era um lar feliz. O pai parece um miserável.

— Sabe mais sobre isso do que eu. Ela nunca disse nada sobre o pai, além de uma referência de passagem aqui e ali.

— Sempre que mencionava o pai, era de uma forma... neutra, fria, como se ele fizesse parte de um passado que Liz tivesse enterrado, para não ter de lidar com aquilo. Talvez fosse uma raiva profunda, quase uma tristeza.

— Ela nunca disse nada sobre o relacionamento de seus pais? — quis saber Karen.

— Não. A mãe morreu cedo e ficou doente por muito tempo. Duvido que exista alguma coisa sexual nesse ponto, se acredita que Liz possa ter ficado traumatizada com uma cena entre os dois. Quanto aos problemas de Jamie,

poderiam indicar uma total falta de interesse do pai nele.

— Nós dois parecemos um par de psiquiatras amadores. Não sei, Donovan. Simplesmente não sei se é certo. Mas sei de uma coisa. Não desista de Liz. Acho que ela é uma garota fantástica.

— Isso você não precisava me dizer — respondeu ele. — E pode acreditar numa coisa: não tenho a menor intenção de desistir, enquanto ainda existir uma chance.

— Acredito piamente — disse Karen, sorrindo. — Este, sim, é o Donovan que eu conheço.

Na semana seguinte iniciou-se a campanha de mídia lançada por Liz para Donovan. Ela esteve presente à maioria das entrevistas, algumas das quais tinham lugar em seu escritório. Outras eram realizadas em restaurantes, à primeira refeição ou ao almoço; outras, ainda, em estúdios de rádio e televisão.

Na semana seguinte viajaram para atingir a mídia de Boston, Filadélfia e Washington. Ao cabo da segunda semana, Liz tornou-se confiante no sucesso da campanha. Onde quer que fosse, Donovan era bem recebido. Era simpático, organizado e eficiente. Lidava com situações delicadas demonstrando calma e conseguia encantar o entrevistador mais difícil. Liz estava contente também com o teor dos artigos que apareciam na imprensa escrita. Estudou as fitas de vídeo com a mesma satisfação expressada por outros membros da empresa.

Durante esse período, descobriu-se gostando dele outra vez. Donovan jamais mencionara o que acontecera no apartamento, nem tentara mais nada além de emitir um convite ocasional para o jantar, que ela recusara no mesmo tom formal. Mas sempre percebia uma ponta de excitação quando acordava na manhã do dia em que o veria. Gostava de trabalhar com Donovan, conversando sobre negócios ou qualquer outro assunto.

Então chegou a vez de ele viajar, para encontrar a mídia em Chicago, Detroit e Dallas. Quando sugeriu levá-la, Liz recusou polidamente, insistindo em que ele estava preparado e sabia lidar com a imprensa como um profissional. Na verdade, tinha medo do que poderia acontecer num quarto de hotel, num local distante. Não queria abusar da sorte. Não queria lidar com o assunto. Seria difícil o suficiente terminar o trabalho e não conviver mais diariamente com ele. Ficara um tanto dependente dessa amizade e não sabia como iria ser capaz de manter aquilo depois de encerrado o trabalho.

Enquanto ele viajava, ligava ao menos uma vez por dia para o escritório ou

para o apartamento. Donovan parecia ter necessidade de saber onde ela se encontrava e conversar sobre o que fizera durante o dia. Acabavam retomando à velha conversa sobre sexo, que parecia ter ficado para trás. A verdade, contudo, era que passava cada vez mais tempo pensando no assunto, pensando *nele*, no que *ele* sentia. Temia que sobreviessem problemas.

Foi o que ocorreu na semana seguinte, no mesmo dia em que Donovan retornou de Seattle, a última parada da viagem. Ela acabara de chegar ao escritório quando o telefone tocou.

— Estou de volta!

— Ótimo — comentou Liz, sem saber o que dizer. — Como foi tudo?

— Bom. Mas teria sido melhor se você estivesse comigo.

— Bajulações não vão levá-lo a lugar nenhum. Conseguiu fazer todas as entrevistas?

— Todas, com exceção daquela na estação a cabo. Estou contente em voltar. Escute, acho que vou para casa dormir um pouco. Que tal um jantar mais tarde?

— Não posso. Vou me encontrar com outro cliente.

— Que tal café da manhã?

— Por que não passa aqui de manhã? Tenho um compromisso às nove horas, mas devo estar livre por volta das dez — informou ela.

— A gente podia tomar café às oito. Vamos lá, Liz, quero conversar com você.

— Dez horas?

— Está bem. Vejo você às dez.

Na manhã seguinte, ele telefonou para avisar que estava de saída para o aeroporto, onde tomaria o avião até Nova Orleans.

— Tudo está parecendo bom demais para a fusão, se entende o que digo. Preciso ir pessoalmente verificar algumas coisas. Devo estar de volta amanhã à noite. Pode encontrar-se comigo?

— Não posso. Tenho um cliente durante a tarde e é quase certo que a gente trabalhe à hora do jantar.

— Puxa, Liz, você sempre tem alguma coisa para fazer...

— Avisei você, no início, que minhas folgas eram esporádicas.

— Certo, mas toda vez que tento sair com você, há outra coisa planejada. Está me evitando?

— A gente podia se encontrar no escritório, na manhã seguinte à que você voltar.

— Que tal tomar o café da manhã em Park Lane?
— Nove e meia... aqui?
— Está vendo? Você não cede. Não há nada de mal que eu possa fazer num restaurante, Liz.

— Estamos mal-humorados esta manhã, não?

— Pode acreditar nisso. Eu queria conversar com você, não viajar para Nova Orleans. Vamos lá, me anime um pouco. Encontre-se comigo sexta-feira para o café. Você vê outros clientes pela manhã. Pois também tenho dúvidas que gostaria de discutir, e sou um homem ocupado. Com essa agitação toda das últimas semanas, acabei não fazendo nada em meu escritório. Economizaria tempo para nós dois se pudéssemos fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Café?

— A que horas? — perguntou Liz.

— Oito e meia. Obrigado. Vou esperar ansioso. Até lá.

— Donovan? Boa viagem.

— Obrigado, amor. Até mais.

Donovan parecia lépido e alerta quando Liz entrou no salão do Park Lane, na sexta-feira de manhã. Estava acomodado a uma mesa redonda, ao lado da janela com vista para o Central Park. O café foi servido com rapidez, assim que ela se acomodou.

— É bom vê-la.

— Como foi em Nova Orleans?

— Ótimo. O negócio está em andamento.

— Então as coisas vão se acelerar.

— Parece. Como vai você?

— Estou ótima. Tenho um monte de artigos sobre as entrevistas que você fez no caminho — ofereceu ela, entusiasmada. — Algum dado sobre as últimas vendas?

— Pretendo examinar os relatórios hoje.

Quando o garçom se retirou, Donovan passou a fita-la intensamente.

— Não me olhe assim.

— Assim?

— Isso mesmo.

— Gosto de ficar olhando para você. Sinto que estou finalmente em casa.

— Acho que deve ser o horário apertado e o excesso de vôos. Você ainda está nas nuvens.

Ele sorriu.

— Pode apostar. Ei, como vai o problema com Jamie? Está bem encaminhado?

— Por enquanto, sim. A garota decidiu não apresentar queixa. Não que ela fosse conseguir estabelecer um caso. Mas o advogado de Jamie foi capaz de convencê-la de que haveria desvantagens para ambos se tudo terminasse no tribunal. Jamie concordou em ficar afastado, e sabe que se ousar levantar um dedo contra ela outra vez vai se meter em encrenca da grossa.

— Vai funcionar?

— Espero que sim — disse Liz com um suspiro. — O advogado me contou que ele pediu desculpas quando encontrou Susan.

— Ele lhe pareceu arrependido?

— Puxa, não sei. Acho que sim. Ainda não falei com ele pessoalmente desde que saiu daqui. Não queria pressioná-lo sobre esse assunto. Tenho certeza de que Jamie se sente envergonhado e sempre é pior quando tem de me enfrentar.

— Mas foi para você que ele correu quando tudo aconteceu, não foi?

— Meu irmão não sabia o que fazer. Sempre corre para mim desse jeito. Conversarei com ele na semana que vem, quando as coisas sossegarem um pouco.

— Na semana que vem é dia de Ação de Graças. Fez algum plano para o almoço?

— Vou almoçar em Long Island, com algumas amigas do escritório. Uma delas tem família lá e fomos todas convidadas. E quanto a você?

— Se você estivesse livre, eu ficaria por aqui. Mas, como pretende desertar, acho que vou até Saint Louis.

— Não me venha com essa história de que estou desertando. Sei que tem esse voo reservado há meses. Do contrário, não conseguiria passagem no feriado de Ação de Graças.

— Bem, confesso que fiz as reservas há muito tempo, mas poderia dar outro jeito se você for comigo. Que tal? Vai gostar da minha família.

— Tenho certeza de que gostaria, mas infelizmente já confirmei outros planos e não posso ir.

— Com amigos? Isso é outra coisa.

— É? Você vai ver David no feriado?

— Bem... não. Ele vai ficar com Ginny e Ron. Significam muito para David. Não posso lhe pedir que saia.

— Ele conhece sua família?

— Já o levei a Saint Louis algumas vezes. No começo foi um pouco estranho, nós dois finalmente à vontade um com o outro... mas apresentar toda a família de uma vez é um pouco demais — disse ele, pensando um instante e depois dando de ombros. — Talvez eu esteja sendo egoísta e querendo o tempo dele só para mim, mas por outro lado existe o medo de que minha família diga que estou fazendo algo errado. Acho que não sou muito seguro desempenhando o papel de pai.

— O fato de você mesmo reconhecer isso provavelmente o torna melhor. São os pais que não se comunicam com os filhos quando chega a hora. Nascer foi uma coisa que nenhum de nós pediu.

Donovan olhou para ela por algum tempo.

— Acha que seu pai se arrependeu de ter tido filhos?

— Não sei. Quer dizer que não vai ver David no feriado?

— Ele vem ficar algum tempo comigo no Natal. Estou esperando ansioso.

— Vai ser bom.

— Gostaria que o conhecesse.

— Você não precisa de mim para complicar o quadro.

— Com você é diferente. Eu gostaria de tê-la por perto. Posso até levar David ao escritório, se preferir.

— Tudo bem.

Os pedidos chegaram e ambos dedicaram-se a comer. Por volta do final da refeição ele enfiou a mão no bolso e apanhou uma pequena caixa.

— Tome. Isto é para você.

Liz observou a caixa, depois o encarou e estava a ponto de protestar quando ele a impediu.

— É só um par de brincos que comprei em San Francisco. Lembrei de você ter dito que sempre comprava pequenas coisas para as pessoas, portanto resolvi seguir seu conselho. Posso dizer que tinha razão. Me diverti muito fazendo compras. Pode abrir. Quero saber o que acha.

Por um instante Liz não conseguiu dizer nada. Tinha um nó na garganta. Mal podia se lembrar de quando alguém lhe comprara um presente que não fosse de aniversário ou de Natal. Com as mãos tremendo, desfez o embrulho. No interior da caixa, havia um par de brincos de ouro maciço. Cada um era constituído de três aros, num formato bonito e simples.

— São lindos!

— Gostou? — indagou ele, com expressão animada.

— Muito — agradeceu ela, apanhando os brincos na mão. — Mas existe um problema.

— É, eu sei. São para orelhas furadas. Foi a minha maior dúvida na hora de comprar. Mas os lóbulos de suas orelhas são delicados e não vai doer. Se decidir não furar, posso mandar trocar o fecho.

Não pretendia contar, mas passara a maior parte do tempo pensando nos outros brincos que compraria para ela. De ônix, pérolas e, naturalmente, diamantes. Nada extravagante demais, pois não era o estilo de Liz.

Observando o presente, ela percebeu que Donovan tinha razão. Sua orelha era pequena, de um tamanho perfeito para os aros de ouro superpostos. Não ficaria chamativo demais, nem pesado.

— Nunca tinha pensado em furar as orelhas.

— Não é difícil, nem dói. Tenho um amigo médico que pode fazer isso num instante.

— São tão bonitos... Não sei, Donovan.

— Pense um pouco sobre isso. Se quiser, posso ir junto. Se não, levo os brincos para uma joalheria e mando colocar os prendedores convencionais.

— Estou... surpresa. Você não precisava me comprar nada.

— Sei disso. Por isso foi tão divertido. Promete que vai pensar sobre o assunto?

— Está bem. Obrigada. Não posso me lembrar de quando recebi um presente bonito assim.

Ele simplesmente sorriu, com a garganta apertada. Pigarreou e esticou a mão, fechando a embalagem e colocando-a na bolsa de Liz. Em seguida, tomando-a pela mão, conduziu-a para fora. Nenhum dos dois conversou durante a breve caminhada até o escritório dela.

Ali, na calçada, Donovan tomou um táxi, sem insistir em outro encontro. Estava contente com o resultado da refeição, e sentiu que não devia forçar mais nada, pois isso poderia estragar o sentimento que ela começava a aceitar. Era um assunto estratégico no jogo importante de sua vida. Precisava dar-lhe tempo, sem pressioná-la, para que se adaptasse ao relacionamento que se iniciava, além dos negócios. Era preciso dar tempo a Liz, para que compreendesse que poderia amá-lo se quisesse, sem que isso a magoasse.

Liz não teve notícias de Donovan naquele final de semana. Passou o tempo pensando no domingo que haviam desfrutado na propriedade dele, lembrando-se da intimidade que sentira. Observou os brincos que ganhara, sabendo que gostaria deles para sempre.

Donovan passou no escritório na segunda-feira de manhã, para dar as boas notícias. Os dados preliminares demonstraram aumento nas vendas de alimentos naturais, que duas semanas antes haviam acusado uma queda apreciável. Se foram as aparições de Donovan na televisão ou os anúncios de página inteira que ela colocara nos jornais importantes, não era possível saber, mas as estatísticas mostravam uma recuperação sensível.

Na terça-feira, tiveram mais notícias agradáveis. Uma denúncia anônima levava as autoridades federais até um homem, suspeito por ter envenenado a plantação de Donovan. Ele estava sendo acusado pelas duas mortes. Acontece que Donovan conhecia o sujeito, ou o conhecera em outra época. Era um companheiro da época das loucuras, um hippie de meia-idade que ficara furioso ao perceber que o velho amigo passara para o lado do sistema. Embora a idéia de que ele tivesse sido o responsável pelas mortes soasse desagradável, Donovan ficou aliviado ao saber que o mistério fora resolvido e não se repetiria.

— Hoje precisamos comemorar — disse ao telefone. — Vou apanhar você no escritório ao final da tarde e a gente...

— Não posso — interrompeu ela, antes que Donovan se animasse demais. — Daqui a pouco vou tomar um trem para a Filadélfia, porque tenho uma reunião à tarde. Volto à noite, mas não sei o horário.

Liz pensara muito nas implicações de aceitar o presente dele. No momento, estava de sobreaviso e queria manter o relacionamento sob controle.

— Não tem importância. Você pode me ligar quando estiver saindo de lá. Eu a pego na estação.

— Vou voltar tarde e cansada.

Donovan suspirou de impaciência.

— E eu estou partindo para Saint Louis amanhã à hora do almoço, com um milhão de compromissos. Não vou poder vê-la antes do feriado.

— Certo — disse Liz, aguardando para saber o que ele queria.

— Desculpe por isso. É que eu estava esperando que...

Mais um instante de silêncio. Dessa vez Liz mordeu o lábio. Não queria saber o que ele estava esperando. Tinha um palpite de que era melhor não saber.

— Nesse caso, está certo. Bom dia de Ação de Graças para você.

— Para você também, Donovan.

— Obrigado. Falamos quando eu voltar.

Quando ele desligou, Liz fez o mesmo, devagar.

Sabia que o tinha magoado, mas não podia fazer nada a respeito. Donovan aceitara os limites que ela traçara. Afinal, tinha sua vida, que levava bastante tempo para construir. A decepção que sofria no momento não era nada comparada à angústia que teria depois, se deixasse Donovan fazer as coisas à maneira dele.

Ainda assim, sentia-se culpada. Sempre se sentia culpada. Gostava muito daquele homem e ficava magoada quando ele sofria. Pensou nisso durante toda a viagem de trem e, depois, na volta.

Ainda pensava nele quando entrou no escritório, na quarta-feira pela manhã. À tarde, mandou furar as orelhas.

CAPÍTULO VI

— Elisabeth?

— Donovan? Ligou na hora certa. Acabei de chegar — sorriu ela, tirando o casaco e pendurando-o.

— Feliz dia de Ação de Graças.

— Obrigada. Para você também.

— Como foi seu almoço?

— Foi ótimo. Éramos dezoito, incluindo os pais e a família de Sheila. São pessoas maravilhosas e nos receberam muito bem. E você?

— Minha irmã tentou cozinhar. Resultado: o peru ficou seco demais, as ervilhas murchas e o suflê de limão afundou.

— Coitada.

— Mas tenho de admitir que foi divertido. É bom ver as pessoas da família de novo.

— Sobrinhos e sobrinhas também?

— Claro. Foi tudo barulhento, mas ótimo. Gostaria que tivesse ido comigo. Teria sido a cobertura do bolo.

— Você quer dizer, do suflê afundado.

— Não, do bolo mesmo. Eu levei um bolo de nozes de sobremesa. É uma coisa engraçada... bolos de nozes geralmente não são bonitos, nem muito decorados, mas o gosto é ótimo.

— Só que engordam muito. É melhor tomar cuidado. Está querendo engordar?

— Corri oito quilômetros de manhã. Você parece animada.

— Estou contente.

— Não me diga que entre essas dezoito pessoas havia um rapaz lindo que ficou com você o tempo todo.

— Não foi bem assim.

— Então foi um sujeito caseiro e de meia-idade.

— Não. Simplesmente estou me sentindo bem. Só isso — respondeu ela, sorrindo.

Não pretendia admitir que a presença dele a deixara contente.

— Ótimo. Isso também me deixa feliz. Quais são seus planos para amanhã?

— Vou trabalhar.

— Ninguém trabalha no dia seguinte ao de Ação de Graças.
— Por isso mesmo. Metade das moças do escritório está fora da cidade.
— Então você se ofereceu como voluntária. Aposto que o lugar vai ficar às moscas.

— Provavelmente. Nesse caso eu aproveito para adiantar meu próprio trabalho.

— Gosta de trabalho escravo?

— Não é ruim, é divertido. É muito calmo e sossegado por aqui. Gosto de dias assim.

— Muito bem, nesse caso deixo-a ir. Estou contente por ter tido um bom dia.

— Obrigada por telefonar, Donovan.

— O prazer foi meu.

Ele ligou para o escritório na tarde seguinte, apenas para dar a ela o que fazer, conforme explicou. E ligou à noite, no instante em que Liz ia para a cama.

— Vou voltar amanhã — anunciou Donovan.

— Alguma coisa errada?

— Sim. Quero ver você.

— Donovan...

— Um encontro. Amanhã à noite.

— Mas nós...

— Temos um relacionamento comercial? Engano seu. Tínhamos um relacionamento comercial. Você fez exatamente o que devia. Portanto, é hora de terminar nosso negócio. Ou você não havia pensado nisso?

— Pensei sobre isso — admitiu ela, em voz baixa.

— Ótimo. Porque daqui em diante vai ser diferente.

Entre outras coisas, ele decidira que era preciso mudar de tática e continuar o jogo.

— Somos amigos.

— Isso também. Mas eu quero mais.

Liz fechou os olhos. Sabia o que estava por vir. Donovan não pretendia desistir. Notara que ele ficara aguardando o término do relacionamento comercial, e agora parecia impaciente.

— Não queira — murmurou ela.

— Acho que a ligação piorou. Não estou escutando.

— Eu disse para não querer. Já lhe disse que não vou jogar do seu jeito.

— Não estou falando em jogar. Estou falando muito sério.

— Eu também. Se não pudermos ser amigos e deixar como está, acho que precisamos seguir caminhos diferentes.

— É isso que quer? Que a gente não se veja mais?

— Não, não é o que eu quero. Quero que sejamos amigos. Mas não posso oferecer mais nada.

Um silêncio do outro lado indicou que ele pesava as palavras de Liz.

— Do que tem medo? Não pretendo magoá-la. Já disse isso antes. Tentei provar deixando que as coisas assumissem um ritmo mais lento. Não a tenho pressionado, tenho?

— Não. Mas está pressionando agora.

— Isso porque estou sentado aqui há dois dias, pensando em como seria bom se a gente estivesse junto. Quero você. Não sabe disso?

— Você não me quer. Não de verdade. Construiu uma fantasia, um desafio que deseja enfrentar. Mas não sou um desafio. Não tenho nada a oferecer.

— Meu Deus, estamos andando em círculos. Veja, acho que foi um erro esta nossa conversa. Se eu estivesse aí, iria mostrar o que você tem a oferecer. Amanhã vou tomar o avião e passo na sua casa às sete.

— Não vou estar aqui.

— Onde você vai estar?

— Não é da sua conta — respondeu ela, escutando um resmungo do outro lado da linha. — Vou a uma festa.

Tratava-se de um coquetel na casa de Cheryl Obermeyer. Na verdade, estivera debatendo consigo mesma se devia ir, mas acabara de resolver.

— Quando voltará?

— Tarde. Por favor, deixe as coisas como estão.

— Não é o bastante.

— Para mim, é. Boa noite.

— Puxa, eu queria...

Liz desligou antes que ele pudesse dizer o que queria. Sabia o que era, e não podia dar.

Assim, sábado à noite Liz compareceu ao coquetel ao qual não tinha intenção de ir. Gostou de estar com amigos e com os Obermeyer, que sempre a acolhiam de braços abertos. Infelizmente, ali os casais imperavam. Em contraste, Liz sentiu-se deslocada e sozinha.

— Quero conversar com você — disse Cheryl, afastando-a do grupo. — Não parece se divertir muito.

— É só impressão. Estou ótima.

— Isso é porque você tomou... quantos copos de vinho?

— Só dois.

— O que é bastante para quem nunca bebe. E como o primeiro sempre sobe, você deve estar tonta. Alguma coisa a está perturbando.

— Não. Tudo está ótimo — afirmou Liz, levando a taça aos lábios.

Cheryl retirou-lhe a bebida da mão e colocou-a sobre o balcão.

— Fale comigo, Liz. Você me ajudou quando precisei. Agora é minha vez. E não me diga que nada está errado. Sei muito bem. Sua mente parece estar em outro lugar, não aqui, conosco.

— Desculpe, Cheryl. Eu não quis...

— Não estou ofendida, só preocupada. Amigos têm direito de se preocupar uns com os outros, não têm?

— Claro. E aprecio muito isso, mas...

— Quem é ele?

— Ele?

— O homem no qual anda pensando. Esta é a única conclusão que posso tirar. Só estou preocupada por você não ter convidado essa pessoa para vir até aqui hoje.

— Bem... não é assim.

— Como ele é?

Mais tarde ela colocou na bebida a culpa por soltar a língua. Naquele instante, porém, tinha a atenção voltada para Cheryl, empenhada em ajudá-la e dar conselhos.

— É um cliente. O nome dele é Donovan Grant.

— Do Grupo Donovan? Será que não o vi há pouco tempo na televisão?

— Foi parte do trabalho que fiz para ele. Estávamos tentando contrabalançar os efeitos de um atentado que provocou queda nas vendas de...

— Alimentos naturais — completou Cheryl. — Conheço o caso. Todo o tempo em que acompanhei as notícias no jornal me perguntava o que nós faríamos se tivéssemos um problema parecido e nossas roupas envenenassem a pele do consumidor. Parece que pegaram o responsável. Donovan Grant. Esse sim, é um homem de verdade. Na televisão, pareceu bonito e charmoso. E tem várias empresas...

— Seis, na verdade. E está a ponto de adquirir o conglomerado Ullman, em Nova Orleans.

Os olhos de Cheryl arregalaram-se, num aviso para Liz, e se estreitaram na

direção do irmão, que se aproximara.

— Estamos tendo uma conversa particular, Raymond. Depois você conversa com Liz — disse ela, tomando a amiga pelo braço e afastando-se um pouco. — Donovan Grant é um homem de negócios habilidoso. Então ele a deixou nesse estado?

Liz assentiu com um gesto de cabeça.

— Isso mesmo.

— Vocês têm saído juntos?

— Na verdade, não. Bem, talvez se possa chamar de encontros, mas ele sempre quer mais e não tenho certeza. É isso que me incomoda. Não quero magoá-lo. Ele é um bom sujeito.

— Por que não quer um encontro?

— Ele é bom demais, bem-sucedido demais e bonito. Tudo o que eu não sou. Não combinamos.

— Eu não pensaria assim, se é ele quem está insistindo.

— Pois é. Para Donovan, é um jogo. Adora jogos e coisas parecidas. Mas eu, não. Levo a vida mais a sério.

— Talvez seja um exagero. Quero dizer, talvez você deva deixar que ele a persiga e ver onde chega com isso.

— Só vou me magoar nessa história. Para que preciso disso, Cheryl? Tenho uma vida tranqüila e uma boa carreira.

— Eu também. Mas daria meu braço direito por um homem de verdade. Você nunca relaxa e pensa em como estará daqui a vinte anos? Pois eu, sim. E não gosto nem um pouco do que vejo. Dei meu sangue para o trabalho, e para quê?

— Você será rica e respeitada.

— Com certeza serei rica, mas, se não tiver ninguém com quem compartilhar as coisas, de que adianta a riqueza? Muito bem, talvez o dinheiro não seja sua motivação. O que acha que vai obter?

— Acho que esta conversa está ficando séria demais. Não consigo pensar direito.

— Você está evitando o assunto.

— Não, eu...

— Muito bem, não vamos falar sobre isso por enquanto. Mas pense nisso quando tiver um tempo. E, se decidir que não quer mais Donovan Grant, pode dar meu telefone a ele — finalizou Cheryl, afastando-se para conversar com outros convidados.

Ironicamente foram aquelas últimas palavras que permaneceram na mente de Liz. Embora jamais se tivesse imaginado capaz disso, sentiu ciúme ao imaginar Donovan com Cheryl. Tal sentimento a deixou chocada e desapontada, a ponto de provocar-lhe vontade de discutir quando ele apareceu em sua casa, no domingo à noite.

— De volta aos velhos truques? — disse ela à porta, afastando-se para que Donovan entrasse.

— Sempre existe alguma coisa acontecendo neste prédio. Se a porta da frente estava aberta, o que posso fazer?

— Poderia ter tocado o interfone.

— Aí você teria a chance de me mandar embora.

— E você me diria que iria entrar de qualquer jeito.

— Desta vez, não. Precisamos conversar. Ei, você furou as orelhas!

Liz percebeu que perdia o controle, como sempre acontecia quando ele a olhava daquela forma.

— Eu... resolvi que os brincos eram bonitos demais para ficar numa gaveta.

— Quando furou?

— Quarta-feira.

— Devia ter esperado por mim. Eu a teria levado.

— E eu teria ficado sem graça. Não sou muito corajosa quando se trata de dor.

Ele tocou-lhe a orelha com delicadeza.

— Não vá me dizer que precisaram amarrá-la na cadeira...

— Não. Mas eu praticamente desmaiei.

— Mentira.

— Foi mesmo. A enfermeira me fez ficar no consultório quase uma hora antes de me deixar sair.

— Agora não dói mais, dói?

Liz sacudiu a cabeça numa negativa, incapaz de falar com ele tão perto.

— Ficou ótimo.

Donovan afastou-lhe o cabelo da orelha com delicadeza e ela teve vontade de dizer para que não fizesse aquilo, pois provocava arrepios descontrolados em seu corpo. Disse a si mesma que iria aproveitar aquela sensação deliciosa antes de acabar com tudo.

Não fez objeção quando as mãos fortes começaram a acariciar-lhe as costas e os flancos, depois as coxas e os seios. Retornando, pousaram uma de cada lado de seu rosto, imobilizando-a. Os lábios se abriram, e beijos leves

cobriram-lhe o nariz, os olhos e as faces, numa provocação que ela foi incapaz de agüentar. Em pouco tempo Liz tentou capturar aqueles lábios, que continuaram o delicioso castigo.

— Donovan... você está me torturando.

Ele sorriu e em seguida intensificou o tormento, com um beijo que pareceu consumir-lhe o fôlego. Quando finalmente se separaram, os corpos de ambos vibravam.

— Era disso que eu estava precisando. Me diga que com você não acontece a mesma coisa.

Liz piscou antes de registrar o significado das palavras e o olhar intencional de Donovan. Abriu a boca para falar, mas havia um nó em sua garganta. Ele queria fazer amor. Sem possibilidade de erro. Com urgência.

Ela começou a tremer, mas não de paixão.

— Não vá me rejeitar de novo, Liz...

— Eu preciso.

— Claro que não precisa.

— Nunca lhe prometi nada. O tempo todo eu disse que não queria.

— Pois não é o que seu corpo está dizendo. E o meu também, que diabo! — desabafou ele, afastando-se um passo ao perceber-lhe as reações. — Muito bem. Você disse que queria conversar, não foi? Então vamos conversar.

Voltando-se, ele caminhou para o sofá, acomodando-se. Embora a posição fosse casual, a expressão parecia intencional.

Liz ficou com as mãos postas à frente do corpo, fechou a porta e caminhou para a janela.

— Levei uma vida muito diferente da sua, Donovan. Nunca me rebelei. Nunca fiz nada em protesto. Tudo o que eu queria era uma existência segura, da qual eu tivesse controle. Queria liberdade, mas uma liberdade para fazer o que eu quisesse e quando quisesse — disse ela, parando para inspirar profundamente. — Nunca incluí um homem nesse ideal.

— É exatamente esse ponto que eu não entendo. Se você é tão convencional como diz, devem existir marido e filhos nesse quadro. Não é esse o significado de segurança?

Ela voltou-se devagar, apoiando os cotovelos no parapeito e ficando de frente para ele.

— Esse é um quadro. Para algumas mulheres. Mas não para mim. Defino segurança como autodeterminação. Escolhi controlar a vida que levo e sou feliz assim.

— Mas você não é uma eremita. Tem amigos que dependem de você, que lhe fazem perguntas. Ajuda uma, tomando conta do filho quando ela sai com o marido. Ajuda outra, conversando com o irmão quando ele começa a criar caso. Não se trata de ser egoísta.

— Nunca disse que eu era. Mas sou livre. Posso escolher o que quero e o que não quero fazer. Se alguma coisa é desagradável ou desconfortável, não preciso fazer.

— E a idéia de um relacionamento comigo parece desconfortável. Uma ameaça.

— Sim.

— Mas por quê? É isso que não entendo.

— Não sei se é capaz disso. Você teve uma vida diferente, sempre esteve no topo. — Ele abriu a boca para protestar, mas Liz o interrompeu: — Qualquer coisa que você faz, faz bem. Mesmo quando era revolucionário, como você diz, tinha respeito e admiração. Eu nunca tive essas coisas, Donovan. Crescendo, me sentia diferente dos outros. Era tímida e retraída. Não tinha amigos porque não podia competir com as outras crianças. Claro, poderia seguir os outros. Era capaz de ficar com o grupo até que se cansassem de mim e me deixassem no meio do caminho. Mas eu não queria isso. Magoava muito. Portanto fiquei sozinha até entrar na faculdade. Só então comecei a aceitar as pessoas. Não posso correr com as coisas. Não consigo acompanhar. Ainda sou tímida. Muito bem, aprendi a lidar comigo mesma profissionalmente; socialmente é só uma extensão disso. Mas isso acontece porque escolho as situações profissionais e sociais.

Donovan mordeu o lábio enquanto digería as palavras. Subitamente ergueu os olhos.

— E o que isso tudo tem a ver comigo? Conosco?

— Não está vendo? Não consigo acompanhá-lo. Você é sofisticado, bonito e charmoso. Capaz de lidar com qualquer situação. Eu jamais seria capaz de enfrentar os entrevistadores ou as câmeras de televisão. Uma coisa é entender que isso é necessário, mas estar na linha de fogo... nem pensar.

— Nem todos podem ficar na linha de fogo. E eu posso ter parecido calmo durante as entrevistas, mas meu coração pulou o tempo todo.

— Mesmo assim, você gosta de novidades, aventuras e desafios. Eu, não. Quero as coisas suaves e controláveis.

— Você enfrenta desafios todos os dias no trabalho — protestou ele.

— Mas é tudo dentro de um contexto que consigo controlar. Lembra-se de

quando eu disse que estava querendo trabalhar na sexta? Pois trabalhei. O escritório, para mim, é como um porto seguro. É uma coisa com a qual posso lidar. Claro, existem problemas o tempo inteiro, mas também existem regras a seguir para lidar com eles e o apoio das outras pessoas, nas quais confio, para me aconselhar. É seguro.

— Tenho certeza de que você dá mais conselhos do que recebe. Por que fica sempre diminuindo a si mesma? Simplesmente se convenceu de que é uma flor delicada, mas não é verdade.

— Sou realista. Conheço meus limites.

— Que tal esticar um pouco seus limites? Crescer? Quero dizer, talvez eu esteja perdendo alguma coisa nesta conversa. Você gosta de mim, não gosta?

— Gosto. Você tem sido um cliente mais agradável do que a maioria...

— Esqueça essa história de cliente. Sou uma pessoa. Gosta de mim?

— Como pessoa? Gosto.

— E como homem?

— Não quero pensar em você assim.

— Isso acontece porque gosta de mim e fica assustada com o fato.

— Não é esse o ponto — argumentou Liz, os olhos brilhando. — Tenho o direito de não pensar em você como um homem sensual.

— Mas está lutando contra você mesma. O problema é que me vê de uma forma sensual, mas luta contra isso. Quero saber por quê.

— Não quero sexo.

— Por quê não?

— Porque... não.

— Pensei que quisesse conversar, mas assim fica difícil. Você é a pessoa mais compreensiva que conheço. Por que não consegue voltar essa força para si mesma e expressar seus sentimentos a meu respeito?

— Porque são meus sentimentos e escolho não expressá-los.

Donovan a fitou, pensativo, esfregando com ar ausente o canto dos lábios. Ela prendeu a respiração.

— Pensei bastante em você, Liz. Bastante. Sei que está aberta para um relacionamento, mas apenas até começar o assunto do sexo. Aí recua, aterrorizada. Diz que é virgem, que não teve homens em sua vida, mas está apavorada e deve existir um motivo. Eu diria que seu pai a violentou.

Por um instante Liz abriu a boca, mas foi incapaz de responder.

— Não é verdade. Ele nunca levantou a mão contra mim.

— Existem muitas formas de violência, algumas das quais não envolvem o

uso de força física.

— Está se metendo onde não é chamado, Donovan! Tudo isso porque é teimoso demais para acreditar que não o quero em minha vida. Estou dizendo isso bem claro desde o início, mas você simplesmente não quer acreditar. Porque é tudo um jogo. Tudo é um grande jogo!

— Espere um pouquinho, menina. Não sou teimoso, e, se quer dizer que tudo é um jogo porque acha que brinco com você, está muito enganada. Falo muito sério. Por isso está preocupada? Acha que vamos fazer amor e vou abandoná-la?

— Não quero fazer amor. Você não está me ouvindo. Não quero nenhuma parte da sua vida — disse ela, cerrando os olhos.

— Não? — indagou ele, colocando a mão no ombro feminino.

Liz desvencilhou-se e caminhou até a porta, abrindo-a.

— Saia, Donovan. Não preciso de você e não o quero aqui — declarou com voz trêmula.

Ele avançou e fechou a porta outra vez.

— Não acredito. Acho que está só com medo. Você tem trinta anos de idade. Não acha que já é hora de crescer?

— Saia já! — disse ela, lívida. — Por favor, não me obrigue a chamar a polícia.

— Você não faria isso. Gosta muito de mim.

— Não gosto de você, um maldito arrogante que acha que sabe tudo. Pois não vai adiantar. Não sabe o que eu penso... e acho você um "quadrado". Rebelde? Coisa nenhuma. É uma das pessoas com a mente mais estreita que tive o desprazer de conhecer, porque simplesmente não consegue aceitar o fato de que alguém pense de forma diferente. Joga o tempo todo e é cruel. Me destruiria se tivesse chance, porque sempre acha que conhece a melhor solução para tudo. Pois tenho uma novidade: não conhece! Além do mais... quem é você para dizer como devo levar minha vida? Estragou tudo com seu filho porque não quis aceitar a responsabilidade! E, já que falamos em idade, você já tem quarenta anos e só agora está pensando no que perdeu — desabafou ela, parando para recuperar o fôlego. — Não me diga o que devo ou não fazer. Você pode ser um ídolo do mundo dos negócios, mas no meu mundo não é nada, está ouvindo? Nada!

O rosto de Donovan ficou pálido por alguns instantes.

— Estou ouvindo muito bem, não precisa gritar — disse ele, em voz baixa. Estendeu a mão e abriu a porta. Parou à soleira. — Não vou incomodá-la outra

vez. Adeus, Elisabeth.

Tudo o que ela conseguiu fazer foi erguer a cabeça até fechar a porta. Depois, deixou-se apoiar na madeira e fechou os olhos, respirando de forma entrecortada.

Para se ocupar, decidiu fazer uma limpeza geral no apartamento. Horas depois, tudo brilhava e resplandecia, incluindo o dormitório e o banheiro. A procura de mais atividade, Liz foi até o guarda-roupa e vestiu-se, saindo em direção ao museu mais próximo. Lá, ficou observando os quadros até começar a sentir dor de cabeça.

Buscando ar fresco, saiu e começou a andar sem destino, ainda que em passo rápido. Comprou um pacote de pistache torrado, para descobrir que já não tinha paciência para retirar a casca. Terminou por atirar o pacote pela metade na lixeira mais próxima, entrando a seguir num café.

Nem o café fervendo nem o bolinho fumegante conseguiram afastar a sensação de fome. Portanto, ela resolveu caminhar mais, sem vontade de voltar para o apartamento. Passando em frente a um cinema, decidiu entrar. Comprou um saco grande de pipoca e tentou assistir ao filme. Contudo, sua mente continuava dispersiva, a tal ponto que num trecho em que a música orquestral acompanhava o suspense, deu um pulo, derrubando a pipoca. Começou a limpar, atraindo a atenção dos espectadores. Grata por estar no escuro e anônima, saiu. O ocaso se iniciava, mas Liz continuou andando.

Finalmente encontrou-se em frente ao Central Park e sentou-se num banco, de frente para a Quinta Avenida. Ficou observando carros, táxis e limusines, imaginando quem estaria no interior e para onde iriam, até compreender que na verdade não ligava a mínima. Eram estranhos, pessoas com suas próprias vidas, com os próprios destinos. Ao menos reparariam nela, sentada sozinha no banco.

Naquele instante, seus olhos encheram-se de lágrimas. Liz apanhou um lenço no bolso, usando-o para abafar os soluços que não conseguia impedir. A verdade era uma só: estava sozinha. Estava sozinha por escolha própria. E pela primeira vez lamentava esse fato. Pela primeira vez sentia o peso da solidão.

— Foi uma coisa tola — opinou Karen logo depois que Liz lhe contou tudo.
— Você podia ter sido assaltada ali no parque, àquela hora da noite.

— Talvez até tivesse gostado, naquela hora. Qualquer coisa que fosse um contato humano.

— Você devia ter me chamado... ou ido até minha casa. Fiquei lá o domingo inteiro.

— Sozinha?

— Bem, com David, mas ele teria compreendido se a gente precisasse conversar.

— Eu não estava conseguindo falar. Não conseguia nem pensar direito. Sentia-me tão amortecida... por dentro. Entende o que estou dizendo? Se quer saber, estou surpresa por estarmos conversando sobre isso agora.

— Ora, você falou porque eu a arrastei até minha sala e exigi que me explicasse por que tem agido como uma zumbi a semana inteira.

— Foi assim tão aparente? — quis saber Liz, tímida.

— Foi. Bem, talvez não tenha sido tão óbvio para alguém que não a conheça direito, mas não sou a única que se preocupa. Julie e Verônica estão preocupadas também — disse Karen. — Se quer saber, elas acham que você está grávida.

— Não acredito!

— Bem, o que pretende fazer a respeito?

— Sobre não ficar grávida?

— Não, sobre Donovan. Você o ama?

— Amar! Acho que você também não está me escutando direito. O que eu sinto não tem nada a ver com amor. Eu só me sinto... péssima por ter dito aquelas coisas horríveis. E sinto muito ter perdido Donovan como amigo.

— Quer encontrar-se com ele e pedir desculpas?

Liz pensou por um minuto, mas não chegou a nenhuma conclusão.

— Acho que não adiantaria nada, além de aplacar minha consciência. Algumas palavras não podem ser retiradas. Pedindo desculpas ou não, sempre vou escutar a mim mesma dizendo o que disse. Tenho certeza de que Donovan também. E se ele porventura me desculpar, vai pensar que o jogo está funcionando outra vez. Não quero isso.

— Tem certeza? Não existe uma pequena parte de você que se magoou por ter perdido Donovan... por outros motivos?

— Não. Definitivamente, não.

— Você fala com tanta convicção...

— Então culpe a semana passada. Estou dizendo, Karen, não desejo o que ele deseja. É simples. Infelizmente tive de dizer um monte de coisas feias para conseguir que Donovan acreditasse, mas, agora que ele acreditou, estou aliviada.

— Pois podia ter me enganado — afirmou Karen. — A pergunta importante é a que vou fazer a seguir. Pois bem. Tive um chamado esta manhã, de uma companhia de cartões em Kansas City que deseja nos contratar. Acho que isso implicaria uma viagem para lá dentro de pouco tempo. Você está precisando de um pouco de isolamento, e talvez seja uma boa oportunidade. O que acha?

— Acho ótimo. Se eu resolver alguns assuntos hoje à tarde, poderia estar a caminho amanhã de manhã.

— Ótimo. Por que não faz isso, então? Vou ligar para Kansas City e confirmar. Minha secretária lhe dará os detalhes. Não vai trabalhar durante o fim de semana, vai?

— Não — respondeu Liz, erguendo-se, animada com a perspectiva de um novo caso. — Posso trabalhar amanhã, e tantos dias quantos sejam necessários na semana que vem. Como não tenho nada urgente aqui, vai funcionar.

— Espero que sim. Para você, eu quero dizer. *Com Donovan. Mas detesto malhar em ferro frio. Quero que seja feliz. Sabe disso, não sabe?

— Sei. E obrigada, Karen — disse Liz, cedendo ao impulso de abraçar a amiga.

Em seguida foi para o escritório, providenciar a viagem.

Partiu na manhã seguinte para Kansas City e passou cinco dias relativamente calmos longe da azáfama de Nova York, conhecendo o cliente e seus produtos, deixando cicatrizar as feridas emocionais dos últimos dias. Embora continuasse perturbada pelas coisas que dissera a Donovan, ficou mais e mais convencida de que tudo havia acontecido para melhor. Se perdera um amigo, tinha outros. Era tempo de retomar sua vida, que parecia ter sido deixada de lado no dia em que conhecera Donovan.

Mas, se presumia que a Reynolds Associates completara seu trabalho para o Grupo Donovan, estava errada. Donovan decidira contratá-las para a divulgação e a publicidade da fusão que seria realizada com a Ullman, em Nova Orleans. A pedido dele, Liz fora retirada do caso.

CAPÍTULO VII

— Tem um minuto para conversar, Liz?

Ela ergueu os olhos, descobrindo Brenda Nussbaum à sua porta. Sorriu e recostou-se na poltrona.

— Claro. Entre.

— Estou interrompendo alguma coisa urgente?

— Eu só estava examinando os dados que trouxe de Kansas City. Quero me inteirar de tudo sobre o assunto.

Retornara havia quase uma semana e apenas nos dois últimos dias sentia que seu rendimento chegava ao máximo.

— Algum problema?

— Pilhas deles, como sempre. Mas os relatórios anuais da companhia deixaram muito a desejar, no passado.

— Por isso contrataram você, tenho certeza.

— Por isso contrataram a nós — corrigiu Liz.

— Fico contente que pense assim, porque preciso de sua ajuda — declarou Brenda, acomodando-se na outra poltrona. — E como o grupo Donovan nos contratou para...

— Qual o problema? — interrompeu Liz, desmanchando o sorriso.

— É Donovan Grant. Não consigo entender esse homem. Como um sujeito pode ser tão charmoso na imprensa e pessoalmente parecer uma pessoa feita de gelo?

— Feito de gelo?

— Isso mesmo. Bem, ele sempre diz e faz o que é correto, mas... é tão formal com as coisas!

— Formal?

— Quero dizer, acho que ele foi a melhor coisa que apareceu depois de Robert Redford. Tudo o que tem a fazer é entrar na sala e meu coração começa a bater forte. Acho que não devia estar lhe contando estas coisas, e muito menos devia estar sentindo algo. Sei como funciona um relacionamento profissional e estou pronta a mudar, se ele permitir.

— Donovan a está cortejando?

— Exatamente o oposto. Ele insiste em vir para o escritório e quando ousa sugerir, inocentemente, que a gente saia para continuar um assunto ao almoço

ou ao jantar, me olha tão friamente que fico sem jeito. Pensei que você podia me dar alguma pista, para ajudar.

— Pista? Sobre o quê?

— Desculpe-me, Liz. Acabei ofendendo você, não foi? Sinto muito.

— Você não me ofendeu, Brenda. Só não entendi o que deseja de mim.

— Quero um relacionamento confortável, acho. Seria bom se ele reparasse em mim como mulher, mas não posso fazer nada. Fico torturada pensando no que vou usar nos dias em que o vejo. Eu me certifico de não comer nada com alho na hora do almoço. Fico quebrando a cabeça para imaginar maneiras novas de apresentar a fusão com a Ullman ao público. E ele apanha os relatórios e logo depois me acompanha até a porta.

Liz ficou pasmada. Brenda era jovem, adorável e disponível. Se Donovan a quisesse como companheira de folguedos, bastava pedir. Só que ele não estava pedindo. Agora, ironicamente, Brenda vinha pedir-lhe conselhos. Como dizer a uma garota que o jogo só ficava agradável para Donovan quando ele encontrava alguém sem experiência e desinteressante, e que portanto representava um desafio?

— Você trabalhou com ele, Liz. Foi assim com você?

Ela reprimiu uma gargalhada. Era absurdamente irônico que uma garota bonita como Brenda viesse a alguém tão sem charme quanto ela e inocentemente perguntasse como fora o comportamento de um homem charmoso. Por outro lado, talvez Brenda precisasse de um pouco de segurança. E quem melhor, para proporcionar-lhe isso, do que o patinho feio da empresa?

— Ele teve seus momentos. Mas acho que está envolvido demais no caso Ullman e...

— Nisso você tem razão! Parece que o futuro dele depende dessa aquisição. Donovan me deixou de sobreaviso ontem porque algum idiota está comprando grandes quantidades de ações da Ullman. Só porque a família do sujeito é um de nossos clientes...

— Espere um pouco! O que você disse?

— Encontrei Donovan no escritório ontem e ele quase me acusou de vender informações para outro cliente.

— Que cliente?

— Os Obermeyer. Na verdade, o filho, Raymond, anda comprando ações da Ullman, ou ao menos é o que Donovan diz — informou Brenda.

Por um instante, Liz ficou sem respiração.

— Quem quer que compre ações pouco antes de uma fusão, vai usá-las

assim que a operação for anunciada!

— Foi o que Donovan disse. Garanti que jamais discutimos assuntos de um cliente com outros, mas não sei se ele ficou convencido. Acha que tenho pouca experiência nesse tipo de negócio.

O que Brenda não sabia era que os Obermeyer figuravam entre os clientes de Liz. Quanto mais ela pensava nas implicações daquela afirmação, mais preocupada ficava. Poderia ser coincidência o fato de Ray comprar ações da Ullman. Por outro lado, no coquetel, quando conversara com Cheryl... o que dissera mesmo?

— Não sei, Liz. Estou fazendo alguma coisa errada?

— Não, você está indo muito bem. Tente agüentar Donovan. Deve estar atravessando uma época difícil.

— Puxa, espero que sim — comentou Brenda, passando a discutir detalhes da operação. Trocaram algumas informações e ela se levantou. — Mais um bonitão que escapa entre meus dedos...

Assim que a colega saiu, Liz apanhou o telefone e digitou um número que sabia de memória.

— Preciso conversar com você, Cheryl. Podemos nos encontrar para o almoço?

— Você parece tensa. Aconteceu alguma coisa?

— Eu... não posso falar agora sobre esse assunto. Podemos almoçar?

— Claro, mas precisa ser depois das duas horas.

— Combinado.

Cheryl escolheu o lugar, e Liz desligou, sentindo que ao menos dera o primeiro passo. Não conseguiu realizar nada até as duas horas, porque pensar nos passos a seguir lhe dava um frio no estômago. Saiu antes da hora e encontrou a amiga já sentada.

— Cheryl, lembra-se da noite em que fui ao coquetel em sua casa e conversamos?

— Claro. Você me contou todo o seu problema com Donovan Grant.

— Consegue lembrar-se desse "todo"?

— Só que ele queria sair com você e você não queria saber dele.

— Eu disse alguma coisa sobre os negócios de Donovan?

O sorriso habitual apagara-se do rosto de Cheryl, contagiada pela preocupação da amiga.

— Não me lembro de tudo. Por quê? Do que se trata?

— Talvez eu tenha contado alguma coisa que não devia. Algo sobre uma

fusão.

— Estou começando a entender. Com a Ullman, uma companhia de distribuição, não é?

— Isso.

— Bem?

— Alguém tem comprado grandes lotes de ações da Ullman. Acredito que esse comprador seja Ray.

— Ray? Mas como ele... quer dizer, ele não iria... — Cheryl interrompeu-se, os olhos arregalados. — Meu Deus! Ele estava bem atrás de você na hora em que me contou! Deve ter escutado.

Era a confirmação de que Liz precisava para apoiar suas suspeitas.

— Tenho tentado refazer nossa conversa inteira desde que fiquei sabendo do problema, hoje de manhã. Fiquei pensando no súbito interesse de Ray pela Ullman, e que poderia ter sido uma coincidência. Mas ele me escutou naquela noite. E nós duas sabemos que se sentiria tentado.

— Nisso você tem razão, maldito seja meu irmão. Liz, quem mais sabe sobre esse assunto?

— Donovan.

— Ele a acusou de algo?

— Não estamos mais trabalhando juntos.

— Está brincando! Por que não?

— É melhor a gente não entrar nesse assunto, Cheryl. No momento tenho muitas outras coisas para tratar. Soube disso por acidente, conversando com a moça que trabalha na conta de Donovan. Ele parece estar furioso.

— Fez a ligação entre você e Ray?

— Não. Nem ela.

— Graças a Deus. Teremos de pensar bem sobre a melhor atitude a tomar. Tanto você quanto Ray podem ficar encrencados se nada for feito — declarou Cheryl, pousando a mão sobre a da amiga. — Não está com fome, está? Acho que o melhor seria que eu voltasse ao escritório para conversar com nosso advogado.

— E com Ray.

— Certo. Como ele pôde fazer isso?

— Talvez queira vingar-se de mim por tê-lo convencido a não pressionar seu pai.

— Pode ser, mas duvido. Acho que ele não arriscaria o pescoço por uma vingança pessoal. Por outro lado, talvez seja inconseqüente o bastante para

nem perceber o que faz. Provavelmente só pensou no lucro que obteria — declarou ela, apanhando a bolsa e erguendo-se.

— Confesso que vou ficar ansiosa até resolver tudo.

— Pode sossegar, Liz. Se a coisa chegar ao pior eu mesma vou testemunhar que você não disse nada intencionalmente. Ninguém vai conseguir provar a intenção, que é o que importa em casos como esse.

— Gostaria de acreditar nisso, mas...

— Volto a falar com você em breve — despediu-se Cheryl.

— Até logo e obrigada.

Liz passou uma longa tarde e uma noite ainda mais arrastada aguardando notícias de Cheryl. Nada. Por fim resolveu ir para casa, sabendo que a amiga telefonaria para lá se tivesse algo a contar.

De manhã, ao acordar sem notícias, resolveu fazer alguma coisa a respeito. Vestindo-se cuidadosamente, parou no escritório tempo suficiente para adiar duas reuniões matinais, depois dirigiu-se ao escritório do Grupo Donovan.

Ele estava fora, mas era esperado antes do meio-dia, segundo foi informada. Resolveu aguardar, temendo que, se saísse, não reunisse coragem suficiente para voltar. E quanto mais tempo a recepcionista a visse ali, mais difícil seria fugir, seu maior desejo no momento. A perspectiva de encontrar Donovan depois de ter dito o que dissera não a deixava tranqüila.

Quando ele passou pelo saguão, por volta das onze e meia, Liz estava pálida e tensa. A recepcionista sorriu em saudação, depois voltou os olhos para a visitante. Só então Donovan a viu. Sua surpresa foi tanta que não conseguiu disfarçar, assim como o alívio que se seguiu.

A última vez que estivera com ela, sentira-se ofendido pelas palavras, até perceber que Liz agira em defesa própria. Fugia dos sentimentos dele, sim, mas acima de tudo fugia das próprias mágoas. Compreendera que ela precisaria procurá-lo, e não o oposto. Lembrava a si mesmo desse fato a cada vez que estendia a mão para o telefone.

Era a vez dela, que tinha os dados na mão. Tudo o que Donovan podia fazer era aguardar pacientemente que a jogada fosse realizada.

— Queria falar comigo? — indagou ele em tom neutro.

— Se tiver um minuto.

Donovan hesitou, depois acenou brevemente. Liz ergueu-se e seguiu-o até o escritório. Ele fechou a porta, esforçando-se para não dar a volta à mesa e beijar a mulher a sua frente.

— Tenho um problema.

— E por que vem até mim?

— Porque envolve você. É sobre a fusão com a Ullman — disse ela, percebendo uma ponta de preocupação no olhar masculino.

— O que aconteceu?

— Cometi um erro terrível. Não era minha intenção e não percebi até recentemente...

— Acalme-se. Sente-se direito e tente relaxar antes de falar.

Liz sabia que Donovan não tornaria as coisas mais fáceis, e que não poderia esperar o calor e a compreensão que no passado pareciam fazer parte do comportamento dele. Juntando toda a sua coragem, começou a falar.

— Fui a um coquetel no sábado depois do dia de Ação de Graças... na casa de Cheryl Obermeyer. Eu e Cheryl somos amigas, e ocasionalmente freqüentamos as festas de família. Mas aquela era também para os clientes, portanto me senti um pouco deslocada. Tomei dois copos de vinho antes que ela me arrastasse para um canto e me perguntasse o que estava acontecendo. Acontece que na conversa que se seguiu acabei mencionando você. Cheryl começou a me dizer que o achava bem-sucedido, e por falta de cuidado mencionei a fusão com a Ullman — desabafou Liz, esperando para ver a reação dele. Não notou nenhuma. — Nem ao menos me dei conta na hora, porque estava um pouco "alegre" demais e sabia que Cheryl não ia usar a informação.

— Pois alguém usou.

— Ray, irmão de Cheryl, usou. Ele estava atrás de mim e não percebi. Honestamente, eu jamais teria mencionado seu nome se soubesse que Ray se encontrava por perto. Não ficou muito tempo, mas o suficiente para ouvir algo.

Donovan pareceu irritado ao saber do fato, mas não conseguiu manter essa irritação por muito tempo.

— Ele tem comprado ações da Ullman.

— Sei disso.

— Acha que, por causa da fusão, Ray infringiu alguma lei federal?

— Acho que sim — concordou Liz, a contragosto.

— Acredita que seja tão culpada quanto ele?

— Eu não tive a menor intenção de...

— Mas, apesar disso, falou. Deixou vazar informações confidenciais. Pelo que sei, poderia até estar recebendo uma parte do lucro de Obermeyer.

— Não sou culpada! Já disse que não sabia nada sobre esse assunto até Brenda mencionar algo ontem. Ela ao menos sabia que os Obermeyer eram

meus clientes. — Interrompeu-se, apertando o lábio e colocando em ordem os pensamentos. Como ele não apresentasse reação alguma, continuou: — Assim que Brenda saiu do meu escritório, liguei para Cheryl. Ela ficou tão chateada quanto eu, foi falar com seu advogado e com Ray. Ficou de me telefonar, mas até agora não o fez. Não sei o que aconteceu, mas não podia ficar esperando para sempre.

Donovan a fitava, impassível.

— O que quer de mim?

— Não sei. Eu só queria que você soubesse a verdade.

— Você parece ter percepções diferentes da verdade...

Liz percebeu que Donovan se referia ao que dissera a ele da última vez. Não foi capaz de erguer o olhar.

— Eu não devia ter dito aquelas coisas. Acontece que estava zangada e... não sabia mais o que fazer.

— Você estava apavorada. Por outro lado, ficou apavorada comigo desde que nos conhecemos. A diferença é que agora tem uma causa justa.

— Você não iria... me processar, iria?

— O que você fez foi ilegal.

— Mas não tive intenção de fazer. Não fiz com intenção de causar dano. Foi um erro e por isso vim pedir desculpas. Se Ray puder ser convencido a se livrar das ações antes que a fusão se torne pública e ele lucre...

— Mesmo assim, alguém pode ter percebido o suficiente para iniciar uma investigação.

— Acha mesmo?

— Na verdade não sei — disse ele, dando de ombros. — Quem me passou a informação inicial foi o pessoal de Nova Orleans. Que eu saiba, não foram até as autoridades... ainda.

— Peça a eles que não façam isso, Donovan! Você pode, se quiser. Explique que foi um erro que será corrigido antes que alguém saia perdendo.

— Mas não sei se é verdade. Você mesma disse que não conhece a reação de Obermeyer. E, mesmo que eu esqueça o assunto, por que deveria ajudá-la?

Ele a pressionava como jamais fizera antes, sentindo o coração apertado. Mas chegara à conclusão de que precisava fazer aquilo. Por ambos.

— Porque... já fomos amigos. E se você me conhecesse direito entenderia como estou me sentindo.

— Está se sentindo mal com esse assunto?

— Me sinto péssima! Eu jamais viria aqui hoje se não fosse assim. Depois

das coisas que lhe disse, tem todo o direito de me mandar embora. Estou envergonhada por tudo. Sabe disso, não sabe?

— Sei que você não me julga grande coisa como pessoa. Tornou isso claro...

— Fiquei assustada e perdi o controle.

— E agora está dizendo que na verdade não acredita naquilo tudo? Quando precisa da minha ajuda, então vem pedir desculpas. Você teve bastante tempo para fazer isso, Liz. Por que só agora? Diabo, largue essa maldita bolsa. Vai acabar estragando o couro de tanto apertar.

Ela deixou que a bolsa caísse e fechou as mãos com força.

— Não pude encará-lo antes. Eu... estava com medo de que tomasse minhas desculpas como um sinal de que eu...

— Você me deseja? — completou Donovan. — Sei que sim. Mas é aí que existe o medo, não é? Vai morrer virgem porque tem medo de fazer amor.

— Não é isso.

— O que é, então?

Ela deu de ombros e manteve os olhos baixos.

— Pare, por favor.

— Agora vem pedir minha ajuda. Muito bem, vou ajudá-la. Mas com uma condição.

— Que condição?

Donovan disse a si mesmo que só faria aquilo para resolver o problema dela. Reuniu toda a sua coragem ao observar a ansiedade e expectativa no olhar de Liz. Mas precisava forçar um confronto.

— Que você se mude para a minha casa. E se torne minha amante.

Liz ficou tonta. Fincou os dedos nos braços acolchoados da poltrona.

— Você não pode estar falando sério!

— Pois estou. Muito sério. Sei que preza sua liberdade e que gosta de fazer as próprias escolhas. Pois a escolha é esta: pode vir até mim de livre e espontânea vontade, ou vou até as autoridades e denuncio você e Ray.

Obviamente tratava-se de um blefe, pois ele jamais teria coragem de fazer aquilo. Mas sua atuação era convincente.

Liz balançava lentamente a cabeça, sentindo as lágrimas correr pelo rosto afogueado.

— Por que está fazendo isso?

— Porque a quero, só por isso. Sempre quis. Já tinha desistido, por causa da forma como me tratou, até você entrar aqui e me dar o instrumento de que

eu precisava.

— A arma, você quer dizer.

— Seja como for. Ainda me sinto do mesmo modo e agora a tenho como quero. Você estava errada quando me chamou de arrogante e cruel. Eu era muito bonzinho. Devia ter forçado as coisas desde o início. Então a gente não precisaria ficar tratando este assunto com escolhas difíceis. Eu é que usei a estratégia errada.

— Um jogo. Isso é tudo para você. Mas eu não sou ninguém e não gosto de jogar. Por que não escolhe outra pessoa?

— Porque não tenho vontade de jogar com nenhuma outra pessoa.

— Quer fazer de mim um exemplo.

— Não. Isso é particular, entre nós dois. O resto do mundo não precisa saber de nada.

— Você está se divertindo comigo.

— Espero que sim. E, por falar nisso, espero que também se divirta.

— Você é cruel.

— Vamos, não precisamos mais escolher adjetivos. Foi assim que você se meteu nessa enrascada, lembra?

— Eu ofendi seu ego e agora você quer se vingar de mim.

Ele permaneceu em silêncio, sem negar a acusação.

— Donovan, por favor... não me peça isso.

— Você pode recusar minha oferta. Nesse caso, a justiça vai assumir os procedimentos. Pode não gostar muito, porque mesmo que o crime do colarinho branco não se configure, vai haver um processo e um julgamento. Se for condenada, pode escapar, mas não acho que possua o dinheiro necessário. Existe sempre a possibilidade de que passe algum tempo na cadeia. Mas duvido que o juiz seja muito rigoroso, no seu caso.

Liz ergueu-se da cadeira e caminhou para a porta. Ali as forças lhe faltaram e ela apoiou a testa na madeira.

— Qual o problema, querida? Está enfrentando seu medo?

— Meu emprego... meu futuro... tudo isso terminaria.

— Ou isso ou sua virgindade. Me parece uma escolha bem clara. Naturalmente, você faz o que achar melhor. É livre para optar. Isso é tudo o que sempre quis, não é?

— Você me odeia!

— Não — murmurou ele, aproximando-se e colocando a mão no ombro trêmulo. — Só quero ver esse tremor em outra situação. Quando a gente fizer

amor, você vai estremecer e gemer, e depois se perguntará por que lutava contra isso. Vai se sentir maravilhosa quando eu estiver dentro de você, e eu também. Parece que a odeio?

Ela respirava pesadamente, fazendo esforço para não chorar.

— Eu jurei... que isso nunca mais ia acontecer. Jurei que não iria deixar ninguém mais fazer isso...

— Às vezes não é divertido fazer escolhas. Algumas vezes se trata de escolher entre o menor de dois males. Eu preferia que não fosse assim também, mas as coisas não correram da forma esperada.

— Quanto tempo esse... arranjo vai durar? — indagou ela, num fio de voz.

— Ao menos até eu formalizar a fusão com a Ullman e torná-la pública. Quero você a meu lado até lá. No futuro, você é que sabe. Pode fazer o que desejar.

— Por favor... não me obrigue...

— Não estou obrigando você a nada. Você tem uma escolha.

— Mas eu não posso...

— Hoje é quinta-feira. Você tem até domingo para tomar uma decisão — afirmou Donovan, voltando para sua escrivaninha, onde escreveu algo num pedaço de papel, que estendeu na direção dela. — Este é meu endereço em Manhattan. Domingo ao meio-dia. Se você não der notícias até lá, telefone para um amigo e daí por diante não interfiro mais.

Tremendo, Liz apanhou o papel e enfiou-o na bolsa. Saiu. Nem percebeu como encontrou o caminho para fora, muito menos como chegou até sua casa. Sentia-se tonta e mais de uma vez precisou apoiar-se na parede de algum prédio para não cair na rua. A única coisa que importava o tempo inteiro era atingir os limites seguros das paredes de seu apartamento. Quando se viu em casa, foi para a cama e puxou as cobertas sobre a cabeça.

O telefone tocou no meio da tarde. Liz ouviu a campainha soando, debatendo consigo mesma se atendia ou não, até pensar que podia ser Donovan, retirando a oferta. Saindo da cama para atender, descobriu que era sua secretária, preocupada porque ela não voltara ao escritório. Não apenas perdera uma reunião, como Cheryl Obermeyer estava tentando lhe falar. Liz respondeu que não estava bem e que os compromissos do dia precisavam ser marcados para outra data. Assim que desligou, digitou o número de Cheryl.

— Ele é meu irmão, mas não presta, Liz. Não sei o que mais posso dizer. Já tentei argumentar, o advogado tentou explicar tudo, mas Ray continua afirmando que não escutou coisa alguma de você — reclamou a amiga, assim

que a ligação se completou. — Meu irmão não tem o menor instinto para negócios, quanto mais para o mercado de ações. E espera que eu acredite que comprou ações da Ullman por palpite. Quem pensa que está enganando? Simplesmente se recusa a acreditar que esteja incorrendo em crime federal, e, quando entender tudo, será tarde demais.

Liz soltou o ar e deixou a cabeça cair sobre o travesseiro. A hipótese de Ray livrar-se das ações não passara de uma esperança tola.

— Tudo bem, Cheryl, não vai acontecer nada com ele.

— Como pode ter certeza? Ray está ferindo a lei. Sabe tão bem quanto eu que comprou ações por causa de uma informação ilegal.

— Mas ele não vai ser processado. Eu... já cuidei do assunto.

— Você já... Como assim?

— Conversei com Donovan hoje. Ele não vai dar queixa. Ninguém vai saber que o negócio foi algo mais do que puro acaso.

— Tem certeza? Mesmo assim, nós sabemos. Eu me sinto meio envergonhada, só por ser irmã dele. Você não está no escritório, está? Liguei várias vezes.

— Estou em casa.

— Doente?

— Acho que com gripe, ou coisa parecida. Vou ficar bem.

— Quer ajuda? Meu Deus, você foi maravilhosa nessa história toda. É um milagre que ainda não tenha nos abandonado, depois de tudo o que a fizemos passar.

— Foi minha culpa. Fui eu que comecei tudo.

— Perguntei a Ray o que pretendia fazer com o lucro e ele me disse que vai fundar a própria companhia. Espero que sim, porque se meu irmão não voltar a demonstrar bom senso e se livrar logo das ações de nossa empresa, de mim não vai receber um figo podre. Meu pai tem um tempo de vida limitado e a companhia logo será minha. Não vou deixar que Ray coloque um dedo aqui!

— Calma, Cheryl. Ele é imaturo e frustrado, mas...

— É tapado e teimoso!

— Bem, não adianta discutir as qualidades dele. Estou gripada e queria dormir um pouco. Posso ligar outra hora?

— Claro. Existe alguma coisa que eu possa fazer?

— Não. Mas obrigada da mesma forma, Cheryl. E obrigada por tentar falar com Ray. Sei que não é por sua culpa que ele é assim.

— Não sei... algumas vezes eu mesma me pergunto isso. Mas por enquanto

ficamos por aqui. Se precisar de alguma coisa, você me liga?

— Ligo. Até logo.

Liz sabia qual seria sua escolha mesmo antes de sair do escritório de Donovan. Ainda assim, torturou-se durante dois dias. Mal conseguia comer, e o pouco de sono conseguido redundava em pesadelos, que continuavam até a hora de acordar.

Imaginava a si mesma acusada por divulgação de informações confidenciais e passando pelo sofrimento de um processo legal, recordando as coisas que dissera e fizera a respeito de Jamie. A ironia era pouco sutil.

Considerou a possibilidade de Donovan estar blefando. Contudo, pagar para ver teria um preço alto demais. Mesmo deixando de lado a parte legal, sua reputação profissional ficaria abalada e a segurança no emprego não mais existiria. Sem o salário mensal, não seria capaz de ajudar Jamie. Enquanto uma parte dentro dela dizia que seria bom para o irmão ter de ser virar sozinho, o restante se revoltava contra a idéia de ser incapaz de abandoná-lo. Fizera isso várias vezes quando criança e não gostaria de repetir a dose.

Acostumou-se à opção que restara. Iria para o apartamento de Donovan ao meio-dia, no domingo, e se submeteria ao que quer que ele desejasse. Tentou proteger-se contra a humilhação e a violência mental que teria de suportar, mas apenas conseguiu ficar mais angustiada. Ao final, Donovan descobriria que o jogo não era tão interessante quanto imaginara.

Percebeu algo mais. Uma parte dela queria ser amante de Donovan. Ficou surpresa ao descobrir esse aspecto, mas lembrou-se de que ele a provocara semanas a fio, acordando sentimentos aos quais se imaginara imune. Aquele homem a excitara fisicamente. Fizera-a sonhar. A verdade era que lhe dava motivo para provar um pedaço do céu, ao menos uma vez na vida. Quando Donovan terminasse com ela, pelo menos o emprego e a carreira estariam intactos. Simplesmente apanharia os pedaços de sua vida e os colaria outra vez.

A manhã de domingo encontrou-a calma. A insensibilidade fazia isso com as pessoas.

Limpou seu apartamento e tomou um banho de chuveiro. Vestiu calça comprida e um suéter. Arrumou uma valise com as roupas para trabalhar e uma frasqueira com os objetos pessoais. Saiu de sua casa, caminhando até o endereço que Donovan lhe dera.

Não era longe, mas o ar parecia frio, como geralmente ocorria em dezembro. Mal prestou atenção à decoração de Natal das lojas, pensando

apenas em cumprir seu destino.

CAPÍTULO VIII

Às onze e cinquenta e cinco Liz chegou no endereço que Donovan rabiscara num pedaço de papel. Tratava-se de um prédio elegante com grandes portas envidraçadas. Forneceu o número do apartamento ao porteiro, que interfonou.

— Décimo quinto andar, srta. Jerome. A porta do Sr. Grant é a segunda à direita.

— Obrigada.

Se ela fosse capaz de enxergar a si mesma, teria ficado orgulhosa da forma como caminhou até o elevador e da altivez de seu andar até a porta do apartamento. Parecia segura de si e composta, ao menos até Donovan aparecer.

As sobancelhas dele se ergueram para consultar o relógio.

— Você foi de uma pontualidade britânica. Só trouxe isso?

— Só.

— Não é muito para uma estadia prolongada.

— Talvez não seja prolongada. Depois de hoje à noite o jogo se completa e acho que você vai querer me ver pelas costas.

— Não foi o que combinamos — disse ele, apanhando a bagagem. — Não importa. Você pode pegar o resto amanhã. Entre e tire o casaco. Já estou com o almoço quase pronto.

— Não tenho muita fome — declarou Liz, aprumando o corpo para entrar.

— Você não parece muito bem — comentou Donovan, enquanto a ajudava a retirar o casaco. — Está pálida...

— Esta é minha cor normal.

— Está doente?

— Não consegui dormir direito. Só isso.

— Ainda bem que fiz comida.

— Tinha certeza de que eu viria?

Sem responder, Donovan apanhou a bagagem e desapareceu de vista pelo corredor. Quando voltou, encontrou-a ainda ao lado da porta.

— Não precisa ficar parada aí o tempo todo, Liz. Pode entrar e ficar à vontade.

— Não tenho certeza sobre o que eu devo ou não fazer.

— Por enquanto deve conhecer o apartamento, já que aqui vai ser sua casa

por algum tempo.

— Pretende... ficar, então?

— Até o final da semana. Depois iremos para a minha casa.

Liz assentiu e dispôs-se a descer os dois degraus para a sala de estar quando ele a tomou pelo braço.

— Por que não vem para a cozinha comigo? Pode me ajudar a colocar as coisas na mesa.

Ela fez meia-volta e o seguiu, permanecendo à entrada do aposento, observando-o. Donovan tirou do fogão uma grande caçarola de vidro e colocou-a sobre o tampo do fogão.

— Então, por que resolveu vir?

— Não tive muita escolha.

— A outra opção era tão ruim assim?

— Era.

— Teve notícias de seu amigo?

— O irmão de minha amiga está negando tudo.

Donovan sacudiu a cabeça, como se estivesse penalizado, depois deu de ombros.

— Bem, se as coisas chegassem ao tribunal, acho que você poderia alegar que não houve intenção de sua parte. O juiz provavelmente acreditaria.

— Mas podia não acreditar. Não quis arriscar essa possibilidade. O que está em jogo é minha carreira. Se a acusação fosse feita, já seria suficiente para prejudicar minha reputação profissional.

— Sua carreira significa tanto assim para você?

— Sim.

— Por quê?

— Porque é a única fonte de respeito próprio que possuo. E preciso do dinheiro para pagar a terapia de Jamie.

Ele pegou dois copos altos num armário da parede e os encheu com uma mistura de suco de laranja e champanhe.

— Mexericas. Um suflê de queijo. Frutas frescas... acho que vou acrescentar uns bolinhos de milho — comentou com ar pensativo, examinando a superfície da mesa.

Liz não respondeu.

— Bem, o que achou do meu apartamento?

— Não sei. Ainda não tive tempo de olhar.

— Então olhe. Você disse que gostou da cabana, vamos ver o que acha do

apartamento.

Ela correu os olhos pelo aposento.

— Muito bonito.

— Quanto entusiasmo! Feche os olhos um instante. Agora me diga o que viu.

— Não consigo — declarou Liz, depois de tentar por alguns segundos.

— Foi o que pensei. Bem, mais tarde você pode conhecer o apartamento. Ouça, você não é uma máquina, sabia? Não tenho a menor intenção de carregá-la por aí, como se não tivesse um cérebro próprio.

— Desculpe. Mas você pode me mandar de volta para casa.

— Não. O acordo inclui o fato de nos tomarmos amantes, e não é isso que está acontecendo. Se quer ficar por aí como uma múmia, ótimo. Mas não vai escapar dessa agindo como idiota.

— Não estou agindo como idiota. Você me colocou numa situação completamente estranha para mim. É esquisita e me sinto pouco à vontade. O que quer? Que eu dance uma valsa sorrindo quando preferia estar em outro lugar?

— Um momento. O acordo dizia que você viria de vontade própria.

— Vim andando. O que quer mais?

— Se eu começar a perceber que você está sabotando tudo de propósito, basta uma ligação para o processo começar. Você já mostrou as garras naquele dia, em seu apartamento. Não preciso mais ver esse seu lado, certo?

Ela respondeu com um aceno de cabeça.

— Sente-se. Vou colocar os bolinhos no forno e podemos comer.

Liz sentou-se à mesa circular e pequena, observando seu prato vazio desaparecer e ser substituído por outro, cheio das iguarias que ele preparara.

— Acho que não vou conseguir comer tudo isto — avisou ela.

— Ao menos tente. É tudo o que peço. Beba um pouco. Vai relaxar.

— Não preciso relaxar.

— Você está tensa como uma corda de violino. Beba. Depois vai ter de comer, a menos que deixe o champanhe subir à cabeça. Nesse caso, pode fazer alguma besteira...

— Foi por isso mesmo que tudo aconteceu. Se eu não tivesse tomado aquele segundo copo de vinho...

— Isso são águas passadas. Precisamos nos concentrar no futuro — declarou Donovan, experimentando uma garfada do suflê. — Hum... parece que ficou bom. Você não foi trabalhar ontem.

— Foi verificar onde eu estava?

— Não, mas falei com Brenda ao telefone, e surgiu seu nome. Ela disse que você estava doente. Ficou muito perturbada depois da nossa conversa na quinta-feira?

— Fiquei.

— Mas agora parece calma.

— Você me ofereceu duas opções. Escolhi uma delas.

— E aceitou seu destino.

— Só porque fui obrigada. Isso não significa que eu precise gostar.

— Cuidado, Liz. Ainda posso telefonar para meu amigo... Quer comer, por favor?

Ela obedeceu com a expressão de quem ingeria pedaços de cartolina. Mas a bebida surtiu o efeito esperado. Donovan permaneceu em silêncio até a refeição terminar.

— Café?

— Não, obrigada.

— Então vou lavar a louça. Por que não aproveita para conhecer a casa? Daqui a pouco podemos dar um passeio.

Liz dirigiu-se para a sala de estar e sentou-se numa poltrona até que ele chegasse.

— Não vai precisar de chapéu ou algo parecido? — indagou Donovan, segurando o casaco para que ela o vestisse. — Está frio lá fora.

— Estou ótima, obrigada.

Saíram do prédio, dirigindo-se para a Quinta Avenida.

— Ao menos seus sapatos são confortáveis — comentou ele. — Mas acho que vai precisar de botas. Deve nevar qualquer dia desses e não existe nada mais divertido do que um passeio na neve.

— Eu trouxe sapatos de salto na valise, para ir trabalhar amanhã.

Depois de caminharem vários quarteirões, ela começou a tremer de frio. Retirou uma das mãos do bolso para levantar a gola, mas Donovan a pegou rapidamente e enfiou, com a sua, no bolso do próprio sobretudo.

— Se estiver com muito frio, podemos voltar — ofereceu, omitindo outras opções de aquecimento.

— Estou ótima. O frio é gostoso.

— Quer congelar?

— Sempre ajuda.

— Sabe, amanhã a gente vai estar rindo de tudo isso. Você não quer ficar

amortecida nem perder a sensibilidade. Quer se divertir.

— Quero ficar amortecida.

— Você não tem fé na minha habilidade de amante?

— Não é com a sua habilidade que estou preocupada.

— Com a sua? Puxa, você é ótima. Nunca me preocupei com isso. Quer dizer, a princípio talvez seja um pouco dolorido, mas, se tiver confiança em mim e relaxar, será uma delícia.

Ela sentiu as faces quentes apesar do frio, mas continuou a olhar para a frente. Donovan fitava-lhe o rosto de tempos em tempos. Quando se aproximavam do Plaza, o número de transeuntes obrigou-a a aproximar-se dele. A cada vez que os quadris se tocavam, Liz enrijecia. Não conseguia relaxar. Só conseguia concentrar-se em colocar um pé à frente do outro.

A decoração de Natal do Rockefeller Center estava esfuziante, com luzes em abundância e uma enorme árvore dominando tudo. Ficaram observando os patinadores no rink por algum tempo, depois dirigiram-se a um café na Sexta Avenida, onde Donovan pediu chocolate quente para os dois.

— Vou pegá-la no trabalho amanhã e podemos passar em seu apartamento para apanhar mais roupas. Iremos a uma festa na quinta-feira e...

— Você não precisa me levar a todos os lugares. Pensei que seria algo particular, não um espetáculo público.

— Não vai ser um espetáculo público. O que acontece na privacidade de nosso quarto é entre nós dois. Os outros estão de fora. Para eles, você é minha garota para o compromisso de quinta-feira. Mas tem razão. Não preciso levá-la a todos os lugares. Só que quero fazer isso. Quero sua companhia.

— Por que iria querer minha companhia se não pretende fazer de mim uma exibição social?

— Quero você comigo porque gosto.

— Mesmo agora? Não acredito.

Ele sorriu.

— Mesmo agora, porque você é um verdadeiro desafio. Está convencida de que não sinto nada e pretende se entregar com o espírito de uma mártir cristã atirada aos leões. Mas não esqueça, não é assim que eu a vejo. Você é inteligente e espirituosa... e existe mais alguma coisa. Uma espécie de sentimento de compaixão pelas pessoas, que faz parte do seu charme. Além do mais... por volta de quinta-feira à noite vai se sentir bem melhor.

— Graças a você?

— Graças a você. Não parece ter percebido ainda que você mesma é sua

pior inimiga. Convenceu-se de que é feia e sem atrativos e que eu não poderia ter motivo nenhum para estar atraído. Mas está enganada. Vai descobrir isso sozinha, e em pouco tempo.

Passou para ela uma das xícaras fumegantes.

— Está quente demais.

— Então sopre. Pelo menos segure a xícara. Vai esquentar suas mãos.

Foi o que ela fez, porém não adiantou muito. Donovan então tomou-lhe as mãos.

— Você disse que o trabalho é sua fonte de auto-respeito — lembrou. — Isso é que não entendo. Há tanta coisa de que se orgulhar, além do trabalho... Quero dizer, tem caráter e presença. E garanto que seus amigos todos têm alguma coisa para acrescentar a esta lista.

Ela deu de ombros e colocou as mãos sobre a xícara outra vez.

— Sem comentários? — insistiu Donovan.

— Sem comentários.

— Por que não? Geralmente você fica toda preocupada em me afastar quando faço elogios, e desmente todos.

— Não vale a pena o esforço.

— Mas está me privando do prazer da discussão.

— Essa é minha intenção.

— Então está louca para responder, mas controla a língua.

— Não estou louca para responder.

— Me daria muita satisfação, certo?

— Algo parecido.

Liz percebeu que o estava testando, para saber quanto ele suportaria daquele comportamento sem colaboração.

— Você é uma pérola, garota. E, falando em jóias, como estão suas orelhas? Vejo que ainda usa os brincos. Pensei que tivesse tirado logo depois de nossa última conversa.

— Não posso.

— Como assim, não pode?

— Tenho medo de tirar. Já disse, tenho estômago fraco. Não sou boa para lidar com a dor.

— Mas... precisa fazer alguma coisa com eles, não?

— Coloco álcool duas vezes por dia. O médico disse para não tirar por duas semanas.

— Mas já passaram duas semanas. Não tem a intenção de tirar nunca?

— Acho que sim.

— Isso acontece porque... você não tem nenhum outro para colocar no lugar. Podemos remediar isso. Na noite livre desta semana, iremos comprar brincos.

— Não pretendo gastar meu dinheiro em jóias.

— Ótimo. Nesse caso, eu gasto o meu.

Ela o encarou.

— Não. Posso ser forçada a partilhar sua cama, mas não pretendo ser paga por isso.

Donovan sorriu e deu um soco no ar.

— É isso aí, menina! Reaja. Me diga até onde posso ir.

O olhar fuzilante foi abrandando até tornar-se inexpressivo.

— Então está resolvido — insistiu ele. — Acho que pérolas ficariam muito bem. Simples e elegantes. E não se preocupe, meu amor. Vou ajudá-la a trocar os brincos. Tenho um estômago forte. Portanto, pode desmaiar, mas quando acordar tudo estará feito.

— Foi uma estupidez. Eu nunca deveria ter furado as orelhas.

— Não seja boba. Agora que está feito, vou poder comprar brincos caros e finos sem ter de me preocupar com o fato de eles se arriscarem a cair.

Percebendo que Donovan a provocava outra vez, Liz fez um esforço para se controlar e ficou quieta. Tomou um gole do chocolate. Ele apanhou o casaco.

— Vamos indo?

Liz hesitou por um instante, lamentando ter de deixar o ambiente aquecido do café, que considerava seguro. Em seguida ergueu-se. O melhor seria terminar tudo de uma vez. Queria que Donovan acabasse logo com aquela tortura e que depois a deixasse ir para casa.

Sem dizer palavra, vestiu o casaco que ele segurava e o abotoou. Como fizera antes, Donovan enfiou-lhe a mão no próprio bolso e começaram a caminhada para casa.

— Seus pés são frios? — provocou ele.

— Estão frios há três dias.

— Então acho que vou ter de aquecê-los quando chegarmos em casa.

— Eles vão ficar muito bem, obrigada.

— Talvez gostasse de um banho quente. Isso aqueceria os pés e o resto.

— Tomei um banho hoje de manhã e não adiantou nada.

— Está se preparando para mim?

Ela voltou-se para lhe lançar um olhar de censura, sem dizer nada.

Quando chegaram ao prédio, Liz compreendeu por que haviam andado tanto. Estava exausta e maldisse esse fato, porque precisava de cada grama de energia para permanecer inalterada diante do que tinha pela frente.

Uma vez no interior do apartamento, controlou-se da melhor forma possível. Donovan retirou os casacos, pendurando-os no cabide ao lado da porta. Depois pegou-a pela mão e conduziu-a até a porta em frente ao dormitório.

— Quero assistir ao final do jogo dos Knickers. Tudo bem?

Ela assentiu vagamente e deixou-se conduzir até uma poltrona de couro. Donovan apanhou o controle remoto e ligou a televisão, procurando o canal que transmitia o jogo. Corria o terceiro tempo, com os Knickers defendendo. Donovan resmungou quando o time adversário marcou uma cesta.

— Gosta de basquete? — indagou, sem tirar os olhos da tela.

— Não em particular.

— Deve ser porque nunca parou tempo suficiente para assistir a uma partida e prestar atenção em tudo o que o jogo envolve. Boa, Bernard!

— Tenho certeza de que ele o escutou. De alguma forma...

Donovan ignorou o comentário.

— Os Knickers estão com um time e tanto este ano. Se bem que os Celtics e os Sixers também estão. Têm melhores colocações, apesar de Bernard. Deus o abençoe, é o artilheiro da liga. Viu aquele arremesso? De três pontos! Vamos lá, Knickers!

Liz desviou os olhos da tela. Primeiro prestou atenção ao aparelho de som, depois às prateleiras cheias de livros, e então pousou o olhar numa pintura a óleo. Um quadro em estilo abstrato.

— Gostou?

— Do quê?

— Do quadro.

— É estranho.

— Também acho. Para dizer a verdade, fico horas olhando para ele, imaginando o que está escondido nessas formas, mas só encontro um reflexo do meu próprio humor. O que vê?

— Um pesadelo apavorante.

— Vejo excitação... descoberta. O pintor é meu amigo. Dos velhos tempos. Um sujeito bastante estranho, mas gosto dele — disse Donovan, sem tirar os olhos do jogo. — Vamos lá, pessoal!

Sentindo necessidade de mover-se, Liz levantou-se e caminhou para a

estante. Observou os títulos por um minuto, e depois foi até a janela.

— Sente e relaxe um pouco, querida.

— Não consigo relaxar.

— A espera a está deixando nervosa, não é?

— Não gosto de basquete e não tenho mais nada para fazer.

— Se quiser, posso providenciar alguns lápis de cera e um bloco de desenho.

— Não sou criança.

— Não, não é — concordou ele, voltando-se para encará-la. — Pois eu diria que está impaciente. Talvez excitada?

Aquilo foi a gota d'água para Liz. Seu controle e a aparente indiferença ruíram com aquela provocação.

— Não fique imaginando coisas. Cada vez mais me ocorre que eu não estava tão errada assim naquela noite. Você é arrogante, teimoso e tem mente estreita. E algum dia esse seu orgulho vai provocar uma queda feia!

— Avisei-a para ter cuidado, Liz. Está andando sobre gelo fino.

— Pois não me importo nem um pouco. Acho que cair na água gelada seria uma sensação mais agradável do que aquela que vou ter de suportar. Você está brincando comigo, como sempre fez. Pois fique sabendo que não sou um brinquedo! Nem sou feita de aço!

Ele a encarou por um longo tempo antes de falar:

— É assim que você se sente?

— É exatamente como eu me sinto.

— Tem certeza?

— Claro que tenho certeza!

Donovan pensou por mais um instante. Depois tirou o som do aparelho de televisão e recostou-se no sofá.

— Muito bem, tire a roupa — pediu, com voz calma.

Liz mal pôde acreditar no que escutou.

— Como?

— Você entendeu bem. Eu disse para tirar a roupa.

Ela deu um passo para trás e apoiou-se na estante.

— Olhe, está certo... eu fico aqui, quietinha, assistindo ao jogo, está bem? Desculpe. É que fico nervosa quando não estou no controle e...

— Tire agora ou serei obrigado a telefonar.

— Nem parece você! — afirmou Liz, tentando sorrir. — Você sempre foi tão... compreensivo.

Ele não se sentia nada compreensivo naquele momento.

— Foi você quem criou esta situação.

Liz procurou algum sinal de compaixão na expressão fria, sem encontrar. A mão começou a mover-se na direção do telefone.

— Por favor, Donovan... não faça isso comigo.

— Pode começar com a blusa.

— Mas... é dia claro!

— Melhor ainda. Vamos!

— Não vou conseguir... não me obrigue.

— Você pode e vai conseguir. Dou dez segundos para começar. Dez, nove, oito...

Com as mãos tremendo, Liz segurou a barra do suéter e o puxou.

— Agora a camisa.

— Donovan... estou suplicando...

— A camisa, Liz.

A ameaça da mão que se aproximava do telefone, confirmada pela dureza do olhar, fez com que ela engolisse em seco. Baixou a cabeça e começou a desabotoar a camisa leve de algodão. Quando terminou, segurou as bainhas.

— Pode tirar.

— Mas... na frente deles? — objetou, apontando o aparelho de televisão.

Donovan voltou-se e acionou o remoto, desligando a imagem na tela.

— Eles não poderiam enxergar nada, mas se isso faz com que se sintam melhor... Vamos em frente.

Liz tirou a blusa e largou-a, permanecendo com os braços cruzados à frente do corpo.

— A calça, por favor — pediu Donovan, com voz baixa e intencional.

Ela baixou a calça colante, quase perdendo o equilíbrio. Passou os braços ao redor da cintura, sentindo frio por dentro e por fora.

— Estamos quase lá, Liz. Agora o sutiã. Desesperadamente, ela começou a imaginar uma escapatória qualquer, como uma criança. Pensando nas conseqüências outra vez, levou as mãos às costas, para desabotoar o sutiã. Os dedos trêmulos demoraram quase um minuto para realizar a tarefa. Depois disso a peça foi juntar-se às outras, no chão.

— Abaixar os braços. Quero vê-la.

Juntando toda a sua determinação, ela obedeceu.

Donovan não disse nada por um minuto, observando-a. Liz sentiu as lágrimas se formarem nos olhos, depois escorrerem pelas faces, mas manteve

a cabeça abaixada, incapaz de erguer os olhos.

— Ótimo. Agora tire a calcinha.

Chorando em silêncio, ela deslizou as mãos pelo interior do elástico, baixando a peça delicada. Permaneceu ali, nua e tremendo, suportando a humilhação que escolhera e sentindo um poço de recordações se abrir em seu interior.

— Ele... ele me... obrigou a fazer isso — soluçou, incapaz de evitar as palavras, reprimidas há tanto tempo. Estremecia. — Me obrigava... a ficar na frente dele... e tirar a roupa. Assim mesmo. Depois...

— Depois o quê? — quis saber Donovan, erguendo-se e segurando-lhe os ombros.

Liz mal dava a impressão de perceber sua presença.

— Meu pai... ele me dizia como eu devia ter vergonha... como eu era horrível e malvada. Nunca ninguém ia me querer... ninguém ia gostar de mim... — balbuciou ela, irrompendo num choro convulsivo.

Donovan puxou-a contra si, num movimento para protegê-la por inteiro, fornecendo-lhe calor.

— Meu Deus, o que eu fiz? — murmurou ele. Abraçou-a e embalou-a, erguendo-a do chão como uma criança e carregando-a na direção do quarto. Lá chegando, depositou-a na borda da cama, ainda chorando, e vestiu-a com o roupão, amarrando-o com firmeza. Abraçou-a outra vez.

— Desculpe, Elisabeth. Eu não sabia... jamais a teria feito passar por isso se soubesse. Você podia ter me contado. Eu sabia que existia alguma coisa, mas não tinha idéia do que fosse... e estava impaciente para amá-la e você não deixava...

Liz continuou chorando por mais um instante, incapaz de articular palavras pela intensidade das emoções, da humilhação e da derrota, que dissolveram todo o seu orgulho. Encolheu-se e chorou nos braços dele, que sofreu a dor e compreendeu a vergonha, partilhando esses sentimentos com a criança em seus braços. Quando os soluços diminuíram de intensidade, Donovan voltou o rosto molhado para o seu.

— Olhe para mim, meu amor. Sei que tem todo o direito de não fazer isso, mas preciso que me escute, para saber o que estou sentindo. Não sou seu pai.

Ela apertou os olhos. Donovan os acariciou com a ponta dos dedos.

— Elisabeth?

Liz abriu os olhos, apenas uma fresta.

— Não quero que tenha medo de mim. Nunca quis isso. Amo você. Não

negue, é verdade. Eu teria dito antes, mas você parecia se sentir ameaçada e eu não sabia qual era o problema. Não acreditou em mim antes e não sei por que acreditaria agora, mas pretendo passar o resto da vida tentando provar o que digo. Não feche mais os olhos, sim? Que idade você tinha quando isso aconteceu?

— Doze... treze... e...

— Bem no momento em que estava se desenvolvendo para a vida... como mulher — comentou ele, irado. — Não é de espantar que se imagine feia. Seu pai deve ter sido um homem muito doente. Com problemas sérios. Eu nem pensaria em tentar explicar o que ele fez, qual a motivação. E não adianta remoer o passado. Estou pensando no presente e no futuro, isso sim — declarou ele, tomando-lhe o rosto entre as mãos. — Elisabeth, você é bonita. Sei que não acredita em mim, mas é a pura verdade. Vi seu corpo e não há nada de errado. Tudo está certo, nos lugares adequados... e muito bem recheado.

Foi recompensado com uma risada que não durou muito, mas indicou nova disposição.

— Assim é melhor. Belo é quem pratica a beleza. Já ouviu dizer isso? Pois se aplica a você. Especialmente agora, que sei com o que conviveu esses anos todos. Você dá tanto às pessoas, aos amigos, aos clientes... Veja tudo o que faz por Jamie.

Ela o encarava, assentindo lentamente.

— Liz, o que seu pai fazia a Jamie? Compreenda, preciso saber para entender a situação.

Ela voltou o olhar para a distância e demorou tanto que Donovan imaginou que não fosse mais responder.

— Papai o espancava.

— Meu Deus...

— Eu costumava ficar em outro quarto, criando coragem para entrar e defender Jamie, mas isso nunca acontecia. Tinha medo de que papai se voltasse contra mim, e portanto tudo o que fazia era entrar e cuidar dele depois. Sempre senti muita culpa em relação a isso.

— Alguma vez ele encostou em você? Nunca tentou molestá-la?

Liz sacudiu a cabeça numa negativa.

— Não. Só fazia o que eu contei... e muitas vezes só com palavras. Palavras horríveis.

— Não quero que esconda mais nada de mim. Nunca contou a ninguém, não

é?

— Não...

— E esse tempo todo passou pela vida acreditando que qualquer homem que a fitasse sentiria repulsa. Foi dura demais consigo mesma, sendo uma pessoa tão bonita, em todos os aspectos. Amo você, Liz. Quero que saiba disso. Amo mesmo.

— Mas ia me entregar para a polícia.

— Eu não teria feito uma coisa dessas. Foi uma ameaça vazia. Eu sabia que precisava terminar com tudo isso e foi o jeito que encontrei. Parecia o único meio. Você estava certa, eu nem parecia eu mesmo. Donovan Grant, o gênio bem-humorado... pois tenho novidades: ele tem sentimentos, como o resto dos mortais. Quando está apaixonado, acredito que não seja tão bem-humorado quando as coisas não vão bem. Pelo menos não quando está destruído por dentro, porque a mulher que ama não quer saber dele.

— Eu nunca quis isso. Eu só estava... com medo de deixar as coisas irem mais longe.

— Sei que isso é um pouco demais, depois de tudo o que aconteceu entre nós, mas tenho um pedido a fazer. Acredito que você tenha falado a verdade — começou ele, hesitando em prosseguir. — Acha que pode... quer dizer, que é capaz de me amar só um pouco?

— Não sei. Já desisti da idéia de amar alguém há tanto tempo que não sei se posso acreditar nela. Talvez eu o ame. Por isso me senti tão ameaçada. Queria tanto você que tinha medo de desapontá-lo em alguma...

— Você não iria me desapontar, meu amor. Nada que fez me desapontou, exceto quando falou tudo aquilo sobre mim. Se isso foi porque a semente do amor começava a germinar dentro de você, como posso culpá-la? Sabendo o que sei agora, posso entender que se tenha sentido ameaçada. Não que eu concorde, entenda bem, porque a adoro, mas compreendo por que não acreditava em si mesma. É isso o que nós dois vamos ter de trabalhar.

— Você vai... me manter aqui?

— Não pela força de ameaças, porque só fiz isso movido pelo desespero e não me senti bem. Não pretendo mais ameaçá-la. Não quero mais segredos entre nós. Passamos além desse ponto. Quando imagino o futuro sem você, me sinto mal. Se existe uma chance, mesmo pequena, de você aprender a amar... bem, acho que posso viver com essa idéia. É um desafio: reconquistar sua capacidade de amar.

— E que tal... — Os olhos dela desviaram-se significativamente para a

cama.

— Ainda desejo fazer amor com você, se é o que quer saber. Não acho que isso vá mudar. Mas quero que você se sinta bem com essa idéia. Gostaria muito que ficasse comigo. Existe tão pouco tempo disponível, depois do trabalho, para nós, que gostaria que assumisse a conta do Grupo Donovan.

— Você não gosta de Brenda? Ela é muito boa, e adorável.

— Quero você! E todos os minutos que a gente puder passar junto. Liz, se ficar, não vou pressioná-la, como antes. Quero dizer, só tenho uma cama de casal, mas é bem grande e posso colocar um travesseiro entre nós, mas o que eu vou gostar mesmo é poder estender a mão durante a noite e encontrar você lá...

Os lábios dele se curvavam num sorriso de menino, ao qual Liz simplesmente não conseguiu resistir. Se admitisse a verdade, jamais tinha sido capaz de resistir, embora tivesse tentado.

— Eu fico.

— Fica?

Ela assentiu, animada com o prazer estampado no rosto masculino.

Donovan a abraçou com força.

— Que tal a gente ir até o seu apartamento buscar o que falta, e depois sair para jantar *num* lugar especial? Acho que sei exatamente onde, depois...

— Donovan!

— Sim, meu amor?

— Podíamos deixar esse jantar para outro dia?

— Acho que já vi esse filme...

— Não se trata disso — apressou-se ela a assegurar. — Depois que a gente apanhar minhas coisas, eu gostaria de comer aqui mesmo. Eu... tenho medo de dormir durante o jantar. Foi uma semana cansativa.

O alívio na expressão dele foi recompensador.

— Claro. Você está mesmo um pouco abatida. Mas linda! — Ele sorriu, cedendo ao impulso de beijá-la. — Desculpe-me. Preferia que eu não a beijasse?

O sorriso de Liz foi a primeira reação realmente honesta que ela expressou em vários dias.

— Não, eu gostei.

Ao invés de beijá-la outra vez, Donovan colocou os braços ao redor dela e puxou-a contra si. Lentamente, Liz retribuiu o abraço.

CAPÍTULO IX

Donovan deixou Liz no quarto, arrumando a mala, e aguardou na sala, a fim de deixá-la à vontade. Foram de táxi para o apartamento dele, com duas valises contendo a mudança.

Uma vez lá, Donovan colocou alguns bifês numa frigideira enquanto ela guardava suas coisas nas gavetas da cômoda. Quando Liz terminou a tarefa e seguiu até a cozinha, percebeu que estava morrendo de fome.

— Já não era sem tempo. Você não tem se alimentado bem essa semana, tem?

— Não muito.

— Pois bem, é hora de compensar — declarou Donovan, caprichando nas porções. — Está se sentindo melhor?

— Muito melhor, obrigada.

Ele deu-lhe um beijo na testa, sentou-se e começou a comer.

— Amanhã vou instalar uma secretária eletrônica em seu apartamento. Tudo o que você tem a fazer é fornecer o número do meu apartamento na mensagem... Melhor ainda, vou ligar primeiro para a companhia telefônica. Acho que eles podem transferir para cá suas chamadas. Isso vai evitar algumas explicações.

Liz terminou de mastigar o bife e partiu um pedaço de batata. Embora a fome parecesse sua prioridade maior, não deixou de reparar que ele procurava lhe evitar constrangimentos.

— E o que acontecerá quando um homem responder ao "meu número"?

— Bem, você pode dizer que era o mordomo.

— Não tenho mordomo.

— O encanador?

— Eu poderia dizer que você é meu namorado — sorriu ela.

— Eu iria gostar disso.

— Claro que a maioria dos meus amigos não iria acreditar, e aí sim, eu teria um bocado de explicações a dar. Acho que a idéia do encanador é melhor.

— Você pode não dizer nada, e mandar a pessoa cuidar da própria vida. Algumas palavras duras não vão magoar ninguém. Não teve muita experiência nesse sentido, teve?

— Receio que não.

— Bem, talvez seja a hora de começar. Você tem um sujeito brilhante, bem-sucedido, bonito e apaixonado a seu lado. Tem todo o direito de ser reservada.

Corando, Liz dirigiu o olhar para a comida.

— Liz?

— Sim?

— O que está sentindo? Quero dizer, sei que de muitas formas foi um péssimo dia e sei que está exausta, mas fico pensando se está feliz... assustada, envergonhada ou excitada.

— Acho que um pouco de cada coisa.

— Explique.

Baixando o garfo, ela o olhou de modo hesitante.

— Você tem um belo apartamento. Confesso que gostei mais da cabana, mas acho que posso me sentir bem aqui.

— Diga o que sente a meu respeito.

— Estou feliz. Você está certo. É bonito, inteligente, bem-sucedido... e, nos minutos em que me deixo convencer de que me ama, fico feliz e excitada. Até demais.

— E nos outros minutos?

— Me sinto assustada. Penso que talvez seja um conto de fadas. Fico com medo de que você se canse de mim em alguns dias, uma semana, um mês e então veja como sou de verdade.

— Mas você não é...

— Está bem, como eu sempre achei que era. Ainda vejo a mim mesma dessa forma, Donovan. Talvez seja uma espécie de vício, sei lá. Ou a realidade. E me sinto um pouco assustada. Nunca morei com um homem... Bem, não nesse sentido.

— Pretendo dar-lhe toda a privacidade de que precisar, meu bem. Terá seu espaço até decidir o contrário.

— Sei disso. Mas também fico preocupada. Temo que minhas inseguranças continuem me assombrando, quando a gente participar de alguma reunião e outras mulheres estiverem presentes — objetou Liz, assumindo um ar pensativo. — Cheryl disse que, se eu não o quisesse, devia dar-lhe seu número de telefone. Senti ciúme e fiquei insegura. Depois, quando Brenda contou que tentava fazer com que você a enxergasse como mulher...

— Brenda? Puxa, nem reparei nela, porque só estava preocupado com você. Quanto a Cheryl, nem a conheço. Mas pode acreditar numa coisa:

conheci dezenas de garotas interessantes e nenhuma delas me cativou como você.

— E se eu não agradá-lo na cama? — indagou ela, uma ruga vincando a testa.

— Vai agradar. Nunca tive dúvidas sobre isso.

— Mas não sei o que fazer.

— Eu mostro. Por isso mesmo vai ser muito melhor. Mas, se as coisas não derem certo, serei o único culpado. Afinal, supostamente tenho mais experiência. E sei que existe muita paixão em você. Não fique frustrada, é um elogio. Lembra-se de quando me contou que era virgem e eu comentei que se tratava de uma dádiva? Bem, foi por isso. Estive com mulheres experientes e ficava me perguntando quem as tinha ensinado tão pouco e quem completaria esses ensinamentos. Sempre achei que com você seria diferente. Você é diferente. E especial — continuou Donovan, encarando-a. — E quando me olha desse jeito, sinto que sou o único homem na Terra. É uma bela sensação. — Sorriu. — Coma antes que esfrie. Você já avisou que podia dormir no meio da refeição, e isso iria me magoar de verdade.

— Eu disse que o faria se fôssemos a um restaurante.

— Não sei, não...

— Estou com sono por causa do vinho — provocou ela.

Donovan olhou as taças, que continham água mineral, fingindo apreciar a cor.

— Ainda bem que comprei a melhor marca. Deus sabe o que teria acontecido se fosse bebida barata!

Liz riu e terminou o prato. Descobriu que estava com fome e que ele cozinhava bem. Em seguida, o sono a venceu. Donovan acompanhou-a até a porta da cozinha.

— Devo colocar travesseiros entre nós?

— Não.

— Você ficaria assustada se acordasse e me encontrasse a seu lado?

— Talvez um pouco... no começo.

— É só lembrar que a amo e que não vou fazer coisa alguma a não ser abraçá-la. Combinado?

Liz foi para o quarto, pegou a camisola e encaminhou-se ao banheiro. Quando saiu, já mais calma, estendeu-se na cama e adormeceu no mesmo instante.

Na manhã seguinte, ao acordar, notou que Donovan a abraçava em silêncio.

E descobriu que gostava muito da sensação de proteção e carinho.

A segunda-feira passou num turbilhão, com cinco colegas diferentes comentando como ela parecia bonita, descansada e cheia de vida. Sorriu de forma especial para todos.

Na terça-feira de manhã, quando acordou, viu-se novamente nos braços de Donovan. Ao invés de levantar logo, passou a prestar atenção ao corpo dele, começando pelo peito, coberto por uma camada esparsa de pêlos macios. Cedeu à tentação e timidamente tocou, com os lábios, um dos mamilos. Um gemido indicou que ele estava acordado.

— Gosto quando você me toca...

— É bom. Sua pele é quente.

— Hum... precisamos levantar. Você tem um compromisso às nove horas. Quer usar primeiro o banheiro?

Liz ergueu as cobertas e levantou-se, ensaiando alguns passos.

— Mais um beijo? — pediu ele, com ar de garoto. Com o rosto avermelhado, Liz voltou e satisfez o pedido com tanta intensidade que Donovan teve de interrompê-la com uma palmadinha no traseiro.

Na quarta-feira pela manhã, as pernas de ambos encontravam-se entrelaçadas. Liz sentiu-se surpreendentemente segura. Mais ousada, passou a mão pelo tórax musculoso. Gostava de alisar-lhe a pele.

— Você sempre usa pijama ou está fazendo uma exceção por minha causa?

— A segunda alternativa, receio. Geralmente durmo nu — respondeu ele, apressando-se a receber o beijo matinal.

Sem pensar nas conseqüências, ela deslizou a mão pelo peito, passando pelo umbigo, até o ponto em que o tecido se iniciava.

— Você está brincando com fogo...

— Desculpe — disse ela, erguendo a cabeça. — É que eu...

— Tudo bem — garantiu Donovan, puxando-a de volta. — É que eu a quero muito. Só em pensar nisso já fico alterado.

A idéia de que podia excitá-lo com tanta facilidade era nova para Liz. Animada, tocou-o por sobre o tecido do pijama. Com delicadeza, Donovan pousou a mão sobre a dela.

— Por enquanto chega — murmurou, com voz enrouquecida.

Liz não conseguia parar o movimento que iniciara. Reparou que a respiração dele se acelerava e que o corpo inteiro estava tenso.

— Acho que é o suficiente. Meu autocontrole não anda muito bem...

Donovan conduziu-lhe a mão para a direção do coração, que batia forte e

rápido.

Liz não imaginava que tocá-lo mais intimamente provocaria tamanha violência de sentimentos. Um calor agradável espalhou-se de seus seios até a virilha, fazendo com que experimentasse, pela primeira vez, a frustração do desejo sexual insatisfeito. Mas Donovan a empurrava com delicadeza para o outro lado da cama.

— Que tal a gente se encontrar à hora do almoço? Podíamos fazer compras — sugeriu ele.

— Compras?

— Eu gostaria de comprar um vestido para você usar na quinta-feira à noite.

— Ouça, não é preciso...

— Sei que não preciso e sei que você tem um vestido perfeito no armário. Sei também o que acha sobre receber presentes. Mas quero comprar alguma coisa. Meus motivos são puramente egoístas. Vai me negar este prazer?

— Como posso negar quando você argumenta dessa forma? — disse ela, capitulando.

O resultado foi que Donovan pegou-a no escritório e caminharam de mãos dadas até a loja de departamentos. Liz decidiu-se por um modelo de seda com caimento perfeito, que lhe realçava o corpo na medida certa.

Depois de pagar a conta, Donovan pediu desculpas, dizendo que precisava comprar um ou dois itens, e combinou encontrá-la na porta da frente em dez minutos. Quando chegou, no horário marcado, ela se mostrou curiosa e olhou para o pacote: — O que foi que comprou?

— Uma coisa... pessoal.

Imaginando algum tipo de roupa íntima masculina, Liz corou e não perguntou mais nada. Sorrindo, ele pegou a caixa do vestido e conduziu-a a uma joalheria do outro lado da rua, onde insistiu em comprar um par de sofisticados brincos de pérolas.

— Donovan, não posso deixar que você...

— Claro que pode. Vão ficar ótimos com o vestido e melhor ainda com sua pele. Além do mais, não me divirto tanto desde... desde que fiz compras para você em San Francisco, e antes disso, bem... não consigo lembrar.

— E se eu não conseguir colocar?

— Já disse que ajudarei. Podemos fazer isso hoje à noite. Assim, você vai ter muito tempo para se recuperar antes da festa.

— Não sei, não. Estou começando a ficar nervosa de verdade com essa tal

festa. Vestido novo, brincos novos... acho que a realza vai estar presente.

— Com certeza. Você vai.

— Acho que está ficando maluco — comentou ela, corando.

Donovan não respondeu. Guardou a caixinha com o brinco, tomou-a pelo braço e acompanhou-a até uma lanchonete, perto da Reynolds Associates.

Naquela noite, Liz descobriu o que Donovan comprara nos dez minutos em que ficara afastado. Ele aguardou até depois do jantar, quando a viu em frente ao espelho, admirando os brincos. Desapareceu por um instante e retornou com o pacote, que entregou a ela.

— Para você.

— Para mim? Mas eu pensei que...

— Eu menti. Pode abrir.

Ela puxou o laço de fita e retirou a tampa da caixa, demorando um instante para entender as dobras do tecido brilhante. Então corou.

— Esse presente não é para a festa, nem para mim. É só para você.

Timidamente, ela tocou o tecido cor de marfim do sutiã e da calcinha franceses.

— Quero que use para que possa se sentir... feminina. Por dentro, na intimidade. Ninguém precisa saber que estão lá, só você.

— Nunca usei nada parecido com isso — disse ela, sem erguer os olhos.

— Então adiou por muito tempo. Ficaria surpresa com as pequenas coisas que um traje como esse podem fazer ao seu ego.

— Você já teve uma experiência pessoal? — provocou ela.

— Bem, não exatamente da mesma forma, mas já percebi que tudo o que visto faz diferença na forma como me sinto. No momento estou me sentindo como um robô, porque tive de usar terno a semana inteira. Estou louco para viajar até a cabana. Você trouxe jeans, não trouxe? E suéteres...

— Trouxe equipamento apropriado. E, se não tivesse trazido, tenho certeza de que você me arrastaria até a loja mais próxima, para comprar tudo.

— É tão ruim assim? Quer dizer, eu adoro comprar coisas para você.

— Sei disso — disse ela, encarando-o por fim e sentindo-se derreter por dentro. — Por isso recebo tão bem os seus presentes. Muito obrigada por isso... pelo vestido e pelos brincos. Adorei tudo.

Ele a abraçou, num impulso de alegria.

— Que bom!

Beijou-a outra vez, antes de voltar para o escritório.

Donovan ficou surpreso quando apareceu no escritório dela na quinta-feira

à tarde. Entrou, percebeu que havia algo diferente e parou. Liz, absorta na leitura de um relatório, ergueu a cabeça depois de alguns segundos. O olhar dele se arregalava, misturando-se ao sorriso.

— Seu cabelo está ótimo! Quando fez isso?

— Hoje, à hora do almoço. Tem certeza de que ficou bom? Estou me sentindo nua. Acho que uso cabelo quase pela cintura desde que tinha oito anos de idade. Nunca cortei assim. Estou me sentindo leve...

— Ficou estupendo! E esse ondulado é natural, não é?

— Eu não sabia disso até o cabeleireiro me avisar. Não tenho certeza se gostei da parte da frente. Eu não queria franja, mas ele disse que tudo estava no comprimento certo e que iria combinar com as ondas... ou cachos...

— Seja qual for o nome, ficou ótimo — comentou ele, avançando para os fios e tocando-os, com reverência. — Acho que a essa altura já deve saber que isso não vai contribuir em nada para o meu sossego...

— Então você gostou?

— Se gostei, Elisabeth? Adorei. Adoro você — declarou ele, beijando-a para demonstrar com eloquência o que dizia. — Viu? Só que precisamos ir andando. Já está terminando?

Liz levou um minuto para voltar a concentrar-se, porque o beijo reacendera as sensações que temia. Forçou os olhos a permanecer no relatório. Outro tipo de imagem, no entanto, teimava em formar-se em sua mente. Não conseguiu continuar.

— Posso terminar de manhã — sentenciou, mais para si mesma do que para ele.

Pegou suas coisas e foram direto para casa, a fim de se vestir para a festa.

Liz já tomara um banho quente e terminava de aplicar as camadas básicas de maquilagem quando a voz de Donovan soou de fora do quarto, do outro lado da porta: — Está vestida?

Automaticamente, ela cruzou os braços. Em seguida, verificou a própria imagem refletida ao espelho.

— Estou.

A porta abriu-se e Donovan entrou no aposento, trajando calça e uma camisa sofisticada, ainda aberta. Deu dois passos e parou, como se estivesse congelado. Os olhos dirigiam-se para o novo sutiã, arredondado pelo volume dos seios, depois baixaram para a delicadeza da calcinha francesa. Com um gemido, levou as duas mãos ao rosto.

— Você não gostou! — exclamou ela, ao observar-lhe a reação.

— Exatamente o contrário. Só que com você vestida desse jeito a gente não vai a festa nenhuma. Pensei que já estivesse pronta.

— E eu pensei que queria me ver usando essas...

— Claro que eu quero! — protestou ele, abraçando-a. — Fiquei imaginando esta visão o dia inteiro e não consegui trabalhar direito.

Ela relaxou. Sentia-se muito feminina. Sexy. E... quase bonita.

— Estou contente — murmurou.

Percebeu-lhe a tensão. Seu corpo reagiu de forma agradável, produzindo um desconcertante calor interno. Liz sabia que o beijo viria, porém não estava preparada para a sensação de tontura que acompanhou a carícia. Começava a achar que o fato de chegar atrasados à festa não era tão terrível assim...

— Tome. Para combinar com os brincos.

Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele lhe colocou um colar de pérolas no pescoço. Voltou-a de frente para o espelho e ficou atrás, admirando o efeito. Acertar o fecho não foi tarefa muito fácil, pois os dedos tremiam. Por fim, as mãos pousaram nos ombros e ele examinou o reflexo.

— São lindas. Mas...

— Não aceito nenhum "mas". São lindas mesmo — confirmou ele, baixando a boca para o pescoço macio, onde depositou vários beijos. — Liz, você está tão bonita...

Ela podia sentir-lhe o desejo. O mundo parecia concentrado nas carícias que recebia nos seios, nas pontas dos dedos que deslizavam pelo tecido fino e brilhante. Liz suspirou, sentindo o calor interno espalhar-se.

Devagar, Donovan fez com que ela ficasse de frente e afastou-se um passo para observá-la. Acompanhou-lhe o contorno da cabeça e dos ombros com toques suaves, detendo-se depois nos seios e no colar. Liz sentiu uma ponta de apreensão, logo superada pelo prazer sensual. Os dedos masculinos pouco a pouco foram se insinuando abaixo do tecido, testando a maciez e fazendo com que ela gemesse.

— Você é linda — murmurou Donovan, avançando até tocar os mamilos. — Tão linda...

De olhos fechados, ela suspirou e murmurou-lhe o nome. Queria tocá-lo também, mas as mãos apoiadas nos ombros fortes serviam para sustentar-lhe o corpo sobre as pernas trêmulas. Quase deu um grito de frustração quando os dedos dele se retiraram. Donovan desabotoava a camisa.

— Precisamos ir.

As mãos envolveram-na outra vez, para encontrar-se nas costas, lutando

para abrir o sutiã, o que foi feito num átimo.

— Tudo bem, meu amor. Eu só preciso sentir sua pele contra a minha. Só um pouco.

As mãos afastaram o sutiã, depois abriram a camisa. O peito nu tocou os seios macios, produzindo uma espécie de eletricidade no corpo de Liz.

— Está vendo? É uma delícia. Sua pele foi feita para a minha. Preciso de você, querida.

Ela também se sentia assim. Seu corpo trêmulo se contorcia contra o dele. De repente teve uma vontade incontrolável de ser tocada e beijada em todos os lugares. Precisava aplacar aquela necessidade.

Mas ele já lhe recolocava o sutiã, esforçando-se para recobrar a compostura. Liz ficou desapontada.

— Eu... pensei que me quisesse — disse, espantada com as próprias palavras.

— Claro que quero — murmurou ele, com um sorriso maroto. — Mas você precisa me querer com a mesma intensidade.

— Eu quero.

— Não do mesmo jeito. Ainda não. Quando a época chegar, você vai saber. Nós dois vamos saber — afirmou ele, beijando-a. — Amo você. Mantenha isso em mente quando os solteirões quiserem flertar, na festa.

A atenção masculina que ela despertou chamou-lhe a atenção. Era um fato inédito em sua vida.

— Deve ser o vestido... ou as pérolas — confidenciou a Donovan, quando ficaram sozinhos num canto.

— Não é o vestido nem o colar. É você.

— Pois acho que é você. Estou pegando carona na esteira do seu carisma. Nunca recebi tantos elogios numa só noite.

— Talvez tenha recebido, mas ignorou. E não me venha com essa história de carisma. Ouviu o que Donaldson contou? Que o velho Obermeyer nunca deixou de sonhar com você. Eu não ficaria surpreso se saísse da festa com um novo cliente.

— Não foi por isso que vim.

— Sei disso, mas seria um belo resultado, não acha?

Quando chegaram em casa, naquela noite, Donovan voltou-se para ela: — Obrigado por ter ido comigo. Você me fez muito feliz. Gostou? Quer dizer, foi tão desagradável quanto imaginou?

Liz riu.

— Eu não estava esperando nada tão ruim.

— Mas disse que se sente mal em festas desse tipo. Hoje você se sentiu... estranha, ou deslocada de seu ambiente social?

— Não. Quer dizer, um pouco... no começo.

— E da próxima vez vai ser ainda melhor. É tudo uma questão de tempo, de autoconfiança, coisas que a gente vai construindo aos poucos. E você era a mulher mais bela da festa.

— Isso eu não sei. Havia outras muito bonitas...

— E você pode competir com qualquer uma delas em pé de igualdade, mas é melhor do que todas por dentro. No que me concerne, era a única com quem valia a pena conversar.

Liz estudou por um instante a expressão honesta dele, lembrando-se de que Donovan não olhara para outras mulheres, fato para o qual estivera constantemente alerta.

— Você me fez sentir especial. Obrigada.

— E você tornou minha noite perfeita. Eu é que agradeço. Agora vamos para a cama — disse ele, apressando-se a acrescentar: — Não para fazer amor, mas apenas para estar juntos durante a noite. Quero dormir abraçado a você.

— Eu iria gostar disso. E acho que, se você quiser, pode...

— O quê? E deixar você pensando que sou um tipo fácil? Que se entrega logo depois da primeira festa? Fique sabendo que eu nunca faria amor com uma mulher depois de morar apenas quatro dias com ela. Não, senhorita. Hoje nós dormimos. Além do mais... iria levar a maior parte da noite e nós dois temos que trabalhar amanhã cedo.

No ar permaneceu o fato de que o dia seguinte seria sexta-feira e no sábado nenhum dos dois trabalharia. Teriam todo o tempo do mundo.

A viagem até a cabana foi lenta, com a neve caindo vagarosamente. Quando Donovan e Liz saíram da estrada principal, a camada branca já era alta e preocupante.

— Eu gostaria de ir direto para a casa, mas, se não pararmos no supermercado, talvez tenhamos de sobreviver comendo enlatados o final de semana inteiro.

— Tenho certeza de que deve haver muita sopa, além de outras coisas no congelador.

— É, mas eu gosto de suco de laranja fresco, e cereais sem leite são difíceis de engolir.

Ele parecia um garoto saindo de casa à última hora. Liz teve de rir. Acabaram parando no mercado e, quando chegaram à estrada que levava até a casa, Donovan já discorria sobre as vantagens de possuir um veículo com tração nas quatro rodas. Quase dez centímetros de neve haviam caído, o que não teria sido tão ruim se a temperatura não tivesse baixado com tanta rapidez, tornando o solo abaixo da neve extremamente escorregadio. Ele teve de dirigir com extremo cuidado. Quando chegaram, ambos soltaram um suspiro de alívio.

Depois de ligar o aquecimento e acender a lareira, prepararam o jantar e sentaram-se juntos para assistir a um filme. Recostada em Donovan, com um cobertor sobre os corpos de ambos, Liz tentou concentrar-se na história que se desenrolava na tela, mas não conseguiu. Sentia-se feliz, satisfeita mas inquieta, pois nem sua mente nem seu corpo podiam ignorar o homem a seu lado.

Ele fora maravilhoso a semana inteira. Antecipara suas necessidades e as respeitara. Fizera todo o possível para mostrar-lhe que a achava atraente e que a amava de verdade.

Sentia vontade de beijá-lo e, quanto mais pensava nisso, mais inquieta ficava. Como ele parecia tão à vontade, chegou a imaginar que não a queria naquele momento. Inclinando um pouco mais a cabeça, para observá-lo, viu-lhe o sorriso e a expressão relaxada. Donovan estava completamente adormecido.

— Você está exausto. Por que não vamos para a cama?

— O que aconteceu? — indagou ele, com voz pastosa.

— Não aconteceu nada. Você dormiu. Venha comigo — convidou ela, afastando a manta e estendendo-lhe a mão.

Conduziu-o até o quarto. Deixou-o, cambaleante, ao lado da cama, lutando com os botões da camisa, e voltou-se para puxar as cobertas. Em seguida resolveu ajudá-lo a despir-se. Para não perturbar o estado de sonolência em que ele se encontrava, evitou acender a luz. Como jamais tivesse feito aquilo, deu graças pela luz estar apagada. Lá no fundo, porém, descobriu que a falta de detalhes não abrandava em nada o impacto que o toque no corpo masculino lhe produzia. Prosseguiu devagar, aproveitando os gestos, de forma que, ao terminar, tremia de excitação.

Com cuidado, auxiliou-o a deitar-se, cobrindo-o em seguida.

— Você também vem, não é?

— Já estou indo.

Ela parou para observar-lhe o rosto, que apresentava uma sombra de barba

nascente. Suspirando, pegou a camisola. Entrou e saiu do banheiro procurando não fazer barulho.

Entrou sob o acolchoado e descobriu que Donovan não se movera. Colocou-se de lado para vê-lo melhor. Tinha um corpo bonito e tentador. Tão tentador que em pouco tempo Liz sentiu-se inquieta demais para ficar parada e levantou-se com cuidado.

A luz, quase romântica, que entrava pela janela, exerceu uma atração inexplicável, e ela dirigiu-se para lá. A visão do corpo de Donovan, porém, parecia perdurar em sua mente, aquecendo-a internamente a um ponto que não julgara possível. A sensibilidade estava à flor da pele. A consciência dos pontos eróticos em seu corpo aumentava cada vez mais, fazendo-a fantasiar.

— Liz? Alguma coisa errada?

Ela voltou-se para encará-lo.

— Não. Eu só...

As palavras não surgiram em seus lábios. Os sentimentos eram fortes demais. Donovan notou a forma como Liz torcia as mãos. Sabia o que queria e só esperava que ela desejasse o mesmo. Num convite silencioso, ergueu a ponta do cobertor.

Em pouco tempo Liz estava a seu lado, abraçando-o. Beijaram-se de uma forma intensa, com bocas e corpos, de forma que ao final não restava dúvida alguma sobre a necessidade de ambos.

— Tem certeza? — indagou Donovan, tomando-lhe o rosto nas mãos.

Liz assentiu.

— Você me quer?

Mais um gesto afirmativo de cabeça.

— Tanto quanto eu?

O brilho dos olhos femininos traduziu o sentimento que o corpo dele provocava.

— Tanto quanto você.

Quando Donovan a abraçou outra vez, sentiu um intenso arrepio e rolou sobre ela como se flutuasse numa nuvem. Beijou-a.

"Devagar... vamos devagar", ordenou a si mesmo.

Passou a beijá-la com mais delicadeza, explorando-lhe sem pressa a pele e os lábios. Entrelaçou-lhe os dedos e os manteve contra o lençol, enquanto lhe tocava rosto e pescoço.

— Posso tirar sua camisola? Você está linda. Quero sentir sua pele.

Um arrepio de apreensão a dominou. Mas bastou deparar com o desejo

estampado no rosto masculino para perceber que aquela era realmente a vontade dele. Assentiu com um gesto e prendeu a respiração enquanto Donovan rolava para o lado e puxava o tecido por sobre as coxas e quadris, depois pela cintura e pelos seios, até retirar a peça inteira pela cabeça.

— Pronto. Não foi tão ruim assim, foi?

Liz mal podia responder, inebriada pelo toque da pele masculina em todo o corpo. O beijo assumiu outra dimensão, mais intencional e erótica.

— Mal posso acreditar que você está aqui de verdade...

Os olhos seguiam o movimento das mãos, porém Liz não se importou. Era bom. As carícias continuaram e logo os lábios seguiram o mesmo caminho. Em pouco tempo encontraram um mamilo.

Liz gemeu, sem estar preparada para o fogo gerado em seu ventre. Ele aproveitou, tocando de leve a pele túrgida com a língua, até que o corpo feminino se contorcesse em seus braços, pedindo mais.

As mãos deslizaram para baixo, contornando a curva delicada do estômago e descendo lentamente até a virilha.

Num movimento reflexo, ela fechou as pernas. No instante seguinte Donovan murmurava palavras de encorajamento.

— Não há problema, meu amor. É bom. Você é linda por inteiro. — A mão voltou a mover-se, insinuante. — Abra-se para mim. Assim.

Liz não teve escolha, porque o fogo interno comandava seus pensamentos. Em pouco tempo descobriu que o alívio era apenas momentâneo, pois os dedos deixavam um rastro de desejo, fazendo com que ela lhe agarrasse a cintura, puxando-o de encontro a si.

— Donovan...

Liz imaginou que não fosse capaz de suportar aquela tortura por mais tempo, e descobriu estar enganada. Só quando se encontrava completamente pronta foi que o sentiu por entre as coxas macias.

— Amo você, Elisabeth — murmurou ele antes de penetrá-la.

Liz gemeu baixinho ao sentir a pontada, mas ele permaneceu imóvel, falando baixo, assegurando-lhe que tudo correria bem.

— Pronto, amor. Agora é só acalmar e aproveitar.

Ele tinha razão. A dor diminuiu com rapidez, deixando apenas uma sensação inédita de preenchimento. Donovan deixou-se ficar imóvel até sentir que Liz relaxava.

— Você não faz idéia de como eu te amo — disse entre beijos. — Está doendo?

— Não... desculpe-me.

— Por quê?

— Por ser tão boba. Não doeu tanto assim...

— Foi de uma vez só porque precisava ser assim, mas sou eu quem pede desculpas. Mas nunca mais vai ter de ser assim. Só fica melhor. Acredita em mim?

Liz riu.

— Acho que é melhor acreditar em qualquer coisa que me disser, já que me trouxe até aqui.

— Você não é mais virgem. Agora é minha. Inteira.

Ele a beijou e começou a acariciar os seios com as mãos, estimulando-a e excitando-a até vê-la mover os quadris.

Com cuidado, recuou e avançou outra vez, repetindo o movimento até Liz entrar no mesmo ritmo. Daí para a frente o prazer de ambos aumentou numa espiral que em pouco tempo deixou-os incapazes de outra coisa além de gemer e mover-se.

Liz se deixava envolver por uma onda de sensações deliciosas, atingindo o que julgava ser o máximo do prazer, para em seguida descobrir que havia mais pela frente. Surpresa pelo poder que sentia, reagia intuitivamente com o corpo. Os dedos cravaram-se nas costas fortes, único ponto de apoio do mundo real quando ela sentiu que se estilhaçava em mil pedaços.

— Donovan? — murmurou, assustada.

— Deixe acontecer, meu amor. Eu seguro você.

Foi o que ele fez, mas logo aos primeiros espasmos o ápice seguiu-se, avassalador. Não conseguiu pensar em mais nada a não ser manter-se colado ao corpo daquela mulher, capaz de lhe dar tanto prazer, tanto amor, do tipo que jamais conhecera e que fazia mais sentido do que a própria vida.

Passou-se um longo tempo antes que as respirações de ambos voltassem ao normal. Donovan beijou a testa úmida de suor e com relutância rolou para o lado, aconchegando-a.

— Mal posso acreditar — murmurou ela, sorrindo.

— Foi bom mesmo, não foi?

— Bom? Foi muito além do que eu tinha sonhado!

Donovan riu e abraçou-a com mais força.

— Ótimo.

— É sempre assim? — indagou ela.

— Nem sempre é assim para todos, especialmente na primeira vez. Mas

para nós, acho que sempre será bom, e depois melhor, e melhor... amo você. Mas espere um pouco. Se disser muita coisa agora, vou imaginar que foi a paixão do momento, ou gratidão ou até exaustão. Quando disser essas palavras para mim, quero que seja no instante em que eu menos esperar. Mas é bom que sejam sinceras. Porque assim que eu escutar vou pedir a você que se case comigo e é melhor estar preparada para dizer sim. Entendido?

Liz sorriu, pois sabia que o amava. Reconhecia, entretanto, que Donovan tinha razão. Quando ela dissesse aquelas palavras, queria que carregassem todo o peso de seus sentimentos, como mereciam. Quando as dissesse, estaria pronta para responder sim.

Com um beijo suave, concordou, depois acomodou-se ao lado dele para desfrutar daqueles momentos de felicidade.

CAPÍTULO X

Passaram um final de semana delicioso, isolados do mundo. Donovan retirou a neve do caminho no sábado à tarde, e saíram para uma caminhada no domingo pela manhã. Mas passaram a maior parte do tempo no interior da cabana.

Fizeram amor na cama, nos almofadões em frente à lareira e no sofá da sala. Donovan ensinou a Liz a arte dos amantes com carinho e dedicação. Conquistou-lhe o corpo pouco a pouco, e, quando ela sentiu-se à vontade o suficiente para ficar toda nua, à luz do dia, Donovan sentiu-se orgulhoso.

Tomaram longos banhos, durante os quais praticaram as artes do amor. Mais do que uma vez ele massageou-lhe os músculos doloridos das costas, terminando sempre em carinhos apaixonados.

A mulher que voltou para Manhattan com ele na segunda-feira bem cedinho era um eco distante daquela que partira na sexta-feira. Liz parecia emitir uma espécie de brilho. Estava mais confiante do que nunca.

Pouco a pouco ela contou aos amigos que estava morando com Donovan. Esperava reações de surpresa, mas ninguém as manifestou. Todos aceitaram tranqüilamente a notícia e ficaram contentes.

À medida que as semanas se passavam, Donovan saía mais com Liz, apresentando-a a seus amigos e sócios. Fazia com que se sentisse a melhor mulher do mundo, a coisa mais preciosa de sua vida. Era sempre correto e atencioso. E só tinha olhos para a ela.

Liz começou a tomar algumas iniciativas, movida por sua renovada confiança. Preparava o jantar, assumiu novo interesse por sua aparência, comprou várias roupas novas, inclusive íntimas.

Ficou mais atrevida na cama, embora essa fosse uma reação natural à descoberta do sexo. Tornou-se curiosa a respeito do corpo de Donovan, com vontade de explorá-lo, descobrir o que o excitava mais. Já que o erotismo sempre funcionava para os dois lados, jamais lamentava suas ousadias. Nem Donovan, que se divertia em dizer que ela nascera para fazer amor.

As vidas profissionais de ambos mesclaram-se confortavelmente. Pouco antes do Natal, a fusão com a Ullman tornou-se pública. Donovan preferiu esquecer a atitude de Ray Obermeyer e, para provar que não guardava ressentimento algum, convidou Liz e Cheryl para almoçar. Como confessou,

não conseguia sentir raiva, pois o gesto de Ray tivera o efeito de aproximá-lo da mulher que amava. Cheryl corou, mas não pôde discordar.

E, se Liz antes acreditava que a carreira era mais importante do que todo o resto, agora arranjava tempo para ficar em casa. Karen Reynolds foi de grande ajuda, encorajando-a a planejar reuniões nos dias em que estaria no escritório, e permitindo que levasse a papelada para casa quando Donovan tinha de ir para a cabana, em Troy.

O Natal veio e passou, e foi o mais feliz do qual Liz conseguia se lembrar. Foram para a cabana, onde montaram uma pequena árvore próxima à janela. Mantiveram o fogo na lareira permanentemente aceso. Foi tudo muito significativo, porque dois dias depois o filho de Donovan chegou e Liz mudou-se outra vez para o próprio apartamento.

Foi uma decisão conjunta, dada à crescente melhora do relacionamento dos dois homens. Mas Liz acabou passando todo o seu tempo livre com ambos, por insistência do próprio Donovan. Parecia sentir-se mais seguro próximo a ela, mais à vontade para lidar com David. O próprio rapaz dava a impressão de se sentir melhor, por não monopolizar a atenção do pai o tempo inteiro. David gostou tanto de Liz que, no caminho para o aeroporto, recomendou a Donovan que se casasse com ela.

Ele também pensava nisso, mas não mencionara mais o assunto depois daquela noite na cabana. Liz ainda não dissera que o amava. Sabia que era correspondido porque sentia isso nos olhares e no próprio corpo feminino, quando iam para a cama.

Ela telefonava todas as semanas para Jamie e Donovan acreditava que isso se devia aos resquícios da responsabilidade que sentia pelo irmão. Depois de alguns minutos de conversa, Liz já assumia um ar abatido. Embora fizesse todo o possível pelo rapaz, achava não ser o suficiente para abafar a enorme culpa que sentia em relação a ele. Ainda tinha um árduo caminho no aspecto emocional, e a Donovan só cabia amá-la, apoiar-lhe as tentativas de libertação e aguardar.

A espera não foi tão longa quanto ele receava a princípio. Na metade do mês de janeiro, numa noite de quarta-feira, pouco depois de chegarem em casa, o telefone tocou.

— Alô?

Um longo silêncio foi a resposta do outro lado. Depois, ele ouviu a ligação ser cortada. Recolocou o fone no gancho e foi para a cozinha, atrás de Liz. Poucos segundos depois o telefone tocava outra vez. Donovan atendeu de

novo.

— Alô?

Mais uma vez a resposta foi o silêncio.

— Alô?

Por fim a voz de um homem indagou se o número discado estava correto.

— Claro, você discou certo — respondeu Donovan.

— Esse devia ser o número de Elisabeth Jerome.

— E é. Espere um pouco que eu vou chamá-la.

Não precisou mais do que um olhar para que ela atendesse.

— Sim? — Ela deixou escapar um suspiro. — Oi, Jamie. Está tudo bem?

O irmão jamais ligava, a não ser que surgisse algum problema.

— Quem atendeu, Liz? — quis saber o rapaz.

— Donovan Grant.

— Certo. E quem é Donovan Grant?

— O homem com quem tenho saído.

— Pois essa é nova... eu nem sabia que você namorava.

— Então ficou sabendo.

— O que ele está fazendo no seu apartamento? — indagou Jamie, em tom de indignação.

Liz sentiu que estava a ponto de responder à altura e controlou-se. O irmão precisava de tempo para absorver a idéia.

— Onde você está? A ligação parece vir de perto.

— Estou perto. No aeroporto.

— Aqui em Nova York? — Liz empalideceu. — Alguma coisa errada?

— Não. Mas o trabalho estava me ocupando demais. Achei que podia tirar uns dias de folga e vim para Nova York.

— Você não foi despedido de novo, foi?

— Pode ser que eu me demita, mas não fui despedido, mana. São uns dias de férias, que meu patrão, generoso, me concedeu — explicou ele, com certo sarcasmo.

— Muito bem, é bom mesmo tirar umas férias. Depois de uma pausa você vai se sentir melhor com o mundo.

— Pensei em ficar com você alguns dias. Não vai viajar, vai?

— Não.

— Ótimo. Daqui a pouco estou aí.

— Jamie, talvez fosse melhor... Jamie? Ele desligou, Donovan. Está a caminho de meu apartamento.

Donovan colocou as mãos nos ombros dela, procurando acalmá-la.

— Não há problema. Ele pode ficar lá.

— Mas espera que eu esteja lá.

Dessa vez a resposta demorou um pouco.

— Se você quiser...

— Não. Quero ficar aqui com você. Mas preciso dizer a Jamie onde estou e por quê.

— Você não lhe deve explicações elaboradas. Já é adulta. Tem todo o direito de viver a própria vida.

— Sei disso.

— Coloque seu casaco e vamos até lá. Você pode receber Jamie e acomodá-lo. Depois a gente volta para cá. Ele vai ficar bem. Está acostumado a morar sozinho.

— Eu sei. Vem para cá exatamente para não ficar sozinho, e é por isso que me sinto tão culpada.

— Mas você disse que não quer ficar no apartamento.

— E não quero mesmo!

— Então podemos fazer outra coisa. Podemos passar algum tempo com ele todas as noites. Posso conseguir entradas para um show, ou, se ele preferir, um jogo de basquete.

Aquilo acabou provocando nela um sorriso, embora sofrido.

— Você tinha razão quanto ao basquete, sabia? Não é tão ruim quando se chega a conhecer melhor as regras e assistir a uns... seis ou sete jogos, foi isso?

— Por acaso é uma reclamação? — quis saber ele.

— Não — declarou ela, passando os braços ao redor do pescoço forte. — Adoro vê-lo torcer. Muito bem, vamos até meu apartamento.

Dez minutos mais tarde estavam os dois lá, acendendo as luzes e ligando o aquecimento central. Em seguida acomodaram-se para aguardar a chegada de Jamie, o que ocorreu vinte minutos mais tarde. O cabelo continuava em desalinho, mas os trajes eram mais sofisticados do que habitualmente. E ele carregava uma valise. Liz apresentou Donovan, de quem Jamie não tirara os olhos desde que a porta se abrira. Percebeu um pouco de arrogância e cinismo na atitude dele, mas lembrou a si mesma de que o irmão precisava de algum tempo para adaptar-se às mudanças.

Por sugestão de Donovan, foram jantar fora, e, se Jamie não falou muito, Donovan fez o que pôde para alegrar o jovem. Liz percebeu os olhares do

irmão de tempos em tempos, mas não disse nada sobre o apartamento. Quando voltaram, não teve alternativa: — Bem, querido... você sabe onde guardo as coisas, aqui. Pode dispor do apartamento como quiser. Eu vou... ficar com Donovan.

O rapaz foi apanhado de surpresa.

— Você vai o quê?

— Ficar com Donovan.

— Calma, Lizzie, não é motivo para isso. Nunca precisei do apartamento só para mim. E não seria bom dar trabalho ao pobre homem.

— Posso garantir que não é trabalho nenhum — respondeu o "pobre" homem, que começava a ficar irritado com o tom de Jamie.

— O que Donovan está tentando dizer é que agora moro na casa dele.

Jamie relanceou os olhos pelo apartamento.

— Qual o problema? Tem algum vazamento de água ou aquecimento com defeito aqui?

— Não. Simplesmente resolvi morar com Donovan.

— E por que faria uma coisa dessas? Está recebendo chamadas obscenas ou algo parecido? É por uma questão de segurança? Porque, se for, estou aqui para...

— Não é esse o caso — interrompeu Liz. — Você não entendeu bem. Donovan e eu já estamos morando juntos. Gostamos um do outro.

O jovem a fitou fixamente por um instante, depois deu uma gargalhada.

— Essa é boa! Nunca pensei que escutaria isso de você.

— Por que não?

— Quero dizer, olhe-se no espelho. Não é exatamente uma tentação...

— Espere um pouco — interveio Donovan, e foi contido por ela.

— Pode deixar comigo. Continue, Jamie. Diga o que queria dizer.

— Vamos, Lizzie... você nunca foi namorada. Era tão casta como o papel de parede lá em casa. E, depois que partiu, sempre levou uma vida de freira. Espera mesmo que eu acredite que conseguiu um amante... ou melhor, que ele conseguiu você?

— É exatamente o que espero que acredite. E também espero... acho que tenho o direito de esperar... que você fique feliz por mim.

— Direito? Que direito você tem? Maldita seja! Escutou o que papai disse. Você não é nada...

— Já chega!

Outra vez a mão de Liz conseguiu com que Donovan controlasse os nervos.

— Deixe que eu resolvo esse assunto. Existe muita coisa que preciso dizer a Jamie, e já faz algum tempo — afirmou ela, voltando-se depois para o irmão. — Papai estava errado. Completamente errado. Finalmente percebi isso, e graças a Donovan.

— O que esse homem pode ter visto em você?

— Fiz-me a mesma pergunta centenas de vezes. E ainda faço, quando duvido da resposta. Mas Donovan sabe, e isso é o que importa. Ele me ama, apesar de todos os defeitos que tenho. E qual é o problema? Não vou deixar de gostar de você, nem de fazer o que puder para ajudar. Não precisa se sentir ameaçado. Fiquei assim por semanas, até perceber que era tolice.

— Não me sinto ameaçado por ele.

— Então por que ficou tão chateado ao saber que estou morando com ele?

— Não estou chateado. Só estou... chocado. Você, morando com alguém como ele... é incrível!

— O que quer dizer com "alguém como ele"?

Liz sentia-se irritada. Uma coisa era ser agredida, outra era ver Donovan humilhado. Mas o irmão explicou: — Não há nada de errado com ele, ao contrário. Tive a impressão, pela nossa conversa ao jantar, que é uma pessoa impressionante, simpática e bem-sucedida. Pode escolher qualquer mulher. Mas escolheu logo você...

— Liz, acho que a gente devia ir andando. Você não precisa escutar esse tipo de...

— Não, Donovan. Quero dizer mais — afirmou ela, voltando-se para o irmão: — Você vem me rebaixando há anos. Claro, não da forma como papai fazia, mas de um jeito mais sutil. Julgame responsável por tudo o que sofreu, e talvez minha maior culpa tenha sido deixá-lo pensar assim. Convivi com minha culpa por muito tempo. Culpa em pensar que poderia, de alguma forma, ter evitados as surras que papai...

— Puxa, Liz, na frente dele não!

— Ele sabe de tudo, mas não é isso que importa. O que importa é que não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Eu também apanhei, Jamie! Onde estava você quando precisei de ajuda?

— Eu era uma criança!

— Eu também! Sofri na hora, e sofri muitos anos depois, mas nem uma vez você veio me apoiar ou consolar. Não, deixava que eu acreditasse em tudo o que papai dizia, e me via como a criança insignificante que ele devia imaginar que eu fosse. Mas agora chega. Já sofri demais com isso. Parece que o Dr.

Branowitz não chegou a analisar esses sentimentos com você, ou, se chegou, pode ser que acredite em sua opinião sobre mim. Só que eu não sou assim, Jamie!

Ela parou para tomar fôlego, mal reparando na expressão de surpresa do irmão.

— Agora já crescemos, e precisamos deixar esse passado desagradável para trás. Pode ser que eu nunca chegue a ser estonteante, mas estou longe de ser feia e repulsiva. Meus amigos gostam de mim e meus colegas de trabalho me respeitam. Agora tenho Donovan, que me ama. E quer saber de uma coisa? Eu amo Donovan — declarou ela, olhando-o de soslaio. — E a resposta é sim. Sem dar tempo a nenhum dos dois, Liz continuou: — Amo Donovan e vou me casar com ele. Ficaria muito feliz se você aceitasse esta relação, porque gosto muito dos dois. Amo-o, Jamie. É meu único irmão. Gostaria de dividir com você o que Donovan e eu conseguimos. Nossa vida vai ser maravilhosa, diferente daquela que eu e você conhecemos. Se achar que não consegue aceitar, então eu o respeitarei e continuarei minha vida nova, porque nada, nada, vai lançar sombra nenhuma no que tenho pela frente. Vivi na escuridão por muito tempo. Você também. Pense um pouco nisso, Jamie.

Quando Donovan passou-lhe o braço pelos ombros e sorriu, Liz ergueu os olhos. Sua expressão era de orgulho e de amor.

— Esse homem fez uma lavagem cerebral em você.

Os dois dirigiram-se para a porta.

— Se foi isso mesmo, devo dizer que adorei, porque nunca me senti mais feliz em toda a minha vida.

— Aquilo lá em cima era sério? — quis saber Donovan, abraçando-a.

— Cada palavra! Puxa, como foi gostoso!

— Você me ama?

— Amo.

— E vai se casar comigo?

— Agora mesmo.

— Acho que vai demorar um pouco mais do que isso. Existe um pequeno problema legal para resolver.

— Problema legal? — espantou-se Liz, arregalando os olhos.

— Não é o problema que nos juntou, sua boba. É por causa de outra lei. Aquela que diz ser necessários exames de sangue e proclamas de casamento.

— Bem, se é essa lei, acho que posso deixá-lo resolver — disse ela,

suspirando. — Afinal, é você que tem amigos nos altos cargos políticos, não é? Mas uma coisa eu digo: se encostar um pouco mais em mim seremos presos por atentado ao pudor. Ainda não permitem que se faça amor na rua.

— É, acho que tem razão. Venha. Vamos logo para casa.

— Essa foi a melhor idéia que você teve a noite inteira.

Pouco mais tarde, quando Liz saiu do banheiro, não conseguiu encontrar Donovan no quarto. Deparou com ele no corredor.

— Onde você estava? Fiquei preocupada.

— Acabei de ligar para Jamie. Vamos nos encontrar no escritório amanhã, à hora do almoço.

— Você não precisa fazer isso.

— Preciso, sim. Você ainda está zangada com ele, mas amanhã à tarde já vai querer voltar atrás. Eu também. Se a gente pensar bem, Jamie está se sentindo perdido. Passou por coisas ruins na vida e pode ser levado a acreditar que você o abandonou. Não tenho certeza sobre se vai entender direito tudo o que lhe foi dito esta noite, especialmente no que se refere a vir passar mais tempo conosco. Quero reforçar tudo, com mais calma. Não sei se vai adiantar, mas acho que não me perdoaria se não tentasse.

Por um instante, Liz ficou sem fala. Então abraçou com força o homem que amava.

— Já lhe disse que é uma pessoa maravilhosa?

— Não é isso que preciso escutar. São outras palavras...

— Eu te amo? Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Liz ainda repetia a fórmula mágica quando Donovan a tomou nos braços, carregando-a para o quarto.